

# SERÕES

N.º 67 — Janeiro 1911

COMP. 112  
ABR. 1940



ARS, V TINAM MÖRES  
ANIMAM QVE EFFINGERE  
POSSES PVLCHRIOR IN TER-  
RIS NVILA TABELLA FORET  
MCCCCLXXXVIII

Museu d'Arte. — GHIRLANDAIO (1449-1494) Escola italiana. — Joanna Tornabuoni

## Summario

### MAGAZINE

PAG.

EDUARDO DE NORONHA (Frontispicio) . . . . .	2
GARRETT (4 illustrações e 2 vinhetas) por FIDELINO DE FIGUEIREDO . . . . .	3
A NORA E A SOGRA (7 illustrações e 1 vinheta) por WENCESLAU DE MORAES . . . . .	18
O REALISMO NA MUSICA (9 illustrações) . . . . .	
A ESTRELLA DOS MAGOS E A SCIENCIA (1 illustração e 2 vinhetas) . . . . .	28
PENSAMENTOS DE TOLSTOI (4 illustrações) . . . . .	31
COMO SE EDUCAM OS AMERICANOS (8 illustrações) por ALFREDO DE MESQUITA . . . . .	36
A CULTURA DAS ARVORES ANANS NO JAPÃO (19 illustrações e 1 vinheta) . . . . .	43
TRANSFORMAÇÃO DAS FLORES E DOS FRUTOS EM METAL (4 illustrações e 1 vinheta) . . . . .	50
EM BUSCA DO IDEAL ( <i>Versos</i> ) por ODUVALDO VIANNA . . . . .	53
UMA INTERESSANTE DESCOBERTA (4 illustrações e 2 vinhetas) . . . . .	54
O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA (2 vinhetas) por CARNEIRO DE MOURA . . . . .	57
APOS A RETIRADA DOS PARCEIROS ( <i>illustração</i> ) . . . . .	60
RESENHA PORTUGUEZA (8 illustrações e 1 vinheta) . . . . .	61
THEATROS (2 vinhetas) . . . . .	66
PELO MUNDO FORA (9 illustrações e 1 vinheta) . . . . .	69
CHRONICA DA MODA (7 illustrações e 1 vinheta) . . . . .	76



# Diccionario Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugueza: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

## Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes :

**Lingua portugueza**

**Locuções latinas e estrangeiras**

**Historia e geographia**

### **O Texto**

apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**,

**pronúncia figurada** (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brasileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

**Locuções latinas e estrangeiras**, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

**Noticias biográphicas**, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portugûesa e brasileira;

**Monographias de obras de arte famosas**: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

**Personagens e typos** symbolicos, literários, sociaes.

---

## ILLUSTRAÇÕES

**6:000 gravuras** distribuidas no texto.

**110 quadros encyclopedicos**, 3 dos quaes a côres.

**1:000 retratos** de individualidades celebres, portugûesas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

**90 mappas geographicos**, 8 dos quaes a côres.

---

### Preço da obra completa

Num volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

**3\$000 RÉIS**

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

**CADA TOMO, 500 RÉIS.**

# Serões



Historia \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Sciencia

Romance \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Arte

Actualidades \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ etc. \_\_\_\_\_

Magazine Mensal Ilustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres  
e artistas portugueses e brasileiros.

*Assignatura annual, 2\$200 réis*

*Semestre, 1\$200 réis*

*Numero avulso, 200 réis.*

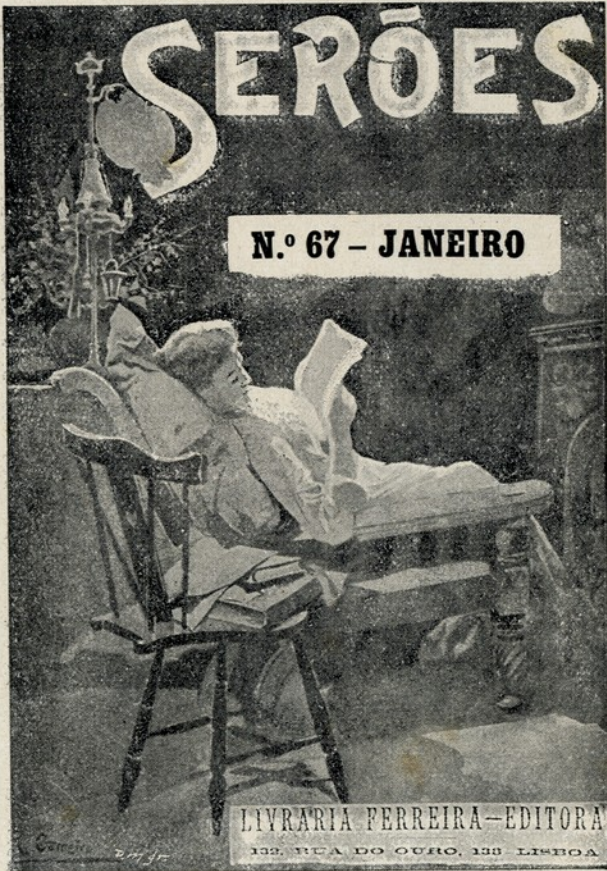
**Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados**

---

**Atenção:** Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o  
indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario**  
**Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao **DICCIONARIO**.

# SERÕES

N.º 67 - JANEIRO

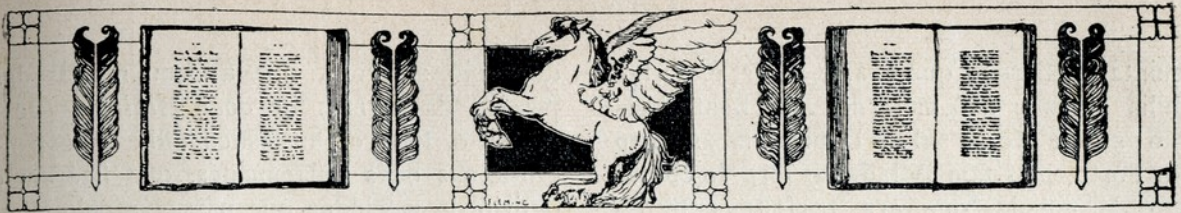


LIVRARIA FERREIRA-EDITORIA  
132, RUA DO OURO, 133 LISBOA



## *Eduardo de Noronha*

Os **SERÕES** cumprem hoje o devêr de prestar a sua homenagem ao illustre escritôr que durante dois annos esteve dirigindo a nossa Revista. Se todos admiram o escritôr, todos que o conhecem admiram o homem, — pois é igualada pela generosidade do seu espirito a maravilhosa fecundidade da sua penna.



# Garrett

A vida. — O homem, seu caracter moral e esthetico. — A sua evolução artistica, explicada por aquelle.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu no Porto, em 4 de fevereiro de 1799, duma honesta familia da burguezia conservadora, em uma casa da rua do Calvario, hoje assignalada por uma lapide commemorativa :

CASA ONDE NASCEU  
AOS 4 DE FEVEREIRO DE 1799  
JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO DE ALMEIDA  
GARRETT

MANDOU GRAVAR EM RECORDAÇÃO  
DO GRANDE POETA  
A CAMARA MUNICIPAL D'ESTA CIDADE  
EM 1864

Seu pae foi Bernardo da Silva, sua mãe Anna Augusta de Almeida Leitão. Em 1804 a familia passou a habitar a quinta do Castello, na margem sul do Douro, onde decorreu a infancia do poeta até 1811, anno em que todos partiram para a Ilha Terceira, patria de outros parentes, entre elles os Garrett, dos quaes o escriptor tomou o appellido por que havia de tornar-se conhecido. Fôra este exodo determinado pela ul-

tima invasão francêsa, a do commando de Massena.

Mais tarde este exilio tornou-se ainda mais opportuno pela explosão do liberalismo e das consequentes guerras civis, no decurso das quaes os tios do poeta, espiritos litteraria e politicamente classicos, forcejaram por o educar nas suas convicções politicas, nas suas crenças religiosas e no seu gosto litterario. Se em 1816 a partida para o continente não salvasse Garrett dessa suggestão suffocante, por certo que o seu espirito orientar-se-hia por outra via, inteiramente oposta ; seria, em litteratura, um arcade retardatario, em politica absolutista, e professionalmente optaria pelo sacerdocio, onde tinha, pela protecção dos tios ecclesiasticos as maiores garantias de exito. Já então Garrett demonstrava uma vivacidade que o indispunha contra essa influencia absorvedora, e muitos annos depois reproduzia reminiscencias duma delicadeza tão subtil que faz estranhar que essas recordações se não apagassem, se não diluissem em meio das pesantes suggestões duma educação antiga : «Eu passei os primeiros annos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castello, que era de meu pae, e a grande



quinta do Sardão que era, e ainda é, da família de meu avô materno, José Bento Leitão; ambas são no sul do Douro, ambas perto do Porto, mas tam isoladas e fóra do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que alli viviamos, e que ficou sendo sempre para mim o typo da vida feliz, da unica vida natural n'este mundo. — Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda choro de saudades apesar do muito que me ralhava ás vezes, era a chronista mór da familia, em particular da capella e da quinta do Sardão, que ella julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escurial. Contava-me ella entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que tambem n'aquellas coisas «se mentia muito»; que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha apparecido embrulhado num lençol passeando á meia noite em cima dos arcos que trazem a agua para a quinta: o que era inteiramente falso porque «ella estava certa que, se o sr. José Bento podésse vir a este mundo, não se ia embora, sem apparecer á sua Rosa de Lima. — E arrazavam-se-lhe os olhos de agua, ao dizer isto, luzia-lhe na bocca um sorriso de confiança, que ainda agora me faz impressão, quando me lembra. A verdadeira poesia é esta, é a que sae d'estas suas fontes primeiras e genuinas. . . » Uma outra creada, Brigida, da quinta do Castello, adormecia-o á toada dos romances populares, como a *Nau Cathrineta*; e da epoca da Ilha Terceira, como documento da sua viveza, existem, além dos fragmentos epicos, as *Odes Anacreonticas*, inspiradas pelo primeiro impulso da puberdade.

Manifestada com energia a sua incompatibilidade com a vida ecclesiastica, decidiu-se pelo direito, em que se formou bacharel no anno de 1821.

Apesar da apathia geral, a mocidade de Coimbra agitava-se, discutia, lia Voltaire e representava mesmo as suas tragedias; afoitava-se até a alguns ensaios tragicos. Garrett lançou-se na voragem, sentiu-lhe os enthusiasmos e contribuiu com as suas tragedias, primeiras tentativas dramaticas, depois abandonadas. A revolução do Porto, pela sua significação e por brotar da sua terra natal—onde agora mais o prendia um

devaneio amoroso, que animou muitas das poesias da *Lyrical de João Minimo*—desvairou-o. Essa enthusiastica adhesão expandiu-a nas odes inflammadas, que fizéram o delirio da mocidade que passeava pelo Mondego os seus arroubos. Isso lhe trouxe indisposições familiares, e sobre todas foi-lhe particularmente sensível a indiferença desdenhosa de seu tio, D. Frei Alexandre da Sacra Familia. O *Retrato de Venus*, de 1821, considerado obsceno pela censura, e maculado de racionalismo, importou-lhe um processo litterario, de que se defendeu com successo.

Após umas curtas ferias na Terceira, estabeleceu residencia em Lisboa, onde teve a nomeação de official de secretaria do ministerio do reino, e onde casou em 1823 com D. Luiza Midosi. Alguns annos depois separaram-se os dois esposos, tornando-se como estranhos um ao outro.

Depois do golpe de estado de 1822, por que D. João VI supprimiu a Constituição, entrou-se num regimen de perseguições, e Garrett, que começava a ser conhecido, refugiou-se em Inglaterra. Calcula-se o effeito deste forçoso exilio aos 23 annos, deixando a esposa. No seu *Diario de Viagem* ha bastante dessa vibração emocionante da partida. Regressando a Lisboa antes da solução dos acontecimentos, foi preso e expulso.

No exilio leu e estudou, sob o estímulo da conveniencia duma familia inglêsa de Egbaston, no condado de Warwick. Lançado das tumultuosas convulsões da patria, que eram a crise dum regimen e uma crise moral, pôde gozar a contemplação da felicidade que dá a austérea união do «home», fundamentado sobre principios e amizades. Percorreu a Inglaterra do sul, viu as velhas ruinas evocadoras da idade média, glorificadas de tradição e de lenda, aureoladas por esse prestigio rehabilitador que avultava na Europa do norte, communicou-se á espontaneidade da litteratura ingenua do povo, conheceu o poder do contacto entre o artista e o povo, contacto, symbiose intima que fizéram a gloria de Shakespeare, que fariam a gloria de Dickens. E no espirito, trabalhado de tantas revelações, orientado obscuramente ainda pelas correntes novas do sentimento e da esthese, accordaram as reminiscencias da arte popular portugêsa, e da separação, da antinomia quasi, entre o

publico de Portugal e os seus artistas, sentiu os artificios frios duma litteratura de erudição e academias. Então as tradições inglézas eram objecto duma devota attenção. Grupavam-se collecções, mais pela curiosidade esthetica, que pelo interesse scientifico, que foi sua consequencia. Longe de Portugal, a saudade idealisava-lhe a patria, uma patria pequena

que quasi se sumia, desorganizando-se convulsamente, em meio do firme caminhar das grandes nações. O intuito nacionalista do romantismo fê-lo comprehender a significação moral de dois poemas nacionaes, que foram *D. Branca* e *Camões*. O exilio foi uma conversão. Voltou a Portugal, trazendo para a litteratura portugueza o novo gosto romantico e gestando em espirito o interesse pelas tradições nacionaes, que

posteriormente o levou a colleccioná-las.

Lançou-se na politica, de que soffreu todas as consequencias, calumnias, perseguições, vexames. Lançou-se no jornalismo, prejudicando a gravidade do espirito, e viu os seus jornaes suspensos, as redacções dissolvidas. Na imprensa e na politica passou os annos de 1826 e 1827. Quando D. Miguel foi jurado rei absoluto e se encetou uma quadra de forcas e caceteiros, reemigrou para Inglaterra, onde recommçou o trabalho litte-

rario na tranquillidade calma do isolamento. A *Adozinda*, de então, foi o primeiro testemunho do seu culto pelas tradições populares. Na legitima apprehensão do que se tornaria D. Maria II, sujeita á influencia dissolvente do tio, procurou influir na sua instituição com as cartas que formaram o *Tratado de Educação*. Estas e outras pequenas

obras, publicadas no exilio, alli circulavam principalmente, porque o interesse artistico quasi se obliterára no reino, por entre as incertezas de uma situação de destemperado arbitrio pessoal, e porque os emigrados eram em tão grande numero — e um verdadeiro escol intellectual — que por si podiam constituir publico.

Todavia a circulação era difficil, e as edições ora se faziam com dinheiro emprestado ou com prévia certeza de

subscrições que cobrissem a despeza, não fossem ainda aggravar a dolorosa situação, em que Garrett se encontrava, só com o parco subsidio de emigrado politico. Muitas vezes teve de recorrer á bolsa de Gomes Monteiro, negociante e bibliographo, e, num dos exilios, a um emprego modesto numa casa commercial.

Em 1831, reuniu-se em Angra ao exercito constitucional. Desde então até á solução do antagonismo dos dois partidos, a sua



ALMEIDA GARRETT

actividade divide-se. Como soldado desembarca no Mindello e toma parte no cêrco do Porto. Como cooperador na legislação reformadora, elabora para Mousinho da Silveira a lei da abolição das forcas e das contribuições a particulares, da extincção dos dizimos, da divisão da auctoridade fiscal, administrativa e judiciaria, o parecer sobre o código administrativo, presta collaboração no código de processo judicial e nas leis criminaes. Em 1832 foi a Inglaterra numa embaixada de que era secretario, e que D. Pedro enviava ás potencias a pedir apoio para a sua causa. Dissolvida essa embaixada, Garrett viu-se abandonado em Londres, donde passou a Paris, e dali para Portugal, no anno seguinte.

A politica portugueza era um digladiar-se de dois partidos; os cartistas ou liberaes contemporisadores, que discrecionariamente optaram pela carta constitucional de D. Pedro IV, e que para com os miguelistas propunham uma politica de attracção; e os revolucionarios que pretendiam a convocação das côrtes constituintes, para solverem a questão, como representantes da soberania nacional. Garrett era por estes. Para ser afastado, recebeu, no anno de 1836, a nomeação de encarregado de negocios na Belgica, e que foi esse o intuito da nomeação prova-o o desdem com que o deixaram debater-se nas maiôres difficuldades de dinheiro numa capital estrangeira, transferindo-o depois para Copenhague, e logo o demittindo antes da posse.

Pela revolução de setembro de 1836, o partido de Passos Manuel, rasgadamente liberal, entrou no poder, e Garrett pôde experimentar uma vida mais desafogada de retaliações pessoas. Da amizade com os dictadores se valeu para a realização do seu plano, que o trabalhava desde 1834 — anno em que o nome e a obra de Gil Vicente lembraram — a reanimação do theatro nacional. Fez crear a Inspeção dos Theatros destinada a regularisar e a estimular a vida artistica, e a Escola de Declamação, preparatoria de actores. A censura official passou do poder civil para um jury de peritos do Conservatorio, creado por seu alvitre em 1836, cujas memorias impressas testificam abundantemente as idéas litterarias dessa cooperação. Provido no cargo de Inspector dos Theatros, exerceu-o gratuitamente até

á brusca exoneração imposta em 1838. Ainda por sua iniciativa e diligencia fundou-se e construiu-se, em 1836, o Theatro de D. Maria II. Acompanhando todos estes esforços materiaes, da realização esthetica do seu plano, fez representar em 1842 *Um auto de Gil Vicente*, o primeiro drama historico nacional, que juntava á opportunidade da revivescencia do theatro, o interesse da comemoração do seu fundadôr, cuja estatua coroou a fachada do novo edificio. Desde então, desprezando as intermittencias incongruentes da politica, Garrett occupou uma situação prestigiosa. Chegára á maturidade plena, *O Frei Luiz de Sousa* e as *Viagens na minha terra*, confirmaram a sua consagração. Interpretou-se a sua acção litteraria reformadora. Tornando-se echo de essa verdade, Herculano proclamou-a, annunciando a primeira edição integral das suas obras. «Nas obras do sr. Garrett, como poeta, ha além do merito extraordinario, que as distingue, uma circumstancia que lhes dá o primeiro logar na litteratura portugueza do seculo XIX, e vem a ser — que ellas começam o periodo da transição entre a velha Escola chamada *classica*, e a da Escola, que denominam *romantica* e que nós chamamos ideal, nacional e verdadeira.»

Começou a ser traduzido. Este triumpho moral e material tornou-se um ascendente, apesar das vaias politicas. Em 1851 entrou nas discussões parlamentares sobre a convenção da Propriedade Litteraria, e, sendo chamado para o ministerio dos estrangeiros, foi demittido cinco menses depois, muito sumariamente e sem explicações. Todavia, em meio de tantas e tão desencontradas situações, Garrett soube embréchar a vida litteraria com a da politica e entre os ardôres da luca e o desanimo das decepções, colleccionava o *Romanceiro* e lançava as *Folhas Cahidas*.

Precocemente envelhecido de cansaço, morreu na noite de 9 de dezembro de 1854, com 55 annos incompletos, acompanhado da filha unica, na casa da rua Saraiva de Carvalho, que hoje é assinalada pela legenda:

NO DIA 9 DE DEZEMBRO DE 1854  
FALLECEU N'ESTA CASA O POETA PORTUGUEZ  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

E por baixo:

FOI ESTA LAPIDE FEITA NAS OFFICINAS DE  
SERGIO AUGUSTO DE BARROS  
E ASSENTE NA DITA CASA  
NO DIA 25 DE JULHO DE 1865 — AO MEIO DIA

As exequias realisaram-se a 12 na igreja de Santa Izabel. No funeral, para o cemiterio occidental, alguns amigos transportaram o caixão, dispensando o côche real. Não houve discursos academicos, nem officiaes; só Silva Tullio disse algumas palavras de compungido adeus e Rebello da Silva orou um improviso eloquente de sinceridade; o poeta Luiz Augusto Palmeirim recitou uma poesia de Mendes Leal e um representante das classes artisticas expressou a sua admiração pelo escriptor finado. No terreiro externo ao cemiterio, a tropa deu as descargas de homenagem ao ex-ministro de estado. Foi tudo.

Em 10 de novembro de 1868 inaugurou-no theatro de D. Maria II — sem discursos, nem representação official — o seu busto, obra de J. Anastacio Rosa. E em 3 de maio de 1903 foram as suas cinzas trasladadas, com honras nacionaes, para os Jeronymos.

Physicamente, é assim retratado por Gomes de Amorim: «Era de estatura regular ou antes mais alto do que baixo; tinha agradável presença, ar distincto e composto, a fronte alta e saliente, o nariz e a bocca, apesar de grandes, não desharmonisavam as feições do rosto, que era comprido. Os olhos, entre garços e verde-mar, grandes, crystalinos, limpidos e um brilho ao mesmo tempo esplendido e sereno! Estes e os labios delgados, onde parecia, quando conversava, pairar de continuo o sorriso de fina e delicada ironia, davam-lhe pronunciada expressão de soberania, que a inveja e a ignorancia traduziam por orgulho. Tinha côr pallida morena, usava suiça muito curta, e pequenina pera ou mosca: a côr preta da barba e a meia pallidez do rosto realçavam-lhe certo ar de melancholia sympathica.»

Moralmente, é o mais representativo dos romanticos portuguezes. Os homens, que viveram longos annos na convivencia, familiar os livresca, dum passado todo regrado de composturas e conveniências, que a desolação fatalista sempre antepõe ao presente, quando

um dia se lançaram na voragem dos cataclysmos sociaes reformadores e essa participação se elaborou em conclusão moral, adquiriram, no maior numero de exemplos, uma duplicidade de character que torna incoherente a sua conducta e a deixa inexplicada se não recorreremos ás continuas erupções do fundo moral primario.

Todos somos avidos de emoções, mas ha naturezas, em que a busca continua e insaciada da emoção é um fim na vida e lhes dá uma concepção á parte; são aquellas, para as quaes cada acto vale como objecto de gozo, e que em toda a sua conducta procuram, pela variedade, evitar o enfraquecimento da emoção que a repetição necessariamente produz. Sem esse effeito da repetição sobre as emoções, a vida seria inesgotavel manancial de belleza. Apercebem-se desse effeito os que incessantemente procuram a variedade. Quando S. Kierkegaard procurou traçar os limites entre a vida esthetica e a vida moral, partiu da consideração de esse effeito. Toda a vida tende accommodar-se ao meio, e a accommodação significa uma economia de esforço, um menor dispendio de energia, e portanto uma mais facil actividade. E' pois um ganho, geralmente considerado; é, ao contrario, uma perda, no ponto de vista do sentimento. O numero de esperiencias possiveis é necessariamente limitado, forma um circulo, diz M. Höffding, de sorte que em breve se repetirão, e com a repetição, as emoções vivas attenuar-se-hão. Ora quem tiver da vida uma concepção esthetica e a ella conformar a sua conducta, olhará todos os actos como simples objectos de gozo, portanto, evitará a repetição, ao contrario dos que procuram uma conducta moral, que desejarão justamente essa repetição, como meio de facilidades sempre crescentes. Vê-se já como é opposta a conducta do estheta e a do moralista; este, no exercicio duma profissão, procurará aquella a que mais facilmente o seu character se pôde adaptar, e desejará, pelo effeito da repetição quotidiana, attenuar o esforço a dispender, economisar energia, facilitar a tarefa, libertando quanto possivel a maior porção de *eu*; ao invés, o estheta buscará a novidade emotiva, a variedade incessante, fonte de surpresas, porque não tem um fim superior a guiá-lo, mas só persegue fins accidentaes. No amor, o mo-

ralista procurará constituir uma solida familia, fundamentada sobre uma communhão completa quanto possivel, o que só consegue pela identidade dos caracteres e pelo trato diario, pela repetição; o estheta borboleteará por mil amores ligeiros, sem alcance moral.

Mas o estheta, evitando a repetição, abstrahê dum caracter dos sentimentos, porque, pela novidade, busca a violencia, e de embate em embate, vae passando, sem se ater na profundidade dos sentimentos. Quando um sentimento tem um conteúdo rico de elementos, este não se desdobra á primeira recepção na consciencia, não lhe sentimos logo a complexidade abundante, mas só por effeito da repetição, que assim se torna, contra o que julgam os que na vida só anceiam emoção, primacial factor do prazer. Sentimos os hymnos e as canções, porque nos produzem uma emoção nova e que contrasta com o estado anterior da consciencia, mas em breve a repetição nos embotará a sensibilidade para elles; inversamente a repetição das audições de Wagner e das leituras de Anthero não faz mais do que assegurar-nos a differenciação do seu abundante conteúdo.

Ora Garrett foi dos homens mais avidos de emoção da nossa litteratura, um estheta pela conducta, e por isso um sensual ligeiro e voluvel nos amores, um superficial no pensamento e na arte, tudo assentando sobre um fundo herdado, de attitudes calculadas, de compostura, de conveniencia, de decôro, de *classicismo*. Não foi uma dessas grandiosas figuras, cuja pureza, cuja coherencia são um motivo na vida, e cuja admiração é para os outros um bem. Só o ingenuo e gratissimo Gomes de Amorim o deificou á idolatria. Foi todavia uma individualidade caracteristica, representativa, e a gloria coroou-o, chamando para elle a natural curiosidade de se conhecer o involucro mortal donde irradiou alguma coisa menos mortal.

Documentemos dois dos traços mais caracteristicos da sua personalidade: a sentimentalidade impulsiva e a vaidade. A primeira lançou-o em mil amores contradictorios, rastejantes uns, por snobismo outros, por supposta realidade muitos. Não comprehendeu esse justo sentimento egualitario de respeito pela mulher, que a eleva de odalisca ou guardiã do lar — os dois pólos

actuaes da sua vida — a companheira de todas as situações, ou mesmo, quando a si se baste, a um mundo moral completo e livre. A educação domestica e religiosa, toda de timidez e feminilidade, que fez ministrar a sua filha, bem o mostra. Amava as mulheres, como fonte superior de emoções e prazeres. A aureola litteraria e o exito amoroso obrigavam-no a uma exteriorisação adequada, que elle já naturalmente possuia. Usava cabelleira postiça para disfarçar a cicatriz duma ferida que lhe produzira a queda dum cavallo. O toucador era quasi um laboratorio de complicados apparatus, que fizeram o espanto de Herculano, quando elle, para passar algum tempo na Ajuda, se fez preceder dum enorme estojo recheado. Quando ministro dos estrangeiros, travou correspondencia com muitos consules sobre as modas das cidades em que eram representantes, sobre perfumes e particularidades da vida elegante, e converteu um official da sua secretaria em seu alfayate.

Muitos mysterios occultava na sua vida, mas nenhum com tão obstinado recato, como o da idade, que encurtava em muitos annos; aos cincoenta e três, dizia vagamente que tinha quarenta e tantos. Levava os seus disvelos ao ponto de fumar, segurando nos cigarros por uma pinça de metal, para não queimar os dedos. A sua vaidade, tornando-se em desejo de sempre apparecer em primeiro plano, foi causa de muitas circumstancias da sua vida. Tomaram um tal character de puerilidade e fraqueza que foram glosadas em anedotas celebres. Para a sua vaidade contribuiu tambem a adulação, porque, a par da horda de inimigos que o chasqueavam irreverentemente, havia serventuarios que o exageravam; já no tempo de Coimbra, num pequeno circulo de amigos, era cognominado o *divino*. Procurou sempre ser deputado, e em 1840, quando foi nomeado chronista-mór do reino — cargo em que só fez uma leitura publica introductiva — logo desejou que esse cargo fosse honrado, tendo inherente alguma categoria, e foi *serviço da real casa*.

O seu impulsionismo irregular patenteia-se nas cartas intimas, por vezes começadas jocosamente e fechadas gravemente, ou com um *post-scriptum* que de certo modo contradiz o texto anterior. Em grande parte da sua correspondencia particular, após des-

culpas de desleixo, só fala de si e dos seus livros. Prodigalisava-lhes cuidados meticulosos. Elle mesmo redigia os annuncios das

res, em que a vaidade se expande até ao enfa- tuamento, como no muito ridiculisado prologo da 2.<sup>a</sup> edição das *Viagens na minha terra*.

4

### Os Cinco Sentidos .

<sup>ver</sup>  
São bellas, — bem o sei, essas estrellas;  
Mil cores — divinas tem effeis flores;  
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:

Em toda a natureza  
Não vejo outra belleza  
Senão a ti... a ti!

<sup>ouvir</sup>  
Divina — ai, sim sei a voz que affina  
Sombrosa — na ramagem densa, umbrosa;  
Será; mas eu do som mol que trina

Não ouço a melodia;  
Nem sinto outra harmonia  
Senão a ti... a ti!

FAC-SIMILE DAS DUAS PRIMEIRAS ESTROFES DOS CINCO SENTIDOS  
(Memorias biographicas por Gomes d'Amorim, tomo III)

obras recém-apparecidas e aos jornalistas fornecia todos os apontamentos que lhes facilitassem a sua tarefa de analyse e de elogio. Eram seus os prologos attribuidos aos edito-

A liturgia das salas acatava-a com respeito, como materia de religião dogmatica, e nas cartas á filha fixava-lhe os tratamentos de etiqueta, com a insistencia de quem

põe nisso particular empenho e importancia. Tinha em muito as suas veneras, que o sinete reproduzia integralmente, e, quando foi agraciado com o grande officialato da Legião de Honra, protestou por julgar merecer a Grã-Cruz. Zurziu os barões e foi visconde.

Foi sempre benevolo para os que se acolhiam ao prestigio do seu nome; de Gomes de Amorim foi intimo e proveitoso amigo. Porém, se o ferissem, guardava profundo sentimento que escoava, pouco a pouco, por ironias pungentes, em que era fecundo. Na intimidade, dizem os que assim o conheceram, essa ironia tornava-se um attractivo da conversa e a sua vaidade quasi se apagava na singeleza com que se abandonava, cedendo ao mesmo impulsionismo dos sentimentos. Para elles o arrependimento e o remorso são expiação bastante do mal.

Foi com este substratum psychico, uma verdadeira vocação litteraria e um talento rapido e prompto, porém com a superficialidade quasi sempre inherente á facilidade, que elle soffreu os embates da vida. A quasi contínua idealisação artistica foi um refugio que o poupou do naufragio moral, em que fatalmente sossobriria, se mais forte fosse a acção erosiva da politica. No fim da vida ia tomando o character gabarola e impudico que a senilidade produz aos sensuaes esgotados. Contava aventuras da mocidade e grupava, com uma ironia em que se percebe vaidade, os nomes das amantes que mais o impressionaram, da forma que consta dum apontamento intimo:

«Os sete peccados mortaes.

Podia ser o titulo de um volume curioso, em que se contassem meus 7 principaes namoros:

- 1 — *Soberba* — Izabel H.
- 2 — *Avareza* — Thomazia.
- 3 — *Luxuria* — Bauhia.
- 4 — *Ira* — L.<sup>a</sup> R.<sup>n</sup>
- 5 — *Gulla* — Rosa Robinson.
- 6 — *Inveja* — Julia R.<sup>n</sup>
- 7 — *Preguiça* — Lady Pagt.»

Uma vez chegou a vangloriar-se de poder, ao mesmo tempo, «aguentar seis namoros.»

A morte poupou-o a um ridiculo triste, aliás, diria ainda como aquelle Rodolpho, canalhamente immortal, de *Flaubert*:

«On dit qu'elle avait été ma maîtresse.

Pff! Dans ce temps-lá toutes les jolies femmes on me faisait la grâce de me les attribuer. C'était le beau temps tout de même. Ah! Il est loin. Prenez vous quelque chose?»

Nos tempos mais repousados dos ultimos annos, no tempo aureo do *Frei Luiz de Sousa*, das *Viagens* e das *Folhas Cahidas*, Garrett chegou a estabelecer uma distribuição de horas. Levantava-se ás 6 horas e trabalhava até ás 9, hora em que almoçava frugalmente. Em seguida trabalhava, se não sahia a alguns dos seus cargos, e jantava ainda frugalmente ás 5, dormindo depois um momento.

Escrevia em cadernos de grande formato, onde collecionava os originaes primeiros. Depois fazia uma primeira revisão, em que emendava muito, e copiava uma ou mais vezes, consoante a redacção era ou não definitiva; em cada copia introduzia novas emendas. Emendava mais na prosa do que no verso, menos no fim da vida que anteriormente. O original primeiro era tanto mais proximo da redacção definitiva, quanto maior a facilidade com que brotára. Frequentemente marcava com algarismos a variante de rima. Concebia facilmente e redigia com rapidez. O *Frei Luiz de Sousa* foi a sua obra mais meditada, mas escripta com a mesma prompta facilidade.

Taes fôram os traços primaciaes duma vida, que se manteve correcta e isenta, perante as sancções da corrente moral, e dum homem que foi dos que mais têm procurado e soffrido este «inferno de amar».

E' evidente que o character, que acabámos de esboçar nas feições, que mais estaveis se mantiveram durante as variações da vida, teria de imprimir á obra artistica um cunho particular, qualidades ou anomalias, cuja consideração facilita a sua interpretação. Procurando fixar as epocas que mais notorias se salientam na sua evolução artistica, o criterio não póde deixar de ser o seguinte: estabelecer essas epocas como periodos longos sem variantes de vulto, mas decorrendo entre variações maximas. E então achar-se-ha, que, além das duas extremas que marcam os limites da vida, apparecimento e desaparecimento, ha, no caso de Garrett, duas principaes, a estada no estrangeiro, determinada pelas circumstancias politicas, a maturidade artistica, consequencia

da propria evolução biologica. Serão pois três as épocas da sua evolução artistica: a época que termina com os exilios, ou phase pre-romantica; a phase romantica, propriamente dita, e a da plena maturidade.

São documentos da primeira época os fragmentos, *O Retrato de Venus*, *Lyrical de João Mínimo*, *Fabulas e contos*, *Odes ana-creonticas*, 1.º livro das *Flores sem fructo* e as *Tragedias*. Os seus primeiros ensaios épicos, de que restam fragmentos, no plano classico, com posição e invocação, são

litteraria de Garrett, nessa phase, é um acadismo retardatario, com todas as consequências da artificialisação, que delle soffrera o classicismo: imitar as litteraturas classicas por intermedio da imitação franceza. Caracterisemos essa phase. Tem-se pretendido attribuir ao *Retrato de Venus* uma intenção de symbolismo. Sendo Venus, para o auctor, personalisação da mulher e do amor, a que viriam os realistas da vida quotidiana, como os flamengos, e os pintores de batalhas, como Vernet e Le Gros? Ainda



CASA DE JOANNINHA, DO VALLE DE SANTAREM  
(A' direita, a janella da *Menina dos rouxinoes*)

frios, da frieza da arte que se não sentiu, nem viveu. A corrente romantica não era prevista em Portugal, seria o proprio Garrett quem a havia introduzir, uma vez que as viagens lhe revelassem a nova esthese. Ainda hoje não é possivel dizer-se até que ponto teriam preparado a atmospheria, influindo sobre o gosto, as traducções de obras europeas, nem mesmo explicar o caso particularissimo de um auctor do seculo XVIII, o padre Theodoro de Almeida, apresentar caracteres simultaneamente, dum classico e dum romantico. De sorte que a actividade

mais: numa obra symbolica tem de manter-se a harmonia e a homogeneidade esthetica, toda a composição da obra deve exprimir symbolismo; e desta forma, não teria cabida a intensão, demasiado real e estranha ao espirito do symbolismo, dos nomes dos pintores, caracterisados individualmente, e maculando a obra, cuja forma devia ser abstracta. Estas incongruencias, a existencia dum canto consagrado aos pintores portuguezes e o bosquejo historico que segue o poema, me conduzem á convicção de que o poema teve só um intuito didactico, que a torna acade-



mica e anodina. Só os vinte annos lhe communicaram de ondê em onde alguma vida, com a ardencia sensual da idade, ainda despertada pela lembrança dum modelo vivo e presente, que fez adequar o poema a uma lisonjaria amorosa. (V. os ultimos versos.)

Nas outras lyricas ainda deste primeiro estadio, patenteia-se á evidencia o elmanismo, rythmico sim, mas frio, com as alternadas repetições empolantes. A admiração de Bocage e Filinto, os tios da Ilha Terceira, tinham despoticamente assenhoreado o seu estro nascente. Chegou mesmo a adoptar um nome arcadico, Junio Duriense. Por isso, elle versejava sem espontaneidade, só correctamente, suppondo que as formas poeticas eram só um capricho do artista, que o sentimento mentiroso de uma vida de restrictas e banaes emoções poderia animar a poesia. Foi este constrangimento que fez abortar o arcadismo. E Garrett era então só um arcade retardatario. Conhecia a natureza só através dos adjectivos sonoros de Bocage e Filinto, uma natureza de Driades e Naiades, bosques umbrosos e fontes frias, convencionada segundo um scenario fixo. Separado do grande movimento de rehabilitação da natureza que entrava na arte, jorrante e impetuoso, versificou nesse primeiro periodo monotonos epicedios, odes e lyricas mediocres, de que só destacam as nove pequeninas *Odes anacreonticas*, ligeiras e faceis.

Com a vocação litteraria brotára logo o instincto dramatico, que naturalmente seguiu o caminho arcadico, num tempo em que sobre elle pesava a educação e a convivencia dos tios na ilha, e o isolamento mental de Coimbra, uma pequena e esquecida cidade de provincia, onde a Universidade se tornára reducto do passado. Este primeiro aspecto classico estende-se até 1822, anno do primeiro exilio. Sob essas influencias e a da leitura dos tragicos da decadencia, escreveu *Xerxes*, *Lucrecia*, *Merope*, *Sophonisba*, *Atala* e *Catão*. Só *Merope* e *Catão* chegaram até nós. *Merope* tem por acção — não póde bem dizer-se o quê — talvez as angustias pungentes duma mãe, que, durante cinco actos, lastima a ausencia dum filho e as incertezas que tem sobre a sua vida, preciosa por ser a unica reliquia escapa á matança do tyranno Polyphonte. Mas esta matança que mobil teve, que precedentes? Porque foi *Merope* poupada? Pretendê-la-hia o tyranno

para esposa? E' o que parece inferir-se, mas a proposta de Polyphonte, nesse sentido, é tão inesperada, tão pouco preparada, que a acção dilue-se e perde-se o fio, sem se saber se caminha para um desfecho de abnegação, como o casamento de *Merope*, para garantir a vida de seu filho, Egistho, se para a vingança na pessoa do tyranno. Conjugam-se os dois, o primeiro como intenção, o segundo como realidade, que torna impossivel o sacrificio. Parece uma satisfação á consciencia puritana dos dezoito annos, o castigo do tyranno e a reintegração da desthronada dynastia, o que é mais melodramatico do que tragico. As personagens não têm vigor, são meros instrumentos dum esboço primeiramente delineado que as leva aonde a necessidade do enredo as conduz e não aonde as deviam conduzir as proprias disposições naturaes. Frizo isto para mostrar como a *Merope* é uma representativa amostra da decadencia do genero; o que justamente distingue a comedia e a tragedia é, segundo a formula de Brunetièrre, que na primeira acção se passa de fóra para dentro, emquanto na segunda, se passa de dentro para fóra, isto é, determina-se pelos caracteres das personagens. Ora esta noção perdera-se já no tempo de Garrett. Os lances profundos e dramaticos não têm vigor de expressão, e a coloração grega é minima. Da composição da tragedia, a regra que ainda era acatada era a das unidades, e Garrett manteve-as, segundo o usado processo do seculo XVIII; a de lugar, porque os cinco actos decorrem todos junto do tumulo de Cresphonte; a de tempo, porque as personagens entram e sahem, acotovellam-se na movimentação maxima possivel em vinte e quatro horas; a de acção existiu no espirito do auctor, mas compondo, diluiu-a, sem a complicar de outras acções, deve observar-se.

Mas não era só na composição que o theatro tragico agonisava, a sua decadencia mostrava-se tambem no seu espirito, tornava-se philosophico e social, quando, pela origem, elle fóra essencialmente psychologico. Para subsistir, ia condescendendo com o publico, recorrendo ao exotismo estravagante ou á doutrinação, como fizera Voltaire. Foi tambem o que Garrett fez, quando em 1821 compôs *Catão*, sob a influencia enthusiastica da revolução de 1820. Nessa tragedia ha já uma palpitação nervosa, que

faz sentir a identidade da acção com o momento politico; a austeridade de Catão vencido exprime a anciedade dos vintistas ante o regresso de D. João II. A acção, passando-se numa sociedade virocentrica, a romana, e num curto momento da sua historia, decorre sem uma personagem feminina. Póde ser explicado. Porém, onde a fraqueza esthetica mais se evidencia, é no proprio decurso da acção, que se arrasta lentamente por cinco actos extensos — Garrett reconheceu-o — e afastando-se successivamente

esparso, que tem a vantajosa consequencia de preparar essa aureola moral, em que o vemos surgir no ultimo acto, presidindo á sessão do senado. Estavam esgotados os antecedentes explicativos necessarios, seguia-se logicamente a tomada da cidade e a morte de Catão, mas as regras impunham os cinco actos, e elle teve de encher o terceiro, evidenciando a preocupação moralista dos romanos naquella crise social e descrevendo a defeza da cidade; o quarto com um episodio estranho á acção principal, a morte de



CASA DE JOANNINHA, DO VALLE DE SANTAREM, VISTA DA ESTRADA

o desenlace sempre previsto; a morte de Catão. Queria o poeta exalçar a liberdade, a santa aspiração que póde mesmo realisar-se na morte, como libertação da tyrannia, e para ambiente moral cumpria desenhá-la a preocupação assustadiça dos animos. Fez ambas as coisas, mas por uma fórmula que ellas resultaram pequena acção para cinco actos. No primeiro põe a acção e descreve os traços differenciaes dos caracteres. Catão não figura, mas as outras personagens tanto nos falam delle, que póde dizer-se que o desenhá-las, embora por um processo

Porcio. Finalmente, Catão afigura-se ao espectador muito pouco distincto das restantes personagens e portanto parece, com taes antecedentes, injustificada a sua posição de destaque. O proprio Garrett o reconheceu.

Das idéas criticas do poeta, durante esse primeiro estadio da sua evolução artistica, é um documento o *Bosquejo da Historia da Poesia e da Lingua Portuguêsa*. Considerando a litteratura portugueza independentemente das correntes estrangeiras e da solidariedade geral, seccionou-a segundo o seu criterio pessoal, rythmicamente, pelas altas

e baixas, não sem certa justeza de vista. Na sua epoca, é que não soube reconhecer a simples fallencia do arcadismo e a consequente hesitação até á reforma romantica, de que elle foi portador. Da idade média só conheceu as falsificações de Alcobaca, ainda então não exautoradas pela critica philologica. Mas viu como o classicismo tinha já implicito o germen da propria decadencia, a servil imitação. E, sequentemente, o seu *Bosquejo*, é uma serie de notas pessoases sobre os escriptores que lhe iam lembrando, na sua desprovida solidão. Falando de Borage usa duma independencia, que tornou as paginas a elle consagradas as mais justas do *Bosquejo*.

De todas as naturezas e de todos os meios, que Garrett penetrou, foi a natureza baça de Inglaterra e foi o modo ser nacional inglês que mais o impressionaram e que elle mais fundamente sentiu. A relvagem placida e triste, na sua monotonia plangente, sob um céu sempre toldado, as ruinas povoadas de duendes pela phantasia popular, a integridade austera e sem alarde da familia inglesa, pragmatica, conservadora, mas affavel, tocaram-no fundamente. O seu sentimento impetuoso de meridional, creado ao sol descoberto pelos campos alegres, chocou-se fortemente, e esse choque dir-se-hia ter-lhe dado o sentimento muito intimo, quasi inapercebido, da inferioridade dum povo, modorrento á luz forte, só em crispações sensuaes. Por isso toda a vida, em pleno borboletear sentimental, elle evocou sempre como um remorso pungente a recordação do interior inglês. Dessa estada no estrangeiro, trouxe Garrett a convicção das novas idéas litterarias do romantismo, reflexo que eram da geral transformação psychologica e social que se operava. Mas Garrett conheceu principalmente o aspecto litterario, menosprezou mesmo o aspecto philosophico e conheceu menos o aspecto historico, que predominou em Herculano. Foi tambem o Romantismo a ultima época de individualidades, pujantes na propria diversidade, cuidadas no cultivo do *eu*, porém mais no lado sentimental. Regressando a Portugal, as proprias qualidades de Garrett haviam soffrido uma hypertrophia e elle punha-as ao serviço da acclimatação de alguns dos caracteres do romantismo, que foram principalmente: dominio da forma sobre o fundo,

queda das regras do theatro, adopção de outros modelos, transformação dos estylos, alargamento dos motivos, regresso á tradição nacional e communicação com o povo, confusão dos generos, morte da epopéa historica, nascimento do drama historico, transformação e grande desenvolvimento do lyrismo.

Começou servindo esse novo ideal pela publicação de *Camões*, em verso branco e em estancias sem numero de versos fixo, o que já era revolucionario. A acção é cheia de incoherencias e inverosimilhanças — não falo de erros historicos — que marcam a fraqueza de concepção que sempre entibiou a obra de Garrett. Que ingenuidade seria suppor *Camões* ainda no impulsivo entusiasmo da paixão aos quarenta e seis annos, se não fosse a total incapacidade de os romanticsos se impersonalisarem! O encontro e a amizade com o conde, supposto pae de Nathercia, são dessas impossibilidades na vida quotidiana, tão claras que nem pôde esquecer-las um romantico. Artisticamente todavia é evidente o progresso. Aproveita as situações, como na scena da chegada, que é um quadro completo, no primeiro plano a acção, no fundo a casaria da cidade, tudo descripto só com as vagas tintas de vagos sentimentos, salientando-se mais o effeito sentimental da paizagem do que a propria paizagem. A exaltação sentimental, a sinceridade do culto de *Camões*, a identidade de situações e o prestigio da lenda amorosa do épico deram ao poema nervo, palpitação, força de lyrismo, mais violento porém do que profundo. Brotou da alma, idealizou emoções sentidas. Mas a incapacidade de realisar as grandes situações é evidente. O apparecimento do espectro de D. Manoel pedia o genio dum Eschylo, dum Shakespeare; Garrett fez uma descripção apathica e sem o menor poder de lyrismo. Como não era um pensador, mas um observador sensorial, não embutiu na sua obra, nem particularmente no poema, nenhuma concepção universal ou da vida; mas da sua elegia ergue-se um scenario proprio, tristonho, crepuscular, que revivesce sempre a cada leitura. O Canto V pretendeu talvez ser um substratum symbolico das canções camoneanas. E' forçoso confessar que se approximou do psychismo de *Camões* quanto era possivel sem minucias estylometricas,

nem identidade de forma. Tem o caracter autobiographico de revista de todas as vicissitudes, sempre attenuadas por um grande sonho amoroso; não tem porê m aquelle idealismo platonico que colloca o amor de Camões tão alto que é difficil relacionar essa quasi abstracção philosophica a emoções reaes, nem tem o elemento petrarchista. O grande erro foi fazer da leitura dos *Luziadas*, extensa parte da acção, sem poder extrahir-lhe novos recursos artisticos, fazendo sómente uma repetição, menos que uma paraphrase. Em *D. Branca* a mesma fraqueza de concepção. Chamou-se primeiramente tambem *A conquista do Algarve*, o

que parece evidenciar o dualismo da acção ou que os amores de *D. Branca* eram só pretexto, o primeiro plano do vasto quadro da conquista do Algarve. Mas não lhe corresponde a estrutura do poema. Só na segunda parte se fala da conquista, e desta apenas os aspectos concernentes aos amores de *D. Branca*. Garrett não salientou o facto predominante, e assim o poema tornou-se uma paraphrase da tradição

dos amores duma princêsa longinqua. Os assaltos, os combates, os raptos e as evocações de feitiçaria são pedestal demasiado incongruente com a fraqueza e a passividade duma princêsa resignada. A nota bellica e a nota mystica não fôram feridas na intenção superior de caracterisar espiritualmente a idade média, são contiguidades fortuitas da tradição.

O aspecto fundamental da actividade litteraria de Garrett foi o theatro historico, que encetou durante a segunda época da sua evolução litteraria. Quatro peças marcam os estadios da realisação desse plano, que era afinal a comprehensão muito clara do romantismo, cujos caracteres foram apon-

tados: *Um Auto de Gil Vicente*, 1838; *D. Filippa de Vilhena*, 1840; *O Alfageme de Santarem*, 1841; e o *Frei Luiz de Sousa*, de 1843, que marca já o acumen da sua productividade artistica. No *Auto do Gil Vicente* quiz reproduzir a época esplendorosa do principio do seculo xvi, o tempo de *D. Manuel*, quando andava no espirito de todos o orgulho da empreza da India, frizando num primeiro plano o antagonismo das indoles litterarias de Gil Vicente e Bernardim. A primeira parte — a época — não foi conseguida; a segunda fê-la, porque sobre Gil Vicente corria uma opinião falsa

que possibilisava o antepô-lo, com desfavor, a um lyrico. Não conseguiu significar o alcance politico e social da época de *D. Manuel*; pretendeu reconstruí-la nas conversas banaes de algumas scenas, sem a participação de nenhuma grande figura das guerras e das emprezas maritimas, na figura dum rei bonacheirão, na silhueta tenue de Garcia de Rezende, alguns estrangeiros e o nome de Pedro Nunes. E' pouco. Sente-se um ar de calma caseira e futil que não era



SCENA DO «FREI LUIZ DE SOUSA»: — *Ninguém!*  
(Quadro de Lupi)

daquelle tempo de emprezas de exito dubio, de complicações internacionaes e de incertezas pelas armadas. O povo, acabrunhado, sceptico de tantas emoções nem, através do popular Gil Vicente, figura. Tem, pois, de se pôr de lado a intenção do auctor para considerar a peça só como uma intriga amorosa, enquadrada na côrte, com a côr temporal da representação do auto e das ligeiras referencias a sentimentos e a preocupações da época. Na comedia, *Filippa de Vilhena*, Garrett quiz reproduzir um episodio da agitação de 1640, «um áparte d'esse grande drama». A scena nodal é a abnegação de Filippa armando os proprios filhos para a lucta. Não ha en-

sejo de discutir as mais fraquezas de composição da peça, apenas disfarçadas pela complicada acção, aliás ver-se-hia nella uma das obras menos reflectidas do auctor, que até a appropriou a um intuito de lisonjaria á familia real, que assistia. No *Alfageme de Santarem*, embrêchando a reconstrucção da época e a acção, a peça diluiu-se em pequenas ephemerides de importancia desigual no decorrer da acção, e digo isto porque o auctor dramatico, na divisão em actos, deve procurar estabelecer as gradações naturaes da acção, por um processo de observação objectiva.

São desta época as cartas, que intitolou *Tratado de Educação*, a que me refiro, porque fornecem dados, que juntos com as inferencias das obras, appoiam a conclusão a extrahir. Disse elle: «O fim geral da educação é fazer um membro util e feliz da sociedade», definição em que abrange os dois aspectos: individual e social. Porém, na defensão da sua these pôs sentimentos e idéas já no seu tempo censuraveis. Não propugnava pela democratização, pela generalização da educação, dando-se ao individuo o maximo desenvolvimento que pode comportar, mas defendia a idéa de que a educação se devia diversificar por classes, em graus differentes, num alargamento progressivo, como uma parabola, até ao infinito. O ponto de partida era a cabana proletaria, o infinito o throno. Junto do throno pára todo o criticismo do Garrett: «Este infinito porém não é o mathematico, é o infinito social, o throno...»

Pelo seguimento mostra acceitar, pedagogicamente, um regimen de castas fechadas e abstraher de todo o progresso, aperfeiçoamento e remodelação social. No romance *O Arco de Sant'Anna*, a mesma fraqueza de concepção e composição, só havendo que evidenciar a verdade com que descreve as multidões.

Na ultima phase da sua vida litteraria, lançou o *Frei Luiz de Sousa*, as *Viagens* e as *Folhas Cahidas*, as suas mais bellas obras; a primeira abre uma excepção no seu methodo de trabalho, foi mais meditada; a segunda e a terceira são o requinte maximo da propria indole. As primeiras peças de Garrett passavam-se todas estranhas aos dramas intimos da familia, que são o campo preferido pelo theatro moderno e nordico; no

*Frei Luiz de Sousa*, é justamente um caso de familia a acção e tambem o mais caracteristico da vida domestica do seculo xvi, época da acção. Emquanto nos dramas, a acção é que impulsiona as personagens, neste é a propria situação dos personagens que determina o caminho da acção. Mas o proprio Garrett confessou que fôra a sua obra mais meditada. Isso deu ao drama — que não tragedia — aquella composição admiravel, em que nada falta e nada sobra, e o embrêchado da época e da acção é tão intimo, que o incendio, episodio da época, é elemento integrante da acção porque determina a mudança para o outro palacio, onde se dará o desfecho; o sebastianismo de Telmo é tambem integrante parte da acção. E como as personagens têm certa independencia, que totalmente falta nos dramas restantes, mostram tambem algum vigor nalgumas qualidades predominantes, a independencia activa e patriotica de Manuel de Sousa, a feminilidade de Magdalena, a precocidade de Maria. Não falo de psychologia, ella não existe no theatro romantico, todo subjectivo e lyrico, por isso mesmo que era a condemnação do theatro classico, todo objectivo e psychologico. Usam dum dizer confuso os criticos, quando affirmam que Garrett creou a tragedia moderna; como a creou elle, sem psychologia? Deveriam dizer que *Frei Luiz de Sousa* tem resistido ás variantes do gosto, porque tem um character que lhe dá um logar áparte entre o theatro romantico, e é esse character o conservar alguns dos traços do theatro classico, a saber: prologo diffuso pelas falas primeiras do primeiro acto, uma das formas de prologo, segundo a classificação classica; unidade de acção, aspecto predominantemente moral desta, unidade de logar e de tempo. E é romantico pela côr temporal da época e pela falta de psychologia; os classicos nunca comprehenderam que a propria historia pudesse ser objecto de theatro, como reconstituição e não como quadro. M. Jules Marsan, na *Revue d'Histoire Littéraire*, mostrou como essa idéa só logrou exito no romantismo. Tal é, pois, a conclusão moderna; o que subsistiu do theatro romantico não é uma antecipação, é uma perduração do classicismo, como o provaram Brandes e Brunetière.

Nas *Viagens*, obra sem unidade, incon-

gruente na variedade, de estylo facil e divagações a proposito, Garrett attingiu summa belleza. E' que as *Viagens* são a expansão natural do seu character, facilidade, superficialidade, variedade e sentimentalidade; são um correr da penna, em que a sua phisionomia moral e intellectual deixou o mais vivo documento. As descripções bellas, como a disputa dos campinos e varinos, e a merenda de Joanninha e da avó, são só plasticas, pictoricas, porque a observação de Garrett era principalmente sensorial. A edade só lhe deu scepticismo, nunca profundeza.

E' bella e verdadeira a carta final, em que justamente retrata o seu borboletar amoroso, com uma frescura e sequencia de linguagem, uma espontaneidade, um tal poder de descripções evocadoras, que lhe dão uma feição de sinceridade, que em nenhuma obra de Garrett se repete.

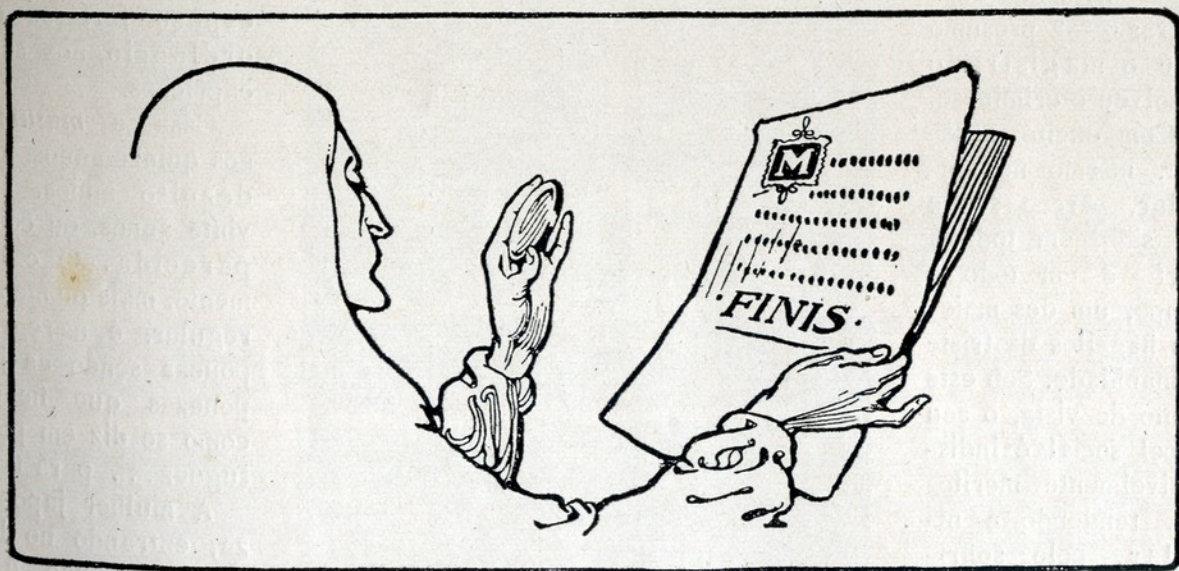
Tambem nas *Folhas Cahidas*, lyrismo sensual, apenas espiritualizado pela allegoria vaga, pela imagem, attingiu uma expressão de belleza admiravel num quasi sexagenario. Mas, por triste compensação, cêdo o seu espirito manifestou velhice, e ainda nos legou documentos dessa prematura decadencia, em

*Helena*, obra futil e, só por esse significado, com interesse. Vê-se então que elle desconhecia a feição do proprio talento, pois pensava em fazer historia. Porém, sentiu, bem vivamente, o romantismo; se não conseguiu a restauração, antes, a creação do theatro nacional, foi por lhe faltar a continuidade da tradição litteraria e do gosto do publico, e acima de tudo, porque as proprias feições do espirito o impediam de qualquer obra, que exigisse persistencia, observação e estudo profundo. O intuito nacionalista do romantismo, ninguem o sentiu melhor, mas na sua realisação, sem a impetuosidade romantica, pôs sempre uma frieza, uma tal falta de sinceridade — a probidade na arte — que mais fazia as obras, do que as escrevia. A natureza externa, — o céu, o mar, a luz, a vegetação, a côr —, sempre andou longe da sua obra, e quando figura é como subsidio, para favorecer o effeito pretendido, portanto sem independencia pictorica. Era isso uma recordação da sua educação arcadica.

Taes são os caracteres duma vida, dum character e duma obra bem representativas na moderna litteratura portugêsa.

Lisboa — Dezembro de 1910.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.





# A nora e a sogra

Relance da familia japoneza

No momento solemne de ter de julgar um criminoso, certo magistrado europeu, esquecido de alguns artigos do codigo em vigor, voltava-se para

um seu collega e perguntava-lhe baixinho qual é a pena maxima que cabe a um bigamo. O collega, que certamente era casado, deu em troco: — «Aturar duas sogras.»—E presumo que o magistrado absolveu o criminoso.

Com effeito, a sogra, mesmo no singular, parece ser e ter sido, em toda a parte e em todo o tempo, um dos maiores flagellos da triste humanidade. Sob este ponto de vista, o seu papel social é indiscutivelmente meritorio, tendendo a nivelar, pelo soffrimento, os homens de todas as raças e de todos os paizes. As linhas que seguem

pretendem ser, dentro dos limites das investigações a que por habito me dou, como que um reflector de luz, que venha pôr em evidencia, no campo da vida familiar, o

vulto corcovado da velha rabujenta, impertinente, despotica, cruel, que é a sogra no Japão, como é em qualquer sitio. Aqui, porem, atura-a, em regra, a esposa; o esposo furta-se de ordinario aos seus caprichos.

Casa a *musumé*, aos quinze annos, aos dezoito annos, aos vinte annos, ou coisa parecida. O casamento, mais ou menos regular, é a regra; poucas sendo as japonezas que ficam, como se diz em portuguez... para tias.

A mulher japoneza, entrando no lar domestico, não é a noiva pimpona das nossas sociedades do Occidente, a qual, sob



禮 婚 (一其) 姑 と 嫁 訓 教 庭 家

GERIMONIA DO CASAMENTO

o seu diadema de flores de laranjeira — frescas ou artificiaes —, enceta uma existencia de triumphos, vem ter a sua casa, vem mandar, vem dirigir, empunhando galhardamente o sceptro de soberana, embora o seu modestissimo dominio se limite a tanto, ou menos, como dois quartos, mais a sala e a cosinha. A mulher japoneza não vem ter coisa alguma e não vem mandar em nada. Escrava, na infancia, de seus paes, de seus irmãos, transita apenas de poiso para poiso, para vir ser escrava do marido e da familia do marido, occupando entre todos o infimo logar.

primeiro dever do japonéz é respeitar seus paes e seus avós, em quanto vivos, e prestar-lhes culto, em altares, após a morte; e, como este culto nunca cessa, cumpre-lhe ter filhos, que perpetuem, em sacerdocio hereditario, as praticas devotas. Para isto casa, e só para isto; conhecendo, muitas vezes, a noiva, só no dia do noivado; em todo o caso, sendo ella escolhida pelos paes e por elles arranjado o casamento, sem que o noivo tenha de preoccupar-se com o assumpto.

A esposa entra no lar para obedecer á vontade do marido e dos parentes d'elle,



A MAÇAGEM

O principio fundamental da familia japoneza é a prole. . .

A proposito: — e qual é o principio fundamental da familia do Occidente? — Não ha (não levo em conta o prestigio de um dote, ou de um titulo, ou da cifra de um salario, etc.). Nos casos mais honestos, e felizmente mais communs, a familia, na nossa raça branca, é a consequencia fortuita, eventual, de um sentimento impulsivo: — o amor, a sympathia—.

Bem. Como eu ia dizendo — foi o leitor que interrompeu? . . . — o principio fundamental da familia japoneza é a prole. O

particularmente da sogra, que é quem em especial se incumbe de guial-a na vida e nos deveres caseiros, aconselhando-a, admoestando-a, corrigindo-a: — Prestar obediencia á sogra e servil-a com respeito, — fica por esta maneira definido, pouco mais ou menos, o inteiro programma nupcial de uma mulher.

Os tempos modificam os costumes, claramente. Nos grandes centros e no seio das familias abastadas, o modernismo vem abrandando estes rigores; porem na vida dos humildes, e sobretudo nas aldeias, longe de influencias estranhas, ainda o lar offerece as mesmas characteristics que apontei.



A linguagem, sempre digna de consulta escrupulosa, quando tenhamos de estudar os sentimentos e os costumes nacionaes, é elo-



PREPARANDO O JANTAR

quentissima n'este caso. O termo equivalente a — esposa — quasi que não existe na lingua japoneza; o seu synonymo é de ordinario — *yomé* (nora). — Não se dirá — escolher esposa para o filho; — diz-se — escolher nora para o filho. — Não se dirá — que um homem tomou esposa; — mas sim — que tomou nora. — Não se dirá — que uma menina vae casar; — mas sim — que vae ser nora. — Em torno do facto social, que é o matrimonio, ficam na sombra, esquecidas, como vemos, as contingencias meramente secundarias (reparem os leitores, repare as leitoras: — *meramente secundarias!* . . . —) das relações de esposo e esposa; para apenas persistir uma noção — a nora, — invocando outra logo — a sogra, — e ambas suggerindo ao pensamento a serie de relações de servidão que a nora deve á sogra e os vexames que supporta. No casamento japonez, em uma palavra, não ha esposa; ha nora.

Ainda a linguagem, nos seus travessos aphorismos, nos vem esclarecer bastante, sobre os mysterios do lar, n'este Nippon. Diz o povo: — «*aki nasubi yomé ni kuwasu ná*» (a beringela do outomno não se dá á nora). — Expliquêmos: a beringela, abundantissima no Japão durante o estio, e baratissima, é alimento vulgar do povo, em seus repastos; mas no outomno rarêa, tornando-se um artigo caro, um acepipe, de que todos acaso provarão, menos a nora, á qual se não offerece.

A mãe do dono da casa, isto é, a sogra, é quem geralmente preside á refeição, cabendo-lhe o encargo de dividir os quinhões, de distribuil-os; á nora, evidentemente, pertence o infimo quinhão. Diz então o povo: — «*kochi no atama yomé ni kawasé*» (offerece-se á nora a cabeça do *kochi*). — E acrescenta logo: — «*shútomé shirazu no mi gá atta*» (e ella regalou-se com os pedacitos de febra de que a sogra não deu fé). —



PENTEADO DE SOLTEIRA

Expliquêmos ainda, mesmo porque o exemplo é instructivo: *kochi* é um peixe do Japão, do genero (mettâmos grego e latinorio) *pla-*

*ticephalus*; succulento, apetecível, mas de cabeça chata, composta só de escamas e de espinhas. Todos comem da carne, excepto a nora, a quem a sogra serve a cabeça do peixe por quinhão. No entretanto, cerca dos olhos e de cada lado da cabeça, occulto por uma placa ossuda, existe um minúsculo pedacito de alva febra; a nora conhece, por experiencias repetidas, esta particularidade anatomica do *kochi*; apressando-se em devorar essa tal febra, antes que a sogra a veja e lh'a cobice...

Citarei um ultimo aphorismo: — «*yomé mo shútomé to naru*» (tambem a nora será sogra). — Donde se depreheende que a esposa, isto é, a nora, encontra na existencia uma unica compensação ao seu martyrio: é ser sogra tambem, por seu turno, quando seus filhos se casarem...

Ora, as gravuras que acompanham este artigo traduzem, em flagrante, a inteira epopeia domestica da japoneza em nupcias,



PENTEADO DE CASADA

da sua vida obscura de serva, farta de humilhações e sacrificios.

Eil-a, primeiramente, em atavios de casa-

mento, recentemente entrada em casa, praticando a cerimonia de estylo, a qual consiste em levar aos labios, tres vezes, a taça



TROVOADA DOMESTICA

com *saké*, o vinho indigena. Suppõe-se o noivo cerca, dando-se a identicas libações, e em torno os convidados.

Vêmos depois a nora com o penteado que distingue a casada da solteira.

Seguidamente, a nora apresenta-se amuada a um canto. E' a primeira trovoada domestica, primeira, para depois se succedem outras muitas; é a primeira manifestação do mau humor da sogra, que rabuja, que resinga, acarinhando o gato familiar ao mesmo tempo.

Agora é a faina da maçagem. Comprehende-se que os rheumatismos derreiem a velhota. E'-lhe então doce consolo o estirarse, á noite, sobre as colchas, lendo, fumando; em quanto que a nora lhe vae esfregando e premendo as carnes flaccidas, ao longo das costas, do trazeiro, das pernas e dos pés, durante horas sem fim.

Vemos a nora ajoelhada, preparando o jantar. A velha vigia-a, resmungalhe azedumes,

tocando-lhe nos hombros com o cachimbo. Convem saber que o cachimbo japonéz, com que homens e mulheres se diliciam, compõe-se, n'uma das suas formas mais vulgares, de um longo tubo de bambu, com o boccal e o pequeno forno de latão; em semelhantes condições, é cachimbo e verdasca ao mesmo tempo, se as circunstancias reclamam este duplo serviço.

Por ultimo apparece o menino: A velha rejubila e é forçada a concluir que a nora,

dias derradeiros á chamma vivida d'aquella existencia que começa...

Quanto á nora, quanto á mulher no seu largo periodo de esposa, convem talvez que a gente se não dê á tarefa de felicitá-la ou de carpil-a. Digâmos que desempenha o seu papel, conforme a sociedade, onde vive, lhe requer. Isto basta. Ella, por si, não se lamenta; a abelha neutra e a formiga operaria tambem se não lamentam, que nos conste. Disciplinada, durante longos seculos, a uma



APARECE O MENINO

no fim de contas, algum prestimo tem. A velha acaricia o monozito, o idolo, que vem perpetuar o nome da familia; embala-o, adormece-o com cantigas, gasta os cobres em guloseimas e bonecos. Em serodios transportes de ternura, aperta-o contra o peito, quizera amamental-o... mas recusam-se a tanto os seios resequidos. Paciencia; a nora servirá de biberon e lavará as fraldas; mas ella, a sogra, não prescinde de nenhum dos seus direitos, cuidará do menino, trocará com elle mil afagos, aquecendo os seus pobres

existencia inteira de dedicações e sacrificios, a hereditariedade, a educação e o exemplo concorrem para que considere natural e harmonico o seu mister no lar. Longe de ser taciturna, ou vingativa, ou brusca de maneiras, em protesto das condições em que se encontra, a japoneza é, pelo contrario, o sorriso em pessoa, a duçura, a cortezia; emfim, uma especie de anjo do paraíso do Buddha, descido a este mundo — perdão: a este Japão —, para espargir a paz, a alegria, a felicidade, preparando-o a altos destinos!...

$\text{♩} = 112$   
AND.<sup>no</sup> MOSSO

(si alza la tela)

NO TERCEIRO ACTO DA «BOHEME» DE PUCCINI: O FRIO

# O Realismo na Musica

*A arte do compositor pode fazer com que a orchestra exprima o movimento do drama tão vividamente como a acção no palco.*

**É** sabido que Shakespeare não só escrevia as suas peças, mas era tambem proprietario e director do *Globe Theater*, onde ainda se encarregava de representar um ou dois dos principaes papeis. A dificuldade da sua tarefa era comtudo materialmente alliviada pelo ar-

ranjo rudimentar do palco nessa época. Um banco de madeira e um letreiro bastavam para figurar o Forum romano, um gibão e os calções do tempo de Isabel tinham de sêr convertidos pela imaginação do espectador na toga purpurea de Cesar. A imaginação do publico era o verdadeiro machinis-

ta. As peças antigas de Racine eram representadas com os fatos Luis XIV. Para encontrar cousa semelhante hoje, podereis transportar-vos á China, a Macau por exemplo: não que o scenario não seja rico, mas a côr do fato da personagem dir-vos-ha se se trata de um vivo ou de um fantasma, e o

O effeito da acção no palco é ampliado pela sua constante reflexão na musica. Por exemplo, representa-se uma scena de neve. Com a ajuda do cinematographo e de uma máchina especial, a scena é representada com tanta verdade que o espectador positivamente treme com frio na sua ca-

The musical score is arranged in four systems. The first system features a vocal line for a character (C) with the instruction "(gridando)" above it, and piano accompaniment with the instruction "(rumore d'uno che ruzzola)". The lyrics "Acci - den - ti!" are written below the piano part. The second system shows a vocal line for "ROD" with the instruction "rapidamente" above it, and piano accompaniment with the instruction "ppp". The lyrics "Col - li - ne, sei - morto?" are written below the piano part, with a note "(lontano dal basso della scala)" indicating the vocal line is far from the bottom of the scale. The third system continues the vocal line with the lyrics "Non an" and the piano accompaniment. The score is in a key with three flats (B-flat major or D-flat minor) and a common time signature.

NO PRIMEIRO ACTO DA «BOHEME»: A DESCIDA

que traz na mão certo panno com uma roda pintada quer-vos significar que vem de carro.

As exigencias foram augmentando, e o romantismo trouxe a preocupação da *côr local* e do rigôr historico. Hoje a toga de Cesar tem de sêr panejada segundo as indicações de um archeólogo, de maneira que cada prega seja conforme ao uso do anno 41 A-C.

Podemos dizêr que a musica na opera seguiu uma evolução semelhante.

deira de velludo. Mas não é só isso. Para que não haja duvida, os instrumentos da orchestra proclamam o mais emphaticamente possivel que está frio, um frio dos demonios, e a illusão é completa.

Supponhamos a abertura do 3.º acto da *Bohème*, composição que gosa da maior simpatia. A scena passa-se numa das portas de Paris, e os vendêdôres esperam fóra da barreira o momento de poderem entrar.

E' uma manhan de pleno inverno, e a neve c ae quando se levanta o panno. Simultaneamente a orchestra inteira faz ouvir duas fortes notas *stac-*

escada do *atelier* situado nas aguas-furtadas. Tropeçam e praguejam na escurid ao, mas conseguem finalmente chegar   rua sem mal de maior. A



A «TROIKA», POR TSCHAIKOWSKY

*cato* imediatamente seguidas d'uma frase gemente que muitos criticos concordam em achar o compasso mais frio de toda a literatura musical. Os dois *staccati* abrindo o compasso s ao

difficultosa descida   habilmente suggerida pela orchestra o, e uma ultima nota profunda indica a chegada a salvamento.

Puccini, comtudo,   nisto apenas



A DOR DE DENTES NA «PRINCEZA DE TREBIZONDA», POR OFFENBACH

como a exclama o: «Apre! que est a frio!», e depois a orchestra prosegue a demonstrar o facto na progress o harmonica technicamente conhecida por «quintas descendentes».

successor de Wagner. Antes do advento de Wagner, a grande opera era s omente o meio de ostentar a voz humana nos seus maiores effeitos. A musica tinha pouca ou nenhuma rela-



A RISADA MEFISTOFELICA NO «FAUSTO», DE GOUNOD

Um interessante exemplo de illustra o musical ocorre no 1. o acto da mesma opera, quando tr es das personagens descem  s apalpadellas a

 a com o texto, e os mesmos trillos e garganteios serviam para exprimir tanto as exclama es de alegria como as demonstra es da mais profunda m agua.

Wagner revolucionou o sistema, tornando a musica não só apropriada ao libretto, mas ainda um meio de transmittir a acção do drama ao auditôr sem a ajuda do libretto. Um esplendido exemplo d'isto é a parte da Walkyria conhecida como a *Cavalgada*.

Nesta composição, Wagner reproduziu com maravilhosa fidelidade o re-

O grande Richard detestava o compositor de operetta e satyrizou-o impiedosamente num pamphleto.

Apparentemente Offenbach não lhe quiz mal por isso, porque adoptou a theoria de Wagner sobre o *leit-motif* em mais do que uma das suas operettas.

A *Princesa de Trebizonda* na operetta do mesmo nome, por exemplo

Moderato.

AS LINGUAS DE FOGO NA «WALKYRIA», DE WAGNER

linchar dos cavallos, o bater dos ferros e o gallopar impetuoso dos cavalleiros.

O thema de cavallos em movimento parece ter tentado muitos compositores. Tschaikowsky propoz-se escrever uma composição para piano com a

soffre d'uma forte dôr de dentes e a orchestra di-lo com aguda energia, do modo mais convincente.

Camillo Saint-Saëns na sua admiravel *Danse Macabre* diligencia descrever um esqueleto dançando sobre o sepulcro.

Moderato

NA «DANSE MACABRE», DE SAINT-SAENS: O CANTAR DO GALLO

*Troika* e o seu *motif*. A *Troika* é um vehiculo russo ao qual estão atrelados tres cavallos numa só mão. O do meio vai a trote, os outros dois seguros aos lados gallopam. O notavel rythmo criado por este sistema está perfectamente reproduzido, não sendo comtudo facil executa-lo no piano.

De Wagner e Tschaikowsky a Offenbach vai grande distancia.

São usados xylophonos para indicar o bater dos ossos contra a pedra tumular.

O esqueleto só pôde ficar até ao romper do dia, e logo que o gallo cante tem de voltar para a sepultura. A lapide cahe com um baque secco. Tudo isto é perfectamente figurado pela orchestra.

Impressionar o auditôr é sem duvida o primeiro dever da musica de

opera. O exito completo conseguir-se-ia quando se provocasse o riso e as lagrimas. Não é comtudo muitas vezes que a orchestra desperta só por si o

mento das vagas na sua *ouverture* do *Oberon*, mas comparada com o oceano de Rimsky-Korsakoff esta descrição maritima é uma azenha.



NA «WALKYRIA», DE WAGNER: O RELINCHAR DOS CAVALLOS

riso, como acontece no 3.º acto do *Fausto* de Gounod. Mephistopheles ali dirige á Margarida uma serenada comica entremeada com riso, que na orchestra echôa de um modo verdadeiramente mephistophelico.

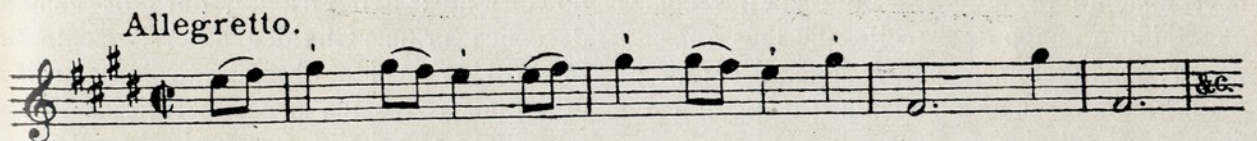
A faina de um navio debaixo d'um temporal deu thema á fertil imaginação de Rimsky-Korsacoff, o eminente compositor russo, na sua *suite* de Scherherade.

A orchestra acompanha o marinheiro Sinbad numa das suas perigosas derrotas, e o rugido da tempestade indicado pela musica é tremendo. Quando por fim o navio é arremessado á destruição, num rufar de tambores e timbales, todos os musicos, desde o primeiro violino aos ferrinhos, ficam

O vibrar das linguas de fogo inspirou a Wagner o *Encantamento do Fogo* da *Walkyria*, e, se no piano pouco se distingue, na orchestra Wagner conseguiu uma versão muito realista do seu assumpto.

São estes uns pequenos exemplos nos quaes compositores eminentes conseguiram fazer a orchestra rir, chorar, relinchar, gallopitar, assoprar com frio e calor, e até soffrer com dôres de dentes.

Estava reservado a Mendelssohn fazer a sua orchestra zurrar como um burro. E' o que succede no *Sonho de uma noite de verão*. A phrase representa Bully Bottom, cuja cabeça foi mudada em de burro pelo divertido Puck.



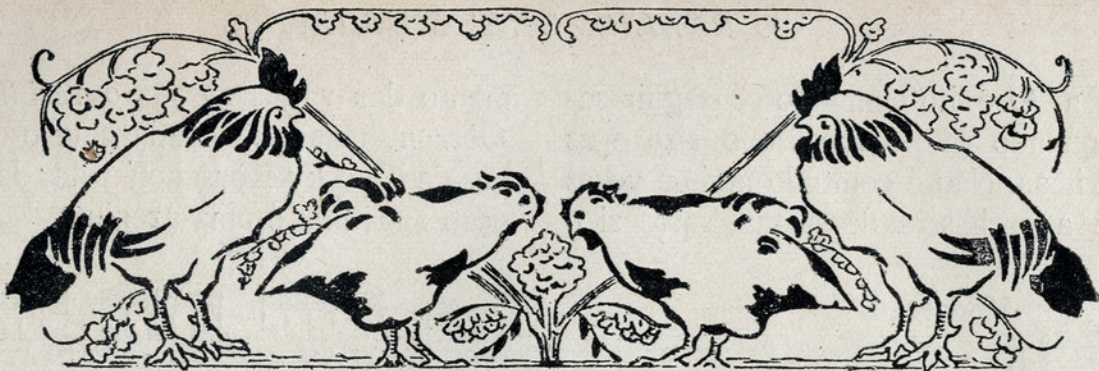
NO «SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO», DE MENDELSSOHN: O ZURRAR DE UM BURRO

banhados de suor, — e o regente partilha da sorte do navio. E' um verdadeiro naufrago.

Weber tentou reproduzir o movi-

Não podemos senão conjecturar se os compositores do futuro se servirão dos automoveis e da telegraphia sem fios para fazerem *leit-motifs*...





## A estrella dos Magos e a Sciencia

*Os modernos christãos, preferindo considera-la como um fenomeno astronomico natural, procuram a sua identificação scientifica. Varias hipoteses.*



STANDO quasi a terminar o reinado de Herodes chegaram os Magos a Jerusalem, e perguntaram: «Onde está o recém-nascido rei dos Judeus? porque vimos a sua estrella no Oriente, e vimos adora-lo.»

Herodes perturbado e receioso, consultou os sacerdotes e escribas do povo; e chamando secretamente os Magos «soube d'elles com exactidão o tempo da estrella que lhes appareceu; e mandando-os para Belem, disse: Ide, e informae-vos bem do menino; e quando o achardes, avisai-me, para que eu tambem indo o adore».

«E tendo elles ouvido o rei, partiram, e eis que a estrella que tinham visto no Oriente, ia diante d'elles... E vendo elles a estrella alegraram-se com muito grande alegria.»

E' esta a historia da estrella de Belem, no 2.º cap. de S. Matheus.

A crença geral, transmittida de seculo em seculo, foi desde os primeiros tempos christãos a de considerar a estrella dos Magos como uma luz milagrosa semelhante

á columna de fogo que guiou no deserto os filhos de Israel, segundo o *Velho Testamento*. Os mais modernos christãos, seguindo as tendencias do tempo, preferem considera-la como um fenomeno natural, e basear o texto de S. Matheus numa explicação scientifica.

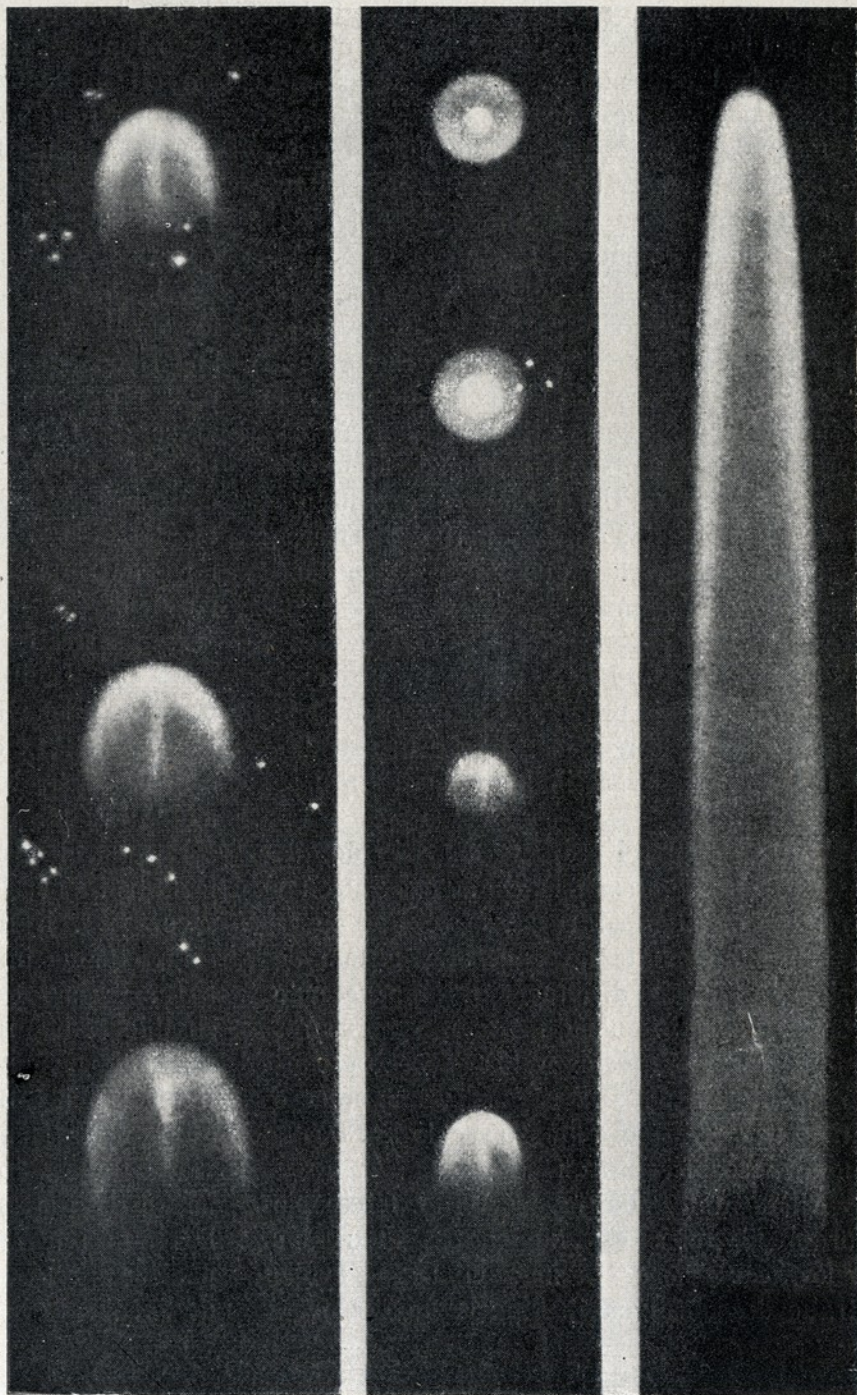
Que gente eram pois esses sabios — os Magos de que fala o Evangelho? Vinham do Oriente; e o Oriente, para os homens da época, eram a Chaldea, a Persia e o deserto Arabico. Ahi a observação das estrellas era, nuns povos um preceito religioso, noutros um rito místico, transmittido pela tradição. Assim nasceu a astrologia, germen da astronomia de hoje. Os Magos pois, segundo exegetas do *Novo Testamento*, seriam astrologos, membros do sacerdocio estranho cujo officio era velar o ceu, e crentes na influencia dos astros sobre o destino dos povos e dos reis. Nesse caso a aparição da estrella de Belem teria sido realmente um fenómeno astronomico, — e um fenómeno extraordinario, para assim causar admiração a esses experimentados observadores. Será pois necessario procurar algum aconteci-

mento celeste sufficientemente estranho para justificar a viagem da Chaldea ou Persia até Belem.

A chegada dos Magos a Jerusalem precedeu poucas semanas a morte do rei Herodes. Quando este inquiriu da epoca do apparecimento da estrella, a resposta foi tal que o levou a fazer matar as crianças de 2 annos para baixo. Provavelmente pois os Magos viram a estrella pela primeira vez 2 annos antes da sua chegada a Jerusalem. Herodes morreu no anno 4 A. C.: portanto a estrella de Belem appareceu cêrca do anno 6 A. C. E' pois nesta epoca que devemos procurar um acontecimento celeste notavel, se com elle quizermos identificar a estrella do Evangelho.

O grande Kepler chamou a attenção para o fenómeno estellar que precedeu o nascimento de Christo. Affirmou que deveria têr havido uma conjuncção de Jupiter e Saturno por esses tempos, fazendo mesmo alguns calculos para provar o seu asserto. Até 1826 a idea de Kepler não foi seriamente considerada pelos astrônomos. Nesse anno o professôr Ideler, de Berlim, calculou as posições de Jupiter e Saturno, e provou que estavam em conjuncção no anno 7 A. C. Os seus calculos mostraram que em epoca alguma coincidiram a formar uma unica estrella, mas que os separava um arco igual ao diametro apparente da lua. Nessa conformidade Ideler pouco avisadamente suppôs que os astrologos orientaes tivessem visto os dois planetas como uma só estrella, por

estarem extraordinariamente próximos. Ideler comtudo abandonou a sua teoria quando Encke, em 1831, repetindo os calculos, demonstrou que a distancia apparente de Jupiter a Saturno, na sua maior proximidade



A HIPOTHESE DE A ESTRELLA DOS MAGOS TER SIDO UM COMETA É MAIS ACCEITAVEL QUE A DA JUNCÇÃO DE DOIS PLANETAS

no anno 7 A. C., era superior ao diametro da lua.

Por causa d'estas e outras objecções a qualquer teoria considerando a estrella de Belem como a juncção apparente de dois

planetas, o professor Proctor, recentemente fallecido, procurou outro fenómeno celeste, e finalmente concluiu que os Magos teriam sido provavelmente guiados por um comêta. Muito ha que dizêr a favôr d'esta supposição.

Os cometas são hoje descobertos na proporção de 2 ou 3 cada anno. Nem todos são particularmente brilhantes; mas não é inconcebivel que nos tempos biblicos os comêtas pudessem apparecer occasionalmente bastante esplendidos para infundir terror aos corações supersticiosos. Antes de Halley têr mostrado a applicabilidade da lei da gravitação ao comêta do seu nome, os comêtas foram sempre considerados como mensageiros divinos, agouros, e especialmente como annunciadores de peste ou guerra. Para os espiritos poeticos do Oriente que veneravam as estrellas como directôres das acções humanas, os comêtas eram sem duvida visitantes terrificos. Um comêta é certamente uma das mais misteriosas, bellas e impressionantes aparições que nos é dado contemplar neste mundo.

Mas não se pode afirmar com certeza se a estrella de Belem foi realmente uma aparição d'essa ordem. O astronomo pode sómente dizer que a idea não é insustentavel, sendo mais verosimil do que a hipótese da conjuncção.

Ultimamente foi proposta a teoria de que se tratasse de uma das chamadas estrellas «novas» ou «temporarias», isto é, que apparecem subitamente no ceu, augmentam de brilho, e depois diminuem, desaparecendo completamente, ou subsistindo como astros muito fracos. Essas estrellas não são espantosamente raras. Dez appareceram entre o anno 134 A. C. e o fim do seculo xv. Desde então descobriram-se 16.

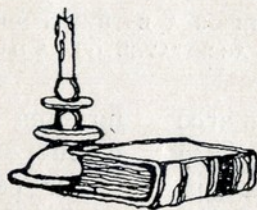
Ainda antes da invenção do telescopio foram algumas estrellas novas estudadas pelos astrónomos. Assim, em 1572 Tycho Brahe descobriu na Cassiopeia uma «nova»

tão extraordinariamente bella que a descreveu longamente, e com tal rigôr nos deu a sua posição, que se pode dirigir um telescopio para o sitio exacto em que foi vista; mas já se não vê lá o orbe que elle descreveu. Desconfia-se comtudo que uma estrella de 10.<sup>a</sup> grandeza situada não longe da posição indicada por Tycho pode sêr a «nova» por elle indicada.

Antes da época de Tycho deram-se phenomenos semelhantes na Cassiopeia; por isso occorreu a ideia de que talvez a estrella de Tycho fôsse um corpo celeste visivel em épocas separadas por periodos de 3 seculos.

Alguns pensaram que a estrella de Belem fôsse ella, em alguma das suas anteriores aparições, mas não ha razão alguma para pensar que a estrella de Tycho apparecesse antes de 1572. Conclue-se que não podia ter sido ella a estrella de Belem, do facto de sêr a Cassiopeia uma constellação septentrional, e que portanto os Magos não teriam visto diante de si no caminho de Jerusalem para Belem.

Se a estrella de Belem foi realmente uma nova que subitamente appareceu no ceu e depressa venceu em brilho todas as outras estrellas, certamente attraíu a attenção dos astrologos orientaes. O acontecimento era tão extraordinario que não podia sêr emparelhado com os phenomenos regularmente observados e mesmo predictos pelos sacerdotes. Numa época em que a sciencia estava ainda impregnada de misticismo, era naturalissimo que se ligasse uma especial significação a um apparecimento tão subito, particularmente num momento em que os judeus anciavam pelo nascimento de um rei que os libertasse do jugo romano, e cuja vinda tinha sido misteriosamente annunciada nas palavras profeticas de Balaam: «Vello-ei, mas não agora; contempla-lo-ei, mas não de perto. Levantar-se-á uma estrella de Jacob.»





OS FUNERAES DE TOLSTOI

*A multidão detronte da casa de Tolstoi, em Iasnaia-Poliana*

## Pensamentos de Tolstoi



grande escritôr e reformadôr russo ultimamente fallecido nascera em Iasnaia-Poliana em 1828. Elle proprio dividiu a sua vida, na *Autobiografia*, em quatro periodos:

«O esplendido, — especialmente se o comparar ao que veio depois, — o innocente, alegre, poetico periodo da meninice, até aos 14 annos; após, o segundo, vinte terriveis annos de dissolução, de serviço, de ambição, de vaidade; depois o terceiro periodo de desoito annos, desde o meu casamento até ao meu nascimento espiritual, periodo que, do ponto de vista mundano, se poderia chamar moral, pois que durante esses dezoito annos vivi uma vida regular de familia, moderada, honesta, não me entregando

a quaesquer vicios condemnados pela opinião publica; periodo porém cujo interesse era todo limitado aos cuidados egoistas da familia, ao augmento da fortuna, ao alcance da gloria literaria, ao goso de toda a qualidade de satisfações; finalmente veio o quarto periodo, em que vivo ha vinte annos, e no qual espero morrer.»

Durante a guerra da Crimea, onde serviu com distincção no segundo periodo da sua vida, escreveu uma vez no seu diário:

«Uma conversa sobre a divindade e a fé suggeriu-me uma grande e estupenda idea a cuja realização me sinto capaz de dedicar a vida. E' a idea da fundação de uma nova religião, correspondente ao estado actual da humanidade: — a religião de Jesus, mas purificada do dogma e do misticismo, uma re-

ligião pratica, não promettendo felicidade futura, mas dando felicidade sobre a terra. Sinto que esta idea só pode ser realizada por gerações conscientes, olhando para ella como um fim. Uma geração passará a idea á seguinte, e um dia o enthusiasmo ou a razão hão de dar-lhe realidade. Proceder com o fim deliberado da união religiosa da humanidade, eis o principio conductôr que eu espero se hade impôr ao meu enthusiasmo.»

Como muito bem observa Birukoff, o compilador das memorias e documentos relativos á vida de Tolstoi, um homem que escreveu isto, e o pôs em pratica 50 annos depois, não estava adequadamente no seu logar de artilheiro.

Foi no terceiro periodo que Tolstoi escreveu *Guerra e Paz* e *Anna Karenine*. Segundo as *Recordações* de seu sogro, Tolstoi nessa época era alegre, montava a cavallo, caçava.

No meio d'essa vida calma apaixonou-se pelas teorias de Schopenhauer. Parecia ir tudo á maravilha «mas eu sentia, diz Tolstoi, que não estava completamente bem e que esse estado não podia durar muito tempo». Por 1874 aproximou-se a crise decisiva; em 1883 conheceu dois camponeses que preconizavam a salvação do mundo pelo trabalho manual e individual. Após uma terrivel crise moral (1879-82) abandonou finalmente o mundo, renunciou os seus bens, mettu-se a agricultural a terra, a trabalhar manualmente, não deixando comtudo de escrever. São d'este ultimo periodo, entre outras obras, *Os Evangelhos*, a *Resurreição*, *Que é a arte*, e o drama *Poder das Trevas*, que Zacconi representou já ha annos em Lisboa.

Tolstoi nunca fez uma exposição systematica das suas ideas.

Os nossos leitores acharão talvez interesse a um pequeno ramalhete de pensamentos, respigados nas obras do grande apóstolo.

## Pensamentos de Tolstoi

«Não resistas ao mau», tal é a base do ensino de Jesus.

Não resistas ao mau, quer dizêr: nunca resistas, não empregues violencia, não commettas acto algum contrário ao amor.

Como o fogo não extingue o fogo, o mal não póde extinguir o mal.

A paz entre os homens é o maior bem na terra ao alcance de todos.

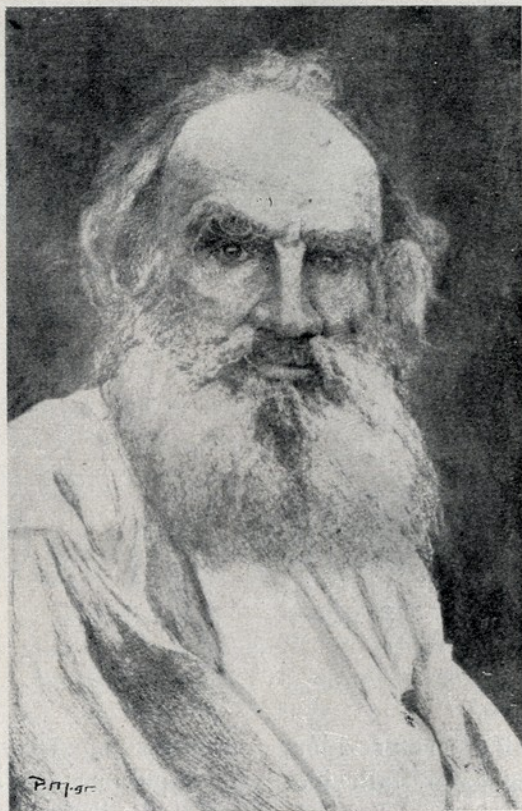
Só a vida commum de todos é a verdadeira vida, e não a vida de cada homem em particular. Todos devem trabalhar pela vida d'outrem.

O devêr que se impõe a um homem de tomar parte na luçta contra a naturêza para assegurar a sua vida e a d'outrem será

sempre o primeiro, o mais indubitavel dos seus devêres: e é o primeiro de todos, porque nada é mais necessario ao homem do que a sua vida.

Toda a tentativa de dar um sentido á vida que não fôr baseada sobre a renuncia ao egoismo, que não tivêr por fim servir os homens, é uma chimera que rebenta e se desfaz ao primeiro contacto com a razão.

Em vêz de nos incommodarmos tanto em organizar os prazêres, o conforto, os processos medicos e hygienicos que devem curar



os homens dos seus males espirituaes e corporaes, deveriamos fazer uma unica cousa: cumprir a lei da vida, fazer o que é o proprio não só do homem mas do animal; restituir, sob a fórma de trabalho muscular, a energia recebida sob a fórma de alimento, ou para falar a linguagem commum: ganha o teu pão, não comas sem trabalhar, ou trabalha conforme comeres.

A existencia, não a existencia justa que dá a felicidade á humanidade, mas a que os homens organizaram para sua propria perda, é uma chimera, a chimera mais bravia, mais horriavel, um verdadeiro delirio de loucura, de que basta sairmos uma vèz para nunca mais voltar.

O unico templo verdadeiramente sagrado é o mundo dos homens unidos pelo amor.

Uma condição indubitavel da felicidade é o trabalho; primeiro o trabalho que livremente se escolheu e de que se gosta, depois o trabalho fisico que dá o appetite e o somno tranquillo.

O homem não pôde deixar de soffrer desde que toda a sua vida seja de ante-mão regulada por leis a que deve obedecer sob ameaça de castigo, apesar de não

acreditar na sua legitimidade e e na sua justiça, muitas vèzes mesmo tendo perfeita consciencia da sua crueldade e do seu carácter artificial.



A flicção característica do homem civilizado é obedecer ao que é considerado pela maioria das pessoas como iníquo, isto é, contrário á consciencia.

A educação é a tendencia de um individuo a tornar outro individuo tal qual elle proprio é.

Toda a vida historica da humanidade consiste numa passagem gradual da concepção pessoal e animal da vida á concepção social, e d'esta á concepção divina.

Consoe-se cada um a querer adquirir o que lhe é inutil, mas que a opinião e a doutrina do mundo exigem, fazendo-o sentir-se infeliz pela privação. Apenas obtido esse objecto, é preciso outro, e depois outro, e outro, e assim dura sem fim esse trabalho de Sisypho, que destroe a vida dos homens.

Para que a nossa ordem social, contrária á consciencia dos homens, desse logar a uma ordem que lhe fosse conforme, seria preciso que a velha opinião publica, já caduca, fosse substi-

tuida por uma opinião nova e cheia de vida. Ora, para isso seria preciso que os homens que tem consciencia das novas exigencias da vida as exprimissem claramente.

Como succede sentirem-se os homens sufocados sobre a bella terra, sob o infinito dos ceus estrellados? Como podem conservar sentimentos de odio e de vingança, a furia de destruição contra o seu semelhante? Tudo que de mau referve no coração do homem deveria dissipar-se na intimidade com a naturêza, — essa expressão absoluta do bello e do bom.

Não tive sempre as ideas religiosas que professo actualmente. Ha cinco annos (1) veio-me a fé, a crença na doutrina de Jesus, e toda a minha vida se modificou completamente.

A significação da doutrina de Jesus é simples e bem clara; mas os comentarios da sua doutrina baseados no desejo de sancionar o mal existente obscureceram-na tanto, que são precisos esforços enormes para a descobrir.

Se um homem admitte o direito de resistir pela violencia ao que elle considera o mal, qualquer outro homem terá igualmente direito de resistir pela violencia ao que este outro considera como mal.

Não sómente nada ha de commum entre as Igrejas e o Christianismo, excepto o nome, mas os seus principios são absolutamente opostos e hostis.

Uma das primeiras condições da felicidade é uma existencia que não destrua a união do homem com a naturêza, isto é, com o ceu, o sol, o ar puro, a terra coberta de plantas e povoada de animaes.

Encontra-se na fisiologia, na psicologia, na biologia, na sociologia, uma pobreza d'es-

pirito assombrosa, uma pretensão injustificada de resolvêr questões em que não são competentes. Só d'ellas resulta o collocarem o pensadôr em contradicção perpetua com os outros pensadôres, e muitas vezes comigo mesmo.

A theoria é o que o homem sabe; a pratica, o que elle faz.

Se se quiser dar uma definição exacta da arte, é preciso considera-la, não como um meio de prazêr, mas como uma das condições da vida humana.

A obra d'arte consiste em tornar comprehensivel e accessivel o que sob a forma da tese poderia sêr incomprehensivel e inaccessible. A quem recebe uma impressão verdadeiramente artistica parece-lhe sempre que já vira a coisa antes, mas que fôra incapaz de a exprimir.

A arte, para sêr arte, deve antes de tudo sêr intelligivel.

A felicidade, é vivêr com a naturêza, vê-la, senti-la, falar-lhe.

Todo o pensamento é ao mesmo tempo exacto e falso; falso porque é limitado pela nossa impossibilidade de abarcar toda a verdade, exacto porque exprime uma das faces do pensamento humano.

O fim da arte é a união fraternal dos homens.

Pretende-se que a realidade, é o que existe; ou por outra, que só o que existe é real. Succede precisamente o contrario. A realidade, a que nós conhecemos verdadeiramente, é o que nunca existiu.

A instrucção e a educação são duas noções distinctas.

Os chamados grandes homens da accção são simplesmente os rótulos da historia: dão



(1) Em 1879, na idade de 51 annos.

os seus nomes aos acontecimentos, sem mesmo têrem, como os rótulos, a menor ligação com o facto em si.

Mães, sois vós que tendes nas vossas mãos a salvação do mundo!

O unico bem consiste em amar sempre os homens, e em lhes abandonar tudo que se tem.

Nunca a mesma verdade é considerada sob o mesmo aspecto por duas pessoas.

A piedade é sempre o mesmo sentimento, tenhamo-la por um homem ou por uma môsca.

Não é a violência, mas o bem que supprime o mal.

Ao que te diz uma má palavra, não respondas: o proprio se envergonhará d'ella.

Fala-se muito do provincialismo das pequenas cidades; mas não ha peor provincialismo que o da grande sociedade.

Em materia de sentimento a falta de logica é a melhor prova de sinceridade.

O casamento, tal como existe hoje, é a mais odiosa de todas as mentiras, a forma suprema do egoismo.

São as mulheres que fazem a opinião publica. E as mulheres são muito fortes, sobretudo no nosso tempo.

A marcha da humanidade para o bem é feita, não pelos tirannos, mas pelos martires.

Em todas as circumstancias da vida, o essencial não é sabêr o que é bom e necessa-

rio, mas saber qual é, entre as coisas boas e necessarias, a primeira em importancia, a segunda, a terceira, etc.

Dirigia-me uma vêz para a porta Borovitzky (em Moscou); debaixo d'ella estava um velho mendigo côxo. Tirei a bolsa para lhe dar esmola. Nesse instante vi sair do Kremlin um joven granadeiro, de face côrada, ar marcial, vestido do capote regulamentar de pelle de carneiro, fornecido pelo Estado. O mendigo, mal o viu, levantou-se atemorizado e pôs-se a corrêr a pé coxinho para o jardim Alexandre. O granadeiro, após uma inutil tentativa de o agarrar, parou, vociferando contra o maltrapilho que se collocára sob a porta em contrário do regulamento. Esperei o granadeiro. Quando chegou a mim, perguntei-lhe se sabia lêr.

— Sim, porquê?

— Lêste o Evangelho?

— Sim.

— E lembra-te d'estas palavras: «E quem der de comer aos esfaimados...» Citei-lhe a passagem. Lembrava-se d'ella e ouviu-me até ao fim. Percebi que se atrapalhava. De repente, animou-se o seu olhar intelligente, olhou-me sobre o hombro, como quem se afasta:

— E o regulamento militar, conhece-lo tu? Respondi que não.

— Então não tens nada a dizer, retorquiu com um movimento de cabeça victorioso, dirigindo-se arrogantemente para o seu posto.

Foi o unico homem que na minha vida encontrei tendo resolvido com uma logica inflexivel o eterno problema que se ergue ante mim no meio do nosso estado social, e que se ergue diante de todo o homem que se diz christão. O problema do granadeiro — o Evangelho ou o regulamento militar, a lei divina ou a lei humana —, levanta-se em face da humanidade, hoje como no tempo de Samuel.







A PROMISCUIDADE DOS SEXOS NAS ESCOLAS

# Como se educam os americanos

**O** primeiro cuidado dos instituidores de uma escola na America do Norte todo é tornarem-na sympathica áquelles que hão-de vir a frequentá-la. E tanto este primeiro cuidado lhes absorve as atenções, e tão disveladas são essas atenções, que o resultado é sempre o que se teve em mira.

Antes de tudo, antes de mais nada, procura-se um bom logar, quer-se uma excelente atmosfera, requer-se uma formosa paisagem: a Northwestern University espelha-se nas aguas do lago Michigan; a Cornell University repousa na doce tranquillidade campesina da Ithaca, que tanto lembra a Suissa; a de Berkeley, abrigada entre verdejantes colinas, domina todo o inegalavel panorama da bahia de São Francisco, com o seu Monte Tamalpaís e a sua Cancellaria de Ouro; a Academia Militar, onde se ministra o ensino superior da arte da guerra, isola-se na paz idilica de Westpoint, sob os frondosos arvoredos que ensombram aquella margem do Hudson.

Escolhido o logar onde ha de estabelecer-se a escola, passa-se a construir o edificio onde a escola ha de funcionar. E a construção, com este designio, faz-se desde a primeira pedra; nunca um velho predio serviu á instalação de uma nova escola. Vem o architecto, vem o higienista, vem o pedagogista e discutem, todos juntos, todos convictos da necessidade de se entenderem entre si, e cada qual na melhor intenção de acertar. A escola tem de resultar, e invariavelmente resulta, do commum acôrdo, dos três. Demandam elles então grandes espaços, abundancias de ar, catadupas de luz; e as aulas, as salas de estudo, os ginasios, as bibliotecas, os laboratorios, os gabinetes de demonstração, os museus, as officinas repartem-se por vastas divisões, recebem toda a necessaria claridade, dispõem de toda a ventilação que lhes convenha.

Erguido o edificio, trata-se de recheá-lo. Despediu-se o architecto, chama-se o fabricante de mobilia. O higienista e o pedagogista não arredam pé. O fabricante de mobilia vem entender-se com elles, discutir com

elles, pôr-se de acôrdo com elles. O que elles dissêrem de sua razão terá de harmonisar-se com aquillo que o outro soubér do seu officio, para se poder chegar ao que se tem em vista e que nunca se perde de vista: a mais perfeita pratica da idéa que se considere a mais perfeita. A' escolha do mobiliario escolar liga-se uma attenção de todos os dias, e parece que em cada dia se descobre alguma coisa que o modifica para melhor. As anomalias da visão, as deformidades da columna vertebral, assignaladas por intensas percentagens na população infantil das nossas escolas da Europa,

reduzem-se para a America na razão directa do a perfeiçoamento das suas mesas e dos seus bancos de aula. Um carpinteiro entra no dominio das sciencias medicas e ajuda-as a resolverem um dos seus mais difficeis problemas. Póde acontecer, acontece, ter elle apenas descoberto que uma simples cravelha, uma modestissima cravelha, uma cravelha de que ninguem se lembrava, desviada d'um certo furo e mudada para um

furo mais acima ou para um furo mais abaixo, permittirá que um rapaz, ou uma rapariga de muito alta estatura, em vez de ser obrigada a dobrar as pernas, a ficar com os joelhos á bôca e a vergar as costas para se ageitar á altura do banco e da carteira que lhe destinaram na sua aula, fique sentada muito á sua vontade, com a perna bem posta, o joelho naturalmente dobrado, a costa direita. Uma cravelha é nada, ou quasi nada. Mas se elle não tivesse dado a mobilidade que deu ao assento do banco e ao tampo da carteira, por meio da sua crave-

lha, a rapariga viria a tornar-se marréca e o rapaz pitôsga, ou a rapariga pitôsga e o rapaz marréco.

Depois do mobiliario, o revestimento das paredes, o abastecer dos armarios, vitrinas e estantes; a aquisição das colleções destinadas ao ensino da geografia, da historia, das sciencias fisicas, das sciencias chimicas, das sciencias naturaes, da arte; a escolha dos aparelhos e das machinas que hão-de servir ás demonstrações da mecanica; a dotação dos laboratorios que hão-de servir ás demonstrações da chimica... E tudo isto se

obtem á custa de muitas centenas de dollares, de muitos milhares de dollares, gastos com prodigalidade; e tudo é do bom, tudo do melhor, tudo do optimo. Os mapas em relevo, os quadros graficos, os modelos do desenho, da pintura e da esculptura; os passaros, os insectos e outros bicharôcos que hão-de animar as lições da zoologia; as plantas, as flores, os fructos, que hão-de excitar a curiosidade do que se passa nos dominios do reino vegetal; as pedras,



UMA TOILETTE DE GYMNASTA

os pedaços de rocha, as amostras de minerios que hão-de dar vida ao estudo dos corpos inorganicos; os objectos, aparelhos, coisas que hão-de evidenciar, explicar, tornar palpaveis as verdades da cinematica, da estatica, da dinamica, os principios da hidrostatica, da hidrodinamica e da capillaridade; os fenomenos da acustica e da optica; as theorias do calor, do magnetismo, da electricidade; os pequenos machinismos, postos em movimento deante dos olhos que hão-de mais tarde attentar nos machinismos grandes; as retortas, os balões, os alambiques, os ma-

trazes, que hão-de dar o conhecimento exacto das leis que regulam as combinações e decomposições da chimica — tudo isso foi manipulado, arranjado, combinado, posto nos seus logares, disposto por sua ordem, obedecendo em rigor ao intuito de tornar a lição das coisas e dos factos o mais effizaz possivel, pelos meios os mais inductivos, mais elucidativos, e mais recreativos.

Provida a escola de todo este material, tendo-se acabado de cuidar d'aquillo que se julgou imprescindivel para a efficacia do ensino e facilidade do estudo, passa-se á procura dos meios de amenisar fisiologicamente — se assim me deixam dizer — a estada do alumno dentro da sua escola. Chega a vez aos exercicios da gymnastica, aos jogos, aos

bicicletas fixas e pranchas, halteres de todos os pesos, bolas de todos os tamanhos, cachamoras de todos os feitios — todo um laboratorio de febra e de denodo.

Quando se tem percorrido as aulas de qualquer d'esses institutos, academias ou universidades, e se entra em um d'esses gymnasios, não se sabe ao certo o que é que a pedagogia americana pretende desenvolver mais nos rapazes e nas raparigas do seu paiz: se os cerebros, se os cachaços e os hombros; se o gosto pelas fainas intellectuaes, se a paixão pela athletica.

Se do ramo dos estudos universitarios saltamos para o ramo do ensino technologico, não tenhamos pejo de ficar boquiabertos. No funcionamento dos ateliers onde se desdo-



O FOOT BALL.

desportos. E ahi temos os gymnasios, os campos para o *tennis*, para o *hockey*, para o *foot ball*, para o *base ball*, e as piscinas para a natação e para as lições de remar.

Os gymnasios! Mas que gymnasios! O chão recoberto de um linoleum muito espesso, quasi elastico, do mais suave piso, que só por si já convida ao pulo e á corrida; no ar, e em todos os sentidos, os trapezios, as escadas de corda, as cordas, as argolas; de um lado os trampolins e as barras fixas; do outro, os aparelhos destinados ao exercicio especial dos diversos musculos: para os longitudinaes, para os lateraes, para os dorsaes, para os do pescoço, para os do abdomen, para os das pernas e para os dos braços; em toda a volta das immensas salas, as galerias para as corridas; e por toda a parte

bra a mecanica applicada, todas as theorias, todos os calculos, todas as demonstrações se explicam, se provam, se confirmam pela presença de machinas em movimento, machinas que vêm de toda a parte do mundo onde alguém as inventou, machinas que são sempre as ultimas machinas, a ultima novidade, a ultima palavra. Quer-se resolver um problema de resistencia de materiaes? Vêm operarios, indica-se-lhes a construcção de uma abobada da parte de fóra da aula, pespega-se-lhes em cima um aparelho de pressão de duzentas toneladas, e aguardam-se os acontecimentos, de que ha-de resultar a lição. Quer-se realisar uma certa experiencia de economia de vapor? Faz-se a caldeira que ha-de servir para essa experiencia. Pretende-se ver um verdadeiro freio Westin-

ghouse a fazer o seu dever? Venha o freio Westinghouse! Mas para que tudo isto se faça é necessario que corra um rio de dinheiro. Pois bem: o millionario benemerito, o millionario amigo da sciencia, o millionario patriota puxa os cordões á bolsa, abre a comporta, e o rio de dinheiro irrompe em cachões...

Se em vez de um engenheiro de machinas se deseja formar um engenheiro de minas, ou um engenheiro de pontes e calçadas; ou se em vez de um

engenheiro se quer um chimico, um architecto, um geologo, um medico, um pintor, um escultor, um dentista, um musico, um professor, um official da marinha ou um official do exercito, um guarda-livros, um pedicuro, um decorador, um telegrafista, um cozinheiro, um actor — a escola que terá de ser frequentada pelo rapaz ou rapariga que se destine a qualquer d'essas profissões, artes, officios e misteres será sempre uma escola de feição acentuadamente pratica, utilitaria, realista. Ver para compreender — eis o lemma. Theorias só por si são para elles litteratura. Todas as abstra-

ções se querem verificadas por palpaveis realidades. Algarismos sobre papel, algarismos sem mais nada, são pura metafisica. Coisas que se vejam, coisas que se tóquem, coisas que vivam, coisas que sejam meios e que tenham fins — é isso o que se quer, porque é isso o que se precisa.

Diga-se, muito embora, que não é este o ensino que conduz as intelligencias á supremacia creadora, á affinação de faculdades que predispõem para o invento. Quantos factos o refutam no que diz respeito á Ame-

rica! Mas ninguem dirá não ser este o ensino soberano no campo das applicações.

Nas escolas da America, o ensino da moral não é uma coisa méramente theorica. Quasi se póde dizer que não se gasta tempo com o ensino theorico da moral. O influxo moral vem da propria pratica das obrigações escolares, implicita no proprio funcionamento do mecanismo escolar.

A todo o professorado incumbe sempre um papel educativo; não ha um corpo edu-



TYPO DE ESTUDANTE AMERICANO

cativo especial, independente do corpo docente, para superintender nos alumnos fóra da faina intellectual. Assim se fixa um regimen de liberdade, de desenvolvimento espontaneo da moralidade nas creanças, cujos resultados optimos cada dia se affirmam, depois, no decorrer da vida. Os professores limitam-se a fornecer aos alumnos, pela instrução, um methodo de independencia intellectual, sem lhes incutir crenças determinadas, sem sujeitar as idéas moraes a um crêdo, sem exposição dogmatica de doutrinas e sistemas de moral, a não ser, claro está, com o espirito scientifico, quando se chega ao

ensino da filosofia. Aproveita-se o mais que é possivel a influencia resultante da corrente de simpatia que deve existir entre o professor e os discipulos. A palavra, o procedimento, o caracter d'aquelle que ensina exercem uma acção constante sobre o espirito d'aquelle que aprende. O primeiro effeito d'esta influencia traduz-se no prazer com que todo o alumno corre para a sua aula.

Uma parte muito avultada do professorado é constituida por mulheres. Tem-se a

opinião de que as mulheres, na educação das creanças, succedem ás mães mais naturalmente que os homens, sabem melhor cultivar o sentimento nos corações pequeninos. Quem poderá defender uma opposta opinião? Faz-se da mestra uma intermediaria entre a mãe e o professor e alarga-se a sua acção maternal tanto quanto o consente a sua capacidade pedagogica. Rapazes de quinze annos, dezeseis annos, dezeseite annos vãm ainda á mestra — e vãm *ainda* á mestra, porque essa mestra *já* pôde ensinar-lhes materia que entra nos programas do ensino secundario. Diz se na Europa que o ensino dos rapazes deve ser, antes de tudo, viril, uma vez que tende a formar caracteres; e, onde isto se crê, o ensino pela mulher não sóbe além das classes primarias e infantís. Na America, pensa-se exactamente o mesmo, mas faz-se exactamente o contrario. Comparados os resultados da pratica, o que se apura? Apura-se que a percentagem dos efeminados na população das escolas da Europa attinge cifras intensamente lamentaveis, e que é aterrador o numero dos falhos de character que saem d'essas mesmas escolas; ao passo que dos casos perigosos de efeminismo nas escolas masculinas da America ninguem dá fé, e o character com que os alumnos d'essas escolas se apresentam e entram na vida social é modular de integridade, de rijeza, de tesura.

A promiscuidade dos sexos, desde o *kinder-garten*, ou jardim da infancia, até á *high school*, ou escola superior, virilisa o chamado sexo fragil e desbasta as arestas do chamado sexo forte. A coeducação traz, desde logo, o sentimento exacto da dignidade dos sexos; em seguida, estabelece entre elles relações de affecto, que começam pelas inclinações ingenuas da infancia, se continuam no desabrochar das sympathias mais intensas que traz a adoles-

cia, e finalmente se definem como norma de sociabilidade no mutuo respeito das idades adultas.

Muito me tenho divertido eu agora, depois de estar na America, á custa d'aquelles que pretendem fazer passar por coisa séria o movimento feminista na Europa! Querem que a mulher tenha todos os direitos e todas as garantias; querem que ella seja, verdadeiramente, na sociedade como na natureza, a companheira do homem; dizem-na escrava e offerecem-lhe a alforria. Mas esquecem o melhor, ou ignoram o melhor, ou não fazem caso do melhor — que é o saber amá-la, e aprenderem a amá-la. Reformem os codigos em beneficio d'ella, legislem para ella as maximas regalias, façam-na participar por metade em todos os lucros da vida material — e perguntem-lhe se assim fica contente. Dirá que não. Ella só se mostrará contente quando se souber verdadeiramente amada. A mulher americana sabe-se verdadeiramente amada porque foi ella mesma que ensinou o homem a amá-la, nas

idades em que o amôr, como qualquer materia de programa escolar, se aprende melhor e nunca mais esquece, hombro com hombro nos mesmos bancos de aula, aos pares e aos grupos nas horas de recreio... O feminismo só deixará de ser, nos paizes em que o é, um disparate ou uma mistificação, quando não mais interceptar na educação dos rapazes o convivio das raparigas. Como evitar as contingencias perigosas que até agora têm servido de razão para combater a promiscuidade além das escolas de primeira infancia? Le-



UM NOTAVEL HALF-BACK

vando-os a correr o perigo d'essas contingencias, sob a vigilancia bem rigorosa, mas bem dissimulada, de uma habil policia que promptamente acuda aos possiveis desmandos dos temperamentos.

Porque o caso é este: nós, na Europa,

não vencemos o receio de juntar nas escolas rapazes de quinze annos com raparigas de quinze annos, porque todos nós passámos por aquellas mesmas idades, e sabemos o que teriamos feito se os nossos paes não houvessem pensado a nosso respeito o mesmo que nós pensamos a respeito dos nossos filhos. Ha até um proverbio que compara os perigos da promiscuidade aos do lume perto da estopa. E como não vencemos tal receio, não tentamos a experiencia. Os americanos fizeram-na, e com tão bom resultado, que nella basearam a idealisação de um curso de amor inherente a todos os outros cursos professados nas suas escolas — um curso que não tem aulas, nem mestres, nem programas, mas em que todos os rapazes e todas as raparigas, sem darem por isso, se matriculam, se applicam, e de que tiram optimos proveitos.

Sente-se o menos que é possivel do regimen disciplinar. Nas aulas e nas salas de estudo, os estudantes estão sempre á sua vontade, entram e saem quando querem, não pedindo licenças, nem apresentando desculpas. Cada qual tem sua mesa, sua cadeira, seus petrechos proprios. O internato penitenciario, o internato-condemnação, onde os paes encarceram os filhos sob o pretexto de não poderem exercer directamente sobre elles uma conveniente acção repressiva, não existe.

Emquanto dura a frequencia das escolas primarias e das escolas de grammatica, *grammar schools* — os pequenotes e as pequenotas saem todas as manhãs de suas casas para as aulas, e das aulas voltam todas as tardes para suas casas. Sempre sós, sempre sobre si. Depois, quando chega o momento de passar á escola superior, á academia, ao instituto, á universidade, dizem adeus á familia, e vam viver ao redor das suas novas aulas. E é então ahi que o es-

tado ou o millionario benemerito lhes têm preparado, disposto, arranjado um novo meio domestico, organizado uma outra nova vida de familia.

Se o estabelecimento de ensino é só destinado a raparigas, como o Smith College, nem por isso ellas são privadas do convivio dos rapazes. Se é destinado a rapazes, como a Military Academy, nem por isso elles são privados do convivio das raparigas. Naquelles onde se dá a co-educação dos dois sexos, as ramarias altas das arvores do mesmo parque repartem a mesma fresca sombra pela janella de



UMA ESCOLA DE RAPARIGAS  
APRENDENDO A DESCER DE UM CARRO A ANDAR

Paulo e pela varanda de Virginia.

Nuns e noutros, nem dormitorios, nem camaratas, nem coisa que se pareça com as aglomerações do internato europeu. Quando o estudante, ou a estudante, não dispõe de bastante dinheiro para poder ter o seu quarto de dormir, o seu quarto de banho e o seu gabinete de trabalho só para si, junta-se esse estudante com outro estudante, ou essa estudante com outra estudante, e occupam em commum o quarto de cama, o quarto de banho e o gabinete de trabalho. Assim se lhes conserva, longe da casa que tiveram de deixar, o espirito do *home*. Debaixo de arvoredos, orlados de canteiros de flôres, abraçados por trepadeiras, cheios de luz, de frescura e de perfume, são por si só idilios estes albergues de alegre juventude. Elles e ellas os recheiam e decoram á sua fantasia, levando para lá os seus moveis, os seus quadros, os seus *bibelots*, tudo quanto possa proporcionar-lhes o bem-estar, o conforto, o contentamento que só verdadeiramente se tem quando se entra na tóca que é a nossa tóca, quando se está no ninho que é o nosso ninho. O *causy corner*, o recanto da paz intima, improvisam-no de dois *fauteuils*, um biombo e alguns almofadões. Sobre rumas de livros pousam florei-

ras; e quando mais não seja que uma mão cheia de *sweet-peas*, que são flôres de ervilha, nessas floreiras sempre ha-de haver flôres.

Dos encantos tranquillos do *home*, a vida ao redor das aulas desdobra-se, por horas vagas, no agitado convivio do club. Os clubs escolares são muitos, e de muito diversas indoles. Ha os clubs de debates, destinados a estimular a paixão do discutir; ha os clubs do sport, que promovem os *matches* em que tanto se encarniçam universidades contra universidades; ha os clubs de declamação, com *theatro* proprio onde os socios representam; ha os clubs de imprensa, que publicam jornaes e revistas; ha os clubs de musica, que organisam concertos. Cada club tem sua instalação propria, e todos elles suas bibliothecas, suas salas de jogos, suas salas de recepção. A's recepções dos clubs de raparigas vam os rapazes; ás dos clubs de rapazes vam as raparigas. Dança-se, joga-se, recita-se, faz-se gymnastica, faz-se musica, namora-se. Namora-se. Pois então? Mas namora-se ás claras, namora-se sem subterfugio, namora-se á vista de todos. O namoro, nestas condições, torna-se um exercicio escolar de ordem moral tão proveitoso como reconhecidamente o é o *foot ball* na ordem fisica. Promove a affabilidade, amabilisa o trato, incita ao galanteio, conduz a uma tão fraternal aproximação dos sexos, que assim, nesses francos recontros, toda a idéa pecaminosa se esfuma, se desvanece...

No regimen da alimentação, fornecida ás populações escolares pelos vastos restauran-

tes que lhes são privativos, instilla-se o preceito da sobriedade, previne-se o estorvo que todo o excesso das funções digestivas pôde trazer á justa cadencia das funções mentaes. A lista das refeições reúne tudo quanto pôde dar uma salutar base alimenticia sem pezar no estomago: ovos, aves, vegetaes, féculas. E tudo isto servido sob as máis ligeiras fórmulas culinarias: os caldos, os purés, as papas, as omelettes, os assados, as saladas, as compotas, as tortas, os puddings. Nem vinho, nem cerveja: só leite, chá e agua. E muitissima fructa!

Finalmente, a democratização da escola americana garante a democratização da sociedade americana. Não ha lição de moral mais bella do que essa que dimana do convivio affectuoso das aulas onde se alinham, hombro a hombro, os filhos dos millionarios com os filhos dos cavadores. Não ha onde buscar uma tão commovente

exemplificação do ideal equalitario como a que nos offerecem esses rapazes e essas raparigas com largos bens de fortuna, attraíndo ao seu trato intimo esses outros rapazes e essas outras raparigas das mais pobres classes, acompanhando e fraternizando com elles e com ellas, consentindo, aplaudindo que nos intervalos das aulas procurem as mais humildes occupações — como o servir á mesa nos restaurantes, fazer recados, fazer barbas, lavar, engommar e dar passagens em roupa — pedindo-lhes mesmo esses pequenos serviços a

troco de remunerações com que, sem os ver, os ajudam a tirar os seus cursos!



UM PEQUENO JOGADOR DE FOOT BALL



UM VASTO CAMPO DE JOGOS



## A cultura das arvores anans no Japão

**U**M dos mais notaveis caracteristicos do povo japonês é o seu amor das coisas pequenas. Não que lhe falte o dom de apreciar o que é grande e imponente; mas o certo é que tem uma natural propensão para o mimôso e minúsculo. As pequeninas coisas parecem fascina-lo; e a pequenez tornou-se a seus olhos como um padrão de merito artistico.

Esta tendencia é sobretudo visivel na horticultura japonêsa. Para os nossos espiritos de occidentaes, o jardim ideal consiste numa vasta extensão com relva, lagos e longas avenidas. Mas o japonês planeia um jardim, perfeito em todos os deta-

lhes, cuja area total é menor que a de uma nossa mēsa de jantar. Realizado, esse plano não produz uma simples floreira, — uma coisa de momento, feita para durar apenas alguns dias estivaes, — mas uma obra d'arte cuidadosamente executada, um goso de todos os dias, um entretenimento para sempre. Sob o meticoloso cuidado do seu proprietario, hade crescêr e prosperar por um tempo indefinido, e passar como herança de uma geração para outra.

Foi sem duvida este amor dos jardins microscopicos que levou á pratica japonêsa de criar e cultivar arvores anans. Sem duvida que é fácilimo para qualquer jardineiro enfezar uma arvore pelo simples processo de a cortar,



Larício de 45 annos. Quatro arvores plantadas juntas e com os ramos entrelaçados.



ou de a deixar minguar á falta de sustento. Mas d'esse processo unicamente resulta uma feia disformidade,



Larício de 85 annos (90\$000 réis)

—o que é um caso diversíssimo do das arvores anans japonêsas. Estas apresentam nos troncos e ramos todos os signaes de uma nodosa senectude, — e as raizes apparecem sobre a terra



Uma fáia de 56 centímetros, plantada em 1817, anno em que foi executado Gomes Freire.

em curvas tortuosas. São, de facto, verdadeiras miniaturas vivas das arvores florestaes.

A arte de produzir arvores anans é muito antiga. Não ficou tradição da sua origem; mas o segredo foi passando de paes a filhos em algumas fa-



Romanzeira de 87 annos de idade

mílias, e é guardado com escrupulosa cautela. Nos arredores de Tokio os artistas da arvore formaram uma colonia de vinte ou trinta casas, e d'esse centro o trabalho irradia para todas as partes do mundo.



Conifera plantada em 1782, e do valor de 55\$000 réis

Nos remotos tempos as arvores eram muito exportadas para a China, afim de sêrem usadas na decoração das casas e jardins. Hoje o apreço dos

Celestiaes por esses mimosos trabalhos de arte parece têr declinado. Na nos-

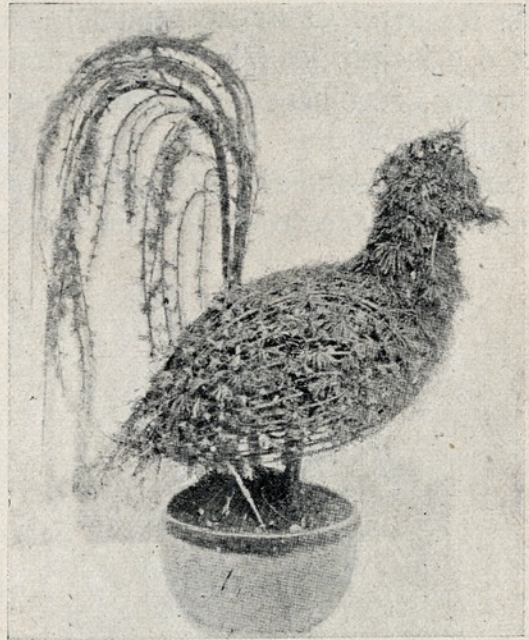
resto, ha ali, em épocas determinadas, exposições de horticultura curiosissimas.

Apesar de o apreço dos Chineses têr diminuído, a pequena colonia de



Abeto de pouco mais de um palmo de altura, plantado em 1841, anno em que foi escrito o *Alfageme de Santarem*.

sa colonia de Macau podem vêr-se alguns exemplares ordinarios mas curiosos, pelas ruas do bairro china, e especialmente nas casas de *fantan*. E' facil encontrar tangerineiras-anans,



Larício de 45 annos de idade

Tokio continua florescendo, porque ultimamente tem tido que satisfazer as



Thuia de 30 annos de idade e do valor de 470\$000 réis

sustentando nos troncos miniaturaes tangerinas do tamanho ordinario. De



Junipro. de 35 centimetros e 120 annos de idade

encommendas crescentes da civilização occidental.

Pode dizêr-se que a qualidade essencial ao exito d'esta especial cultura é a paciencia, — uma infinita paciencia, lastrada por um fundo de calma

resignação desconhecida aos occidentaes. Cincoenta annos são o menor periodo necessario para conseguir um exemplar realmente bom e capaz de sêr vendido, e uma vida inteira não é bastante para conseguir as obras primas da arte. O artista simplesmente faz o principio: os filhos, talvez mesmo os netos, recolhem o premio dos seus trabalhos.

As arvores-anans são obtidas por semente, ou, nos casos em que tal não

mais attenta observação. Ser-lhe-á permittido crescêr, e neste caso em que direcção? Não será melhor cor-



Arvore anan avaliada em 455.000 réis

é praticavel, por estacas cuidadosamente escolhidas. Quando a plantasiinha começa a crescêr, é tratada com incessante desvêlo, e desde o começo da sua vida as suas tendencias naturaes são subjugadas pela vontade do artista. Cada rebento, cada folha desde que apparece, torna-se objecto da



Bôrdo de 40 centimetros d'altura e 46 annos de idade

ta-la de vêz, e favorecêr o crescimento por outro lado? Dezenas de problemas semelhantes occupam o pensamento do mestre japonês, e da sua correcta solução depende o valôr final da arvore: porque, para sêr perfeita, a anan tem de possuir forma e equilibrio identicos aos dos melhores modêlos em tamanho natural.



Carvalho plantado em 1844, anno em que foi escrito o *Frei Luis de Sousa*

O artista tem a seu dispôr uns poucos de seculos de experiencia hereditaria. A isto accresce-lhe a qualidade

que Buffon identificou com o genio: a infinita aptidão para a paciência. Corta e póda o seu exemplar, ás vêzes sem



Arvore de 45 centímetros d'altura e 50 annos de idade

dó, mas sempre com immenso cuidado e applicação. Por vêzes com vime ou arame traz uma hastezinha rebelde para a posição competente; depois, passados dois ou três annos, quando a direcção da haste está perfeitamente determinada, as ataduras são cortadas. De tempos a tempos a arvore é transvasada com todo o mimo, e nes-



Bôrdo «fôlha d'hera» plantado em 1854, anno em que morreu Garrett

sas occasiões as raizes são sujeitas a minucioso exame. Por seu turno recebem ellas tanta attenção como os ra-

mos. Soffrem ablação as massas filamentosas desnecessarias, as raizes principaes são libertas e auxiliadas, e o todo cautelosamente acamado em terra nova.

Tudo é feito, na realidade, de modo a concentrar a vida da arvore no menor espaço possivel. E, finalmente, após annos de ininterrupto trabalho, começa ella a correspondêr ao plano do seu directôr. Perde a tendencia a lançar e expandir rebentos vigorosos; as folhas



Thuia de 100 annos, e do valôr de 470\$000 réis

tornam-se pequeninas e proporcionadas aos ramos. Rende-se, por assim dizêr, na sua lucta pela liberdade, e torna-se perfeitamente dócil.

Além das arvores florestaes, como carvalhos, ulmeiros, faias, muitas outras qualidades são submettidas a este processo: na realidade, quasi todas as arvores indigenas do Japão, como mui-

tas espécies importadas, são assim apresentadas em miniatura. Alguns dos



Camelia anan (30\$000 réis)

mais encantadôres exemplos são as pequeninas arvores de fruto, — cerejeiras, ameixieiras, macieiras, — que, quando em plena florescencia, dão a mais bella decoração de mêsã que é possível imaginar.

Ha um encanto irresistivel e particular nestas arvores. Olhando-se para ellas pela primeira vez oscillamos entre o riso e a attenção recolhida. São tão ridiculamente pequeninas e insignificantes! E comtudo viviam e floresciam quando os nossos bisavós eram crianças de peito!

Para muita gente tem não sei quê de desagradavel, — para não dizêr bruxedo, — este tratamento. Mas ha que distinguir. Considerando-as simplesmente como arvores, as anans são a perfeita figuração do desnatural. Mas para a alma japonêsa são menos arvores do que pinturas. Ninguem reprova uma pintura de paisagem por

têr as montanhas de três dedos de altura: montes e rios são representados em miniatura, e semelhantemente succede com as arvores anans. Assim pensa o japonês.

Os compradôres nos estabelecimentos de venda são prevenidos de que os seus especimes podem, em caso de necessidade, ser enviados «ao hospital», por uma pequena mensalidade; e esta precaução é muito necessària, visto que a existencia de um exemplar de valôr que por qualquer motivo adocesse, pode muitas vezes sêr salva por um pequeno tratamento feito a tempo por algum especialista.

O preço dos exemplares depende da sua idade, tamanho e forma. Um pequenino carvalho, de apenas 86 primavera, pode obtêr-se por uns sessenta mil réis; os mais novos, de uns 40 annos, apenas custam algumas libras; um bôrdo plantado em fins do



Rodocarpus okina (115\$000 réis)

seculo xvii seria bem comprado por cêrca de 140\$000 réis.

Mas estes preços são insignificantes comparados com as sommas que teem sido dadas por alguns de extraordinaria idade e grande perfeição. Assim



Bordos casados, de 40 annos aproximadamente. Duas arvores entrelaçadas, e avaliadas em 55\$000 réis.

um espécime de 300 annos e perfeitissimo foi pago por quinhentos mil réis.

Poucos europeus achariam que vallesse a pena gastar tanto dinheiro com uma planta que muitos julgariam grutesca; mas é que não pensamos no tempo e trabalho que um tal mimo representa. No Japão, onde esta arte é muito apreciada, os que desejam possuir um bom exemplar pagam o preço pedido sem hesitação.

Emfim, algumas arvores-anans parecem aves ou outros animaes, e são geralmente obtidas pela combinação de três ou mais individuos plantados no mesmo vaso. Um metodo bastante seguido é escolher algumas boas hastes numa arvore de tamanho natural; depois a base de cada uma é desnuda

dada e rodeada de uma massa de terra coberta depois com musgo, e o todo finalmente ligado com arame ou vime. O musgo e a terra são conservados humidos, e decorrido um periodo de três mêzes a dois annos (conforme a qualidade da arvore), a haste começa a deitar raizes para a terra que a rodeia. Em todo este tempo tem sido dada a maior attenção ao desenvolvimento da haste acima da desnudação, de maneira que quando ella, agora com raizes, é cortada da arvore-mãe, já se encontra numa época avançada do tratamento. Três ou quatro d'estas hastes, emfim arvores independentes, são plantadas juntas num vaso pouco fundo cheio de boa terra, e continua-se então num trabalho de educação combinada. Assim o tempo para a obtenção de uma boa arvore-fantasia é bastante diminuido; comtudo, ainda teem que decorrer uns trinta a quarenta annos antes que a arvore possa sêr considerada perfeita.

Uma especie de arvore anan muito popular no Oriente é a chamada «arvore casada». Produz-se pelo entrela-



Thuia de meio metro d'altura e mais de 200 annos de idade

çamento de duas pequenas arvores, de tal forma que apesar de crescerem independentemente, conservam os troncos inseparaveis.



## Transformação das flôres e dos frutos em metal

**O**s alchimistas procuram ainda a pedra filosofal; ainda se pensa e trabalha para a transmutação dos metaes, e para a reprodução artificial das forças da Natureza que produzem os diamantes, rubis e outras joias cristalinas. Enquanto uma pleiada de estudiosos se tem concentrado nestes campos de actividade fascinadôres, outro cientista consagrou a energia do seu espirito a uma nova direcção, e conseguiu alguma cousa que pelo menos hade suscitar a admiração das damas.

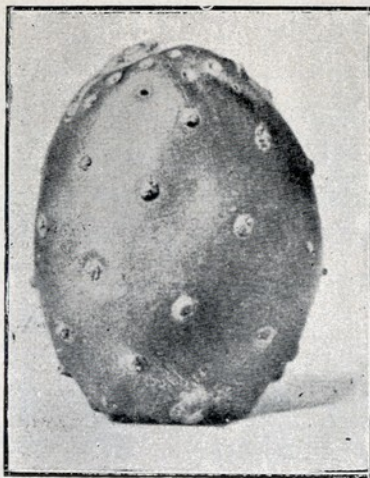
Trata-se do meio de converter flores e frutos, e mesmo os orgãos animaes, em metal; o feiticeiro que fez esta descoberta é o professor Luis G. Delamothe, um eminente sabio electro-metalurgista americano. Tendo dedicado 25 annos de esforços á procura da «metalização» das plantas e animaes, sómente agora conseguiu um exito completo, após milhares de insuccessos desesperadôres.

Deve calcular-se que se não trata simplesmente de um processo de galvanoplastia, quer dizer, de depositar sobre a su-

perficie de uma petala, de um cravo, de uma môsca, etc., uma fina camada de metal: applicação que não seria uma arte nova. Já em 1875 foram expostos em Birmingham trabalhos nesse genero. Apresentou-se uma rosa completamente dourada, que era um especime do trabalho galvanoplastico extraordinariamente admiravel, por a delicadeza extrema das petalas o tornarem difficilimo. Outro exemplar muito curioso foi o de uma ran que soffrêra o mesmo trata-

mento, mostrando reproduzidas com fidelidade as côres de cada veia, e parecendo á primeira vista um trabalho d'esmalte magnifico. Para imitar a variedade natural de coloridos foi empregada uma longa diversidade de metaes. Mas nessa data a sciencia electro-metalurgica estava ainda na infancia. A operação exigia cautelas benedictinas, era extremamente dispendiosa e de exito precário. Portanto a tentativa ficou simplesmente como um *tour de force* curioso, sem futuro por não sêr pratica,

não podendo sêr acceita como o inicio de um novo ramo das artes decorativas, dada a sua grande carestia.



CACTO  
CONVERTIDO EM PIMENTEIRA

### Idea completamente original

O professor Delamothe levou as suas pesquisas para direcção diversa. Não tentou esse caminho, já que os objectos assim tratados estavam condemnados a curta duração. Effectivamente, a materia organica debaixo de uma pellicula metalica só estava segura enquanto fôsse preservada das influencias corruptoras da atmosfera. Logo que a cobertura protectôra se partisse, o interiôr desfar-se-ia em poeira, como as mumias destituidas de seus envólucros. Esforçou-se pois em obtêr a conversão da ma-

tocado se percebe o metal. As nervuras das folhas, a côr, o aveludado do fruto são os exactos naturaes, e tão admiravelmente obtidos que a desconfiança é impossivel.

### Um processo secreto

Como hade suppôr-se, quando um homem dedicou 25 annos de estudo aturado á effeituacão de uma descoberta como esta, não está disposto a revelar ao mundo o seu segredo, antes procura obter uma recompensa individual dos seus esforços.

Consequentemente o professor Delamothe fundou um pequeno estabele-



UM CACHO DE UVAS PRETAS CONVERTIDAS EM METAL, COM TODAS AS CORES NATURAES

teria organica em materia de caracter inorganico, por outras palavras, em conseguir transmudar plantas e animaes em solido metal, sem lhes modificar em cousa alguma a fórmula e a côr. De facto, se olhardes para um cacho de uvas reduzido a estado metalico por este processo, direis com certeza que são verdadeiros frutos. Só depois de

cimento, sendo o trabalho metalizador feito á porta fechada por elle proprio ajudado por umas vinte pessoas escolhidas. Se o fabrico é impenetravel, o inventôr revelou porém as linhas muito geraes do seu metodo. A operacão é toda executada por meios electricos. Apôs o primeiro grau de conversão o metal apresenta a côr e a apparencia do



cobre, mas muito mais leve e duas vezes mais duro. Deve dizêr-se que a solidez e a dureza d'estes artigos metallizados são um dos seus característicos, de modo que podem sêr manejados sem receio. Conseguida assim a transmutação metálica, segue-se a coloração, que se realiza variando a força da corrente electrica em conjunção com certas operações chímicas.

### As novas jóias

Na «Chamber of Art Company» de Santa Rosa, na cidade californiana d'este nome, onde o professor Delamothe estabeleceu a sua curiosa industria, podem vêr-se, como um obsequio especial do inventor, varios artigos nos diferentes graus de conversão. Eis por exemplo um pé de gallinha (destinado a ornar um prego de chapéu *Chantecler*) cuja carne foi metallizada. Apresenta um tom sujo, nesse grau anterior á coloração final. Além das uvas, de que já falámos, admiram-se tambem lindas rosas, uma grande môsca, etc.,

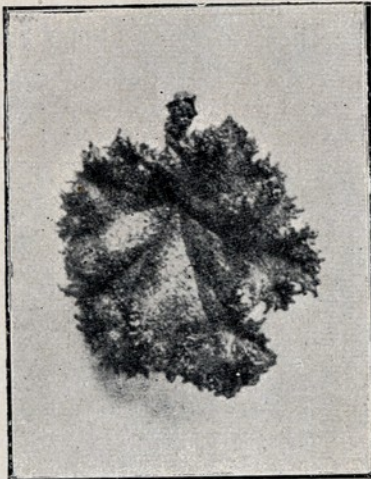
envolvimento de novos frutos são tão conhecidos (1), é todos os annos inundado com encommendas de especimes da sua arte. Estas, comtudo, são de pouco valôr real, porque a decomposição sobrevem rapida, espe-

cialmente se o fruto é passado pelas mãos. Para poder satisfazer os pedidos do publico apreciadôr, alguns dos seus mais extraordinarios frutos são agora metallizados, de maneira que é assegurada a sua absoluta permanencia, e podem até sêr convertidos em objectos de uso vario. Por exemplo, o cacto sem espinhos foi transformado pela operação do professor Delamothe em salteiro, pimenteiro e assucreiro. Posto na mesa, passa perfeitamente pelo novo producto horticultura natural, até

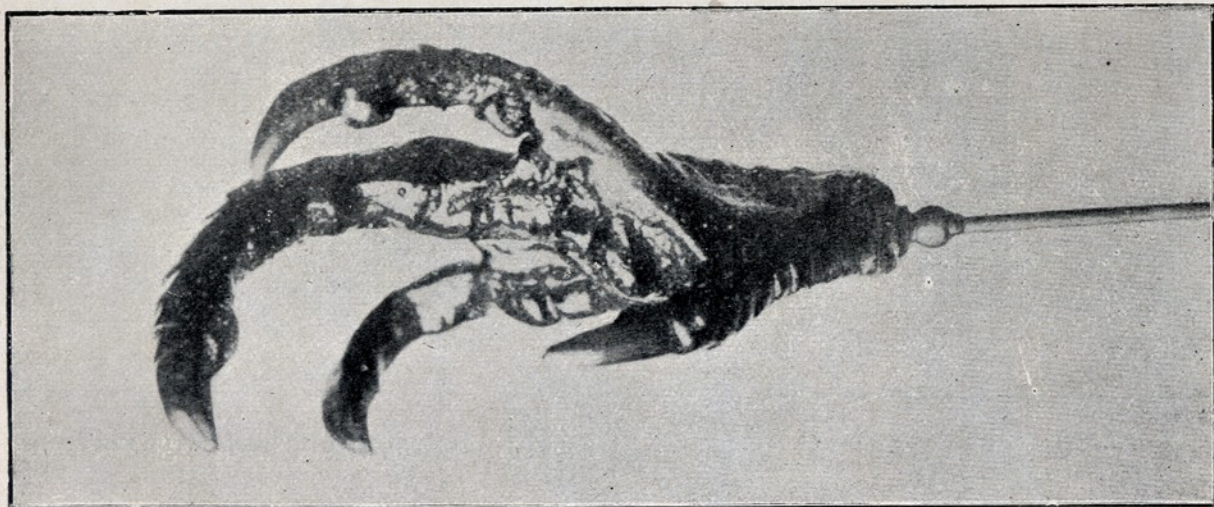
que se notem os orificios na parte superiôr.

### Nova fase da decoração

Semelhantemente, as folhas da sua «*Heuchera Cristata*» ou gerânio encristado, que Burbank produziu do gracioso gerânio bra-



GERÂNIO ENCRISTADO  
APPLICADO COMO BROCHE



PÉ DE GALLINHA METALLIZADO PARA SERVIR NUM PREGO DE CHAPEU A' «CHANTECLER»

tudo transformado pelo feiticeiro tratamento.

O processo tem sido encaminhado de maneira a conseguir um duplo objectivo. Luther Burbank, o extraordinario metamorfoseador das plantas, cujos trabalhos no des-

vo, foram utilizadas para broches e alfinetes de gravata, conservando todo o brilho original de colorido, e constituindo

(1) Vidè *Serões* de abril de 1910.

um attrahente artigo de joalheria e adorno pessoal.

Nada ha de natureza organica que não possa sêr metallizado por este processo, e os objectos d'arte produzidos assim criaram uma especie de mania no mundo feminino da America norte-occidental. As rosas me-

talizadas, e os infimos representantes do mundo animal são agora usados para adorno de cabelo; e os frutos e as flôres servem para fins variadissimos, taes como molduras, quebra-luzes, etc. Sem duvida pois o invento abriu uma nova era da decoraçào, e tem um encanto especial indubitavel.



## Em busca do Ideal

Singrando rudemente a vastidão do oceano,  
Bojando soltas no ar as retezadas velas,  
Em busca d'outro ceu e d'um thesoiro areano,  
Vagarosas, lá vão, as leves caravelas!

Eis que a vaga levanta e o vento sopra ufano,  
Estruge assustadora a tempestade, e ellas  
Luctando heroicamente emmergem-se no oceano,  
Bojando rotas no ar as desgrenhadas velas.

Assim meu coração partiu cheio de sonhos  
Em busca do Ideal, emmergindo ás hediondas  
Lufadas do Infortunio—aos vendavaes medonhos—

E vive hoje a vagar no roxo mar das maguas,  
Como a inditosa náu, tragada pelas ondas  
Na vastidão profunda e intermina das aguas.



# Uma interessante descoberta

## A cinematografia da digestão — Importantes resultados praticos

**O** novo aparelho para obter fotografias moveis do trabalho da digestão no estomago e nos intestinos é uma combinação do aparelho dos raios X e do cinematógrafo, com alguns novos dispositivos. O dr. Kaestle e o professor Rieder, de Munich, associaram-se com o professor Rosenthal nesta especie de estudos, chamando ao seu processo *bio-roentgenografia*. A machina dá uma pintura exacta do processo da digestão, da rapidêz com que as differentes substancias são digeridas, e assignala sem erro possivel qualquer caso anormal. Será de grande prestimo para todas as pessoas que soffrem de incommodos digestivos.

Ha três annos, o professor Rosenthal conseguiu pela primeira vêz tirar fotografias Roentgen durante uma fracção de segundo, dando assim a base para o processo da fotografia cinematográfica dos órgãos internos activos do corpo humano. A serie cinematográfica

não seria satisfatoriamente obtida emquanto não fosse súbita e nitidamente tomada cada uma das fotografias das fases do movimento.

O segundo problema a resolvêr era o de mudar as chapas suavemente e com a rapidêz necessaria. Era preciso que cada chapa se conservasse perfeitamente immovel no momento exacto da fotografia, mas se movesse com a maior velocidade antes e depois. O principal obstaculo era o tamanho e peso das chapas.

O outro requisito para conseguir uma perfeita serie de fotografias Roentgen era

a perfeita nitidez de cada fotografia, resultado que só podia obtêr-se com um aparelho Roentgen excepcionalmente bom. Tambem esta condição foi alcançada, após a obtenção das anteriôres, — e assim se realizou finalmente a arte da *bio-roentgenografia*.

Depois de serem fotografadas varias series de acções mais simples, como por exem-



DIAGRAMA MOSTRANDO COMO OS GAZES CONSERVAM O ALIMENTO SEPARADO DAS PAREDES DO ESTOMAGO, FAZENDO PARAR A DIGESTÃO.

plo a dos musculos e articulações, e o mover do coração e do diafragma ao respirar, etc., foi dada atenção especial ao estomago, cujo processo durante a digestão é ainda pouco conhecido.

O estomago, como todos sabem, é uma especie de saco cuja parte inferior se revira para cima do lado direito. Esta parte que se dirige para cima, chamada antro do pyloro, julgou-se até agora ser uma especie de

De cerca do centro do estomago parte uma onda bem definida que se propaga para o orificio inferior, causando assim continuamente novas formações successivas. O movimento do estomago durante a digestão não é pois causado por contracção e expansão de um antro localizado, como em tempo se suppôs: as paredes do estomago ondulam continuamente, constituindo uma machina misturadora ideal.

As *bioroentgenografias* do estomago mostram ainda que durante cada perístole, —

isto é, por cada 22 segundos no organismo humano, — só uma parte muito pequena do conteúdo do antro é expellida para os intestinos. A grande maioria do alimento fica no estomago e é batida repetidas vezes, de maneira que para esvasiar o estomago são precisas centenas e milhares de ondulações das paredes.

O aparelho temnos dado já importantissimas lições.

Fôram primeiro tiradas fotografias cinematográficas de um estomago saudável. O individuo examinado havia ingerido alimento impenetravel aos raios Roentgen, de fôrma



IMAGEM RAIOS X MOSTRANDO QUE EMQUANTO SATISFEITO O GATO DIGERE RAPIDAMENTE, E QUE IRRITANDO-SE A DIGESTAO CESSA

bomba aspirante que, contrahindo-se, jorrava o conteúdo do estomago para os intestinos.

Esta teoria foi destruida pelas *bioroentgenografias*, que mostraram não haver a supposta individualidade do antro do pyloro, mas sim que este é uma porção não-individualizada do todo que vae gradualmente diminuindo de tamanho durante cada movimento completo do estomago, chamado perístole, o qual dura 22 segundos no homem, finalizando neste tempo a formação, para dar lugar a uma outra.

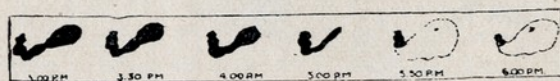
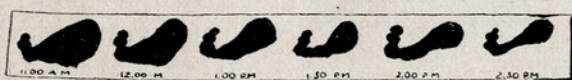
que o conteúdo do estomago era facilmente visto na chapa fotografica. Para obter uma figura da acção digestiva não modificada pelo movimento secundario produzido pela respiração, pediu-se á pessoa para suspender a respiração enquanto o estomago era rapidamente fotografado em 12 chapas com um aparelho Roentgen especial. Fôram assim impressas 12 chapas em 22 segundos. A serie completa fornece um estudo extremamente interessante, refutando por completo todas as teorias anteriormente formuladas.

Para comparar, escolheu-se para a experiência seguinte um estomago doente. Diferentes medicos se haviam declarado incapazes de obtêr qualquer allivio para o paciente. As chapas Roentgen mostraram que as ondulações agora cessavam abruptamente perto do orificio inferiôr, demonstrando haver qualquer obstaculo. Em combinação com exames previos, foi possivel por meio da *bio-roentgenografia* diagnosticar um cancro.

Um leigo pôde não attingir toda a importancia de um diagnostico antecipado do cancro no estomago. Só se a doença fôr diagnosticada a tempo se pôde salvar o

mente separado do corpo, continuava ainda a digerir o alimento por duas horas e quarenta minutos. Isto mostra que quanto mais simples é o sistema nervoso do animal, menor é a repercussão das perturbações nervosas nas funcções digestivas. Por este facto podemos calcular quão intima deve sêr a conexão entre o sistema nervoso e a digestão no organismo do homem.

Demonstrou-se tambem que o bom sabôr do alimento produzia immediatamente uma secreção de succo gastrico no individuo. Os experimentadôres fizeram uma abertura na faringe do cão para que o alimento se esca-



DIAGRAMAS DO ESTOMAGO DE UM GATO ENTRE AS 11 HORAS (A. M.)  
E AS 6 HORAS (P. M.) OBTIDOS PELOS RAIOS X

doente. Este exemplo é sufficiente para mostrar o enorme valôr d'esta invenção.

Os mesmos sabios fizeram observações de grande interesse applicando o aparelho a animaes: cães, gatos, rans, gallinhas, ratos, coelhos e porquinhos da Índia.

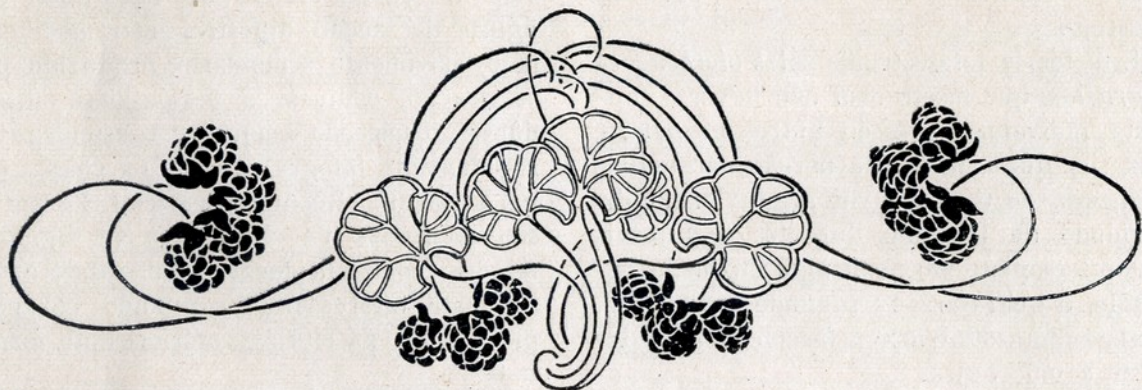
As mais interessantes fôram as observações em gatos e cães, porquê estes animaes estão muito mais altos na escala zoológica que os outros animaes experimentados.

Tornou-se evidentemente que qualquer cousa que perturbasse o bem-estar do animal retardava a digestão, e se elle se enfurecia, cessava completamente.

A mais curiosa descoberta foi que o sistema digestivo da ran quando completa-

mente passava por ali antes de chegar ao estomago; e, dando-se-lhe comida muito saborosa, o succo foi segregado, apezar de essa comida não chegar ao estomago.

Os estudos bio-roentgenograficos seguintes fôram feitos sobre o coração humano. Tendo o professor Rosenthal e os seus collegas conseguido obtêr roentgenografias do coração numa fracção pequenissima de segundo, só lhes resta vencêr a dificuldade da mudança de chapas sufficientemente rápida. Chegaram já a substituir quatro chapas por segundo; mas para tirar roentgenografias do coração é preciso um maior numero. Julgam têr levado o aparelho a pontos de o conseguirem breve.





O respeito devido á mulher

## O casamento nos diversos povos e perante a historia

(Conclusão)

### XXXII

A educação da aristocracia no seculo XVIII foi detestavel.

A mulher não tinha infancia; a sua primeira educação consistia em fazer da creança uma pequena grande dama, maneirosa e de graças artificiaes.

Antes que soubesse lêr, a pequenina nobre era ensinada a fazer reverencias. Apertada n'um *corset* de baleia, entregava-se a um professor de dança. Quando a mandavam ás Tuileries recommendavam-lhe que não saltasse, que não corresse, que mantivesse um ar grave.

Se ia a um baile infantil, punham-lhe cabelleira postiça, com grinaldas de flôres, e prohibiam-lhe que se despenteasse e que se descompuzesse. Muito cedo ia para o convento, onde, como dizem os Goncourt, lhe era dada uma educação meio mundana, meio ascetica, uma educação que ia desde o catecismo até a lição de reverencias.

Nos conventos, amontoavam-se esposas divorciadas, amantes de principes, viuvas mais ou menos inconsolaveis, e toda essa população dava ao convento um ar hypocrita e

mundano, tão deleterio para as jovens educandas.

Nos claustros repercutiam-se os échos mundanos de Versailles e de Paris.

N'este seculo, a mulher não tinha mãe como não tinha infancia. A mãe estava bastante occupada no mundanismo para o querer e poder ser. Via o filho ao nascer e no dia em que voltava de casa da ama; depois, durante os poucos annos que a sua filhinha passava na casa paterna, ficava sob os cuidados da mestra, n'um andar á parte, d'onde descia para vêr a mãe ás onze horas, cinco minutos cada dia. No convento poucas vezes era vista pela mãe; via-a no locutorio, entre uma visita ao *Salon* e um passeio ao *boulevard*, ou então quando lhe vinha anunciar que lhe tinha destinado um marido e que era preciso começar o enxoval.

### XXXIII

Casavam as filhas das cortezãs francezas ao sahir do convento, sem para isso serem consultadas. Tambem a noiva não pensava em contrariar os paes. O receio de voltar

para o convento fazia-a transigir com a vontade d'elles. Não conhecia o noivo? Que importa? Afinal casava para entrar no mundo, para os bailes, para os passeios, para a opera, para a comedia. Que lhe importava a ella que o marido fôsse feio, ou estúpido, ou máu, se era rico, se tinha brilhantes para offerecer?

Os paes como os esposos pouco se importavam que taes uniões fôsem casamentos modelos. Mal educada, a mulher franceza cedo se pervertia pelos exemplos do mundo que a rodeavam. O homem tambem não valia mais que a mulher. Cedia, quando noivo, por algumas semanas ás graças ingenuas da sua joven esposa, mas breve vinha o aborrecimento porque a achava reservada ou amante e ambas as cousas o aborreciam.

Uma noite desabrida, em que entrava em casa muito tarde, ao amanhecer, confessava á mulher chorosa os seus vicios e o seu desprezo por ella. A infeliz esposa ia pedir consolações a sua mãe que, porque o não tinha sabido ser, tambem a não sabia consolar, e apenas dizia á filha desgraçada que tudo eram misérias. Mandava-a para o marido. Este aconselhava-a a que se distrahis-se, que arranjasse relações, que visse o mundo, que vivesse emfim como todas as mulheres da sua idade. Era o melhor meio de lhe agradar, explicava o marido. Assim repellida do caminho da virtude, assim arrastada para o mal, a mulher procurava com effeito distrações; lançava-se no turbilhão do mundo e em todas as loucuras do seculo. Aturdia-se com o prazer, enchia o vácuo do coração por uma vida febril em que não tinha tempo de pensar na sua desgraça.

### XXXIV

As distrações do dia eram ociosas e banaes. Levantava-se a aristocrata ás onze horas; até então não era dia. Depois eram destinadas duas horas ao *toilette*, ao penteado, a um beijo aos filhos, a uma caricia ao tóto e ao bichano, ao almoço seguido de conversação com os gentis-homens e com os litteratos, com o capellão e com o medico. Até á hora do jantar dava um passeio pelo Bosque de Bolonha. Acabado o jantar, os cavallos estavam atrelados; a grande dama

dava mil voltas, fazia mil visitas e atravessava trez vezes Paris, passando no Palais Royal, no Chagrin de Turquie e n'outros logares da moda. Entrava em vinte casas, onde se demorava o tempo d'um cumprimento e d'uma maledicencia; visitava as curiosidades do dia, entrava n'uma *patisserie*, dava um passeio a pé pelas Tuileries. Depois, se não tinha opera, comedia, theatro de sociedade, ou baile, nem estava convidada para algum jantar, acabava o dia por uma ceia no Port-à-l'anglais.

Chegava emfim a hora de dormir, a unica em que se encontrava só, em que podia medir a inanidade dos seus prazeres, o vácuo da sua triste vida. Era uma hora de desalento, hora triste, que ella desejava nunca passar. Esta existencia desregrada que cada vez separava mais a mulher do marido, que mostrava a esta mil exemplos degradantes, que lhe ensinava as doutrinas d'uma moral facil, terminava por tornar miseravel a mulher. E na sua desgraça o coração não entrava para nada, porque o amor não pode existir na galantaria se não existe no casamento.

### XXXV

No seculo xviii o amor chamava-se desejo, a paixão libertinagem: Quando diziam a uma mulher: amo-a, isto significava — desejo-a. O amor era o contacto de duas epidermes, a troca de duas phantasias. Na classe média, porém, a mulher fôra o exemplo de sublimes virtudes domesticas, a fiel guarda da honra conjugal. Nos casamentos dos magistrados, dos medicos, dos negociantes, dos advogados, dos professores, o marido era o senhor, conservava a sua auctoridade em quanto o gentil-homem comprometia a sua honra e entregava a sua mulher (1).

Tambem a educação da classe média era differente. A mãe vivia com as filhas, e só as deixava por dois ou tres annos quando era preciso terminar a educação n'algun convento que não tinha o fausto dos conventos das filhas dos nobres.

Os casamentos burguezes faziam-se por escolha das noivas; não eram os paes que

(1) *La femme au xviii siècle*, par MM. Goncourt.

seja o sexo, porque o homem, animal social, só é um elemento vital perfeito pelo conhecimento das leis da vida. Aperfeiçoado o individuo, isto é. educado moral e intellectualmente, o resto é a obra das forças da natureza que foram facilitadas no bom caminho pela illustração humana.

Livre e educada a mulher, ella tenderá para o seu legitimo e moral destino social (1).

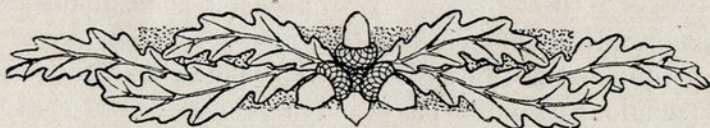
(1) O padre Luiz Coloma, n'um celebre romance de costumes da actual nobreza matritense, *Pequeñeces*, descreve a aristocráta de Madrid como uma barregã ociosa, ignorante, cinica, futil, maledicente, sem amor para com o marido e filhos, e, lastimando-a, escreve: — «Acaso es más digna de lastima la pobre labriega, la infeliz criada de ser-

Mas, qualquer que esse destino seja não ha de a mulher enervar-se ociosa, ha de trabalhar, porque o trabalho é lei commum; não ha de ser escrava, porque a liberdade da acção intelligente é o impulso normal das sociedades.

Negar a liberdade á mulher, o mesmo é que entregal-a aos seus instinctos de perfidia. Todo o individuo fraco lucha perfidamente. Tal é a explicação na historia d'esse quadro miseravel da mulher hypocrita e impudica.

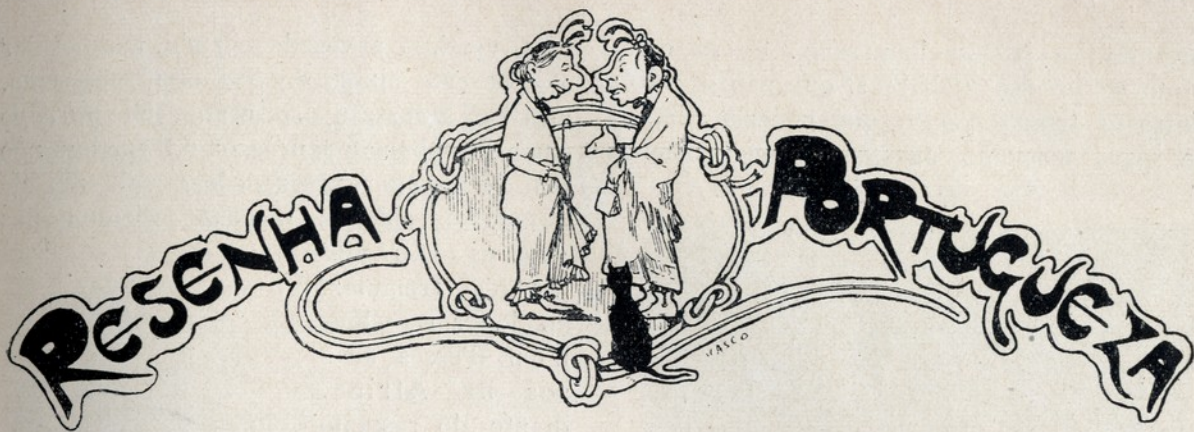
vicio que el abandono precipita en un lodazal de escaleras abajo y salva la caridad en una casa de refugio que la encopetada señorita, la rica heredera que un abandono distinto, sólo en la forma, precipita del mismo modo en otro lodazal de salones adentro?»

CARNEIRO DE MOURA.



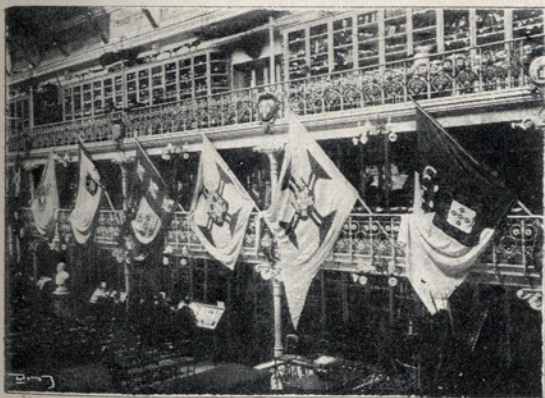
Após a retirada dos parceiros





### A bandeira

Por ahi fóra vae uma enorme celeuma.  
E ouve-se apenas: Azul... Branco...  
Encarnado... Verde...



EXPOSIÇÃO DE BANDEIRAS  
NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA

Braga, e expostos motivos muito especiaes, resolveu-se que fosse aquella a bandeira até as Constituintes resolverem.

Antes de proseguir notarei que a divergencia existe apenas nas côres e não nos emblemas.

Mas Guerra Junqueiro vem a publico com a sua bandeira, expõe-a na Sociedade de Geographia, accorrem alli milhares de pessoas que firmam o seu nome concordando com o plano do auctor da *Morte de D. João*; em seu auxilio o dr. Cunha e Costa pronuncia na Camara Municipal um vehemente e persuasivo discurso que faz sensação; Bulhão Pato, da sua thebaida em Caparica, pede para que não alterem a bandeira que os seus 80 annos tantas vezes contemplaram, e manifesta-se uma divisão, pede-se um plebiscito, acontece mesmo que em Buenos-Ayres emquanto no mar, no *Adamastor*, fluctua

Destrincemos os campos:  
Azul e branco a um lado... Encarnado  
e verde a outro...

De que se trata, porém?

D'uma cousa que parecia ser muito simples, e que afinal se tornou n'uma questão complexa: a bandeira do paiz.

Deve ser azul e branca ou verde e encarnada?

Continuarem as côres d'outr'ora, ou aquellas que os revoltosos arvoraram?

O governo nomeou uma commissão para resolver o assumpto, e esta opinou pelas novas côres.

Apresentado o seu parecer em conselho de ministros, parece que alguns não concordaram, mas ante a opinião do sr. Theophilo

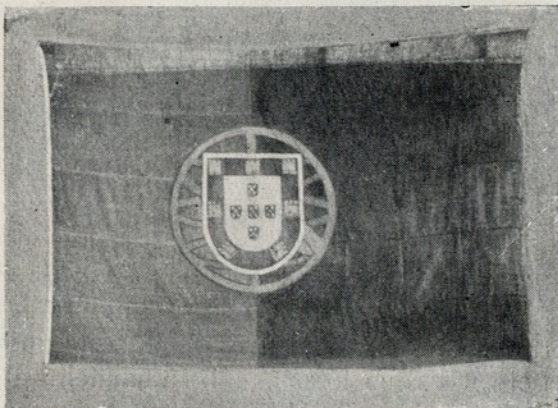


A COMMISSÃO

a bandeira encarnada e verde, em terra, na legação, ondula a azul e branca!

Como estão vendo foi um escolho que se

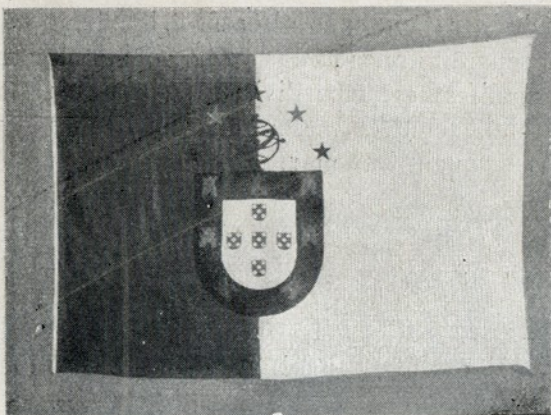
levantou, e bem melhor seria, agora que tanto se precisa trabalhar, que não se perdesse o tempo com o que poderia adiar-se para momento mais opportuno, como,



A BANDEIRA OFFICIAL

por exemplo, a reunião das côrtes, substituindo apenas, é claro, os emblemas reaes, e tratando-se do assumpto quando as paixões estivessem mais adormecidas.

E', bem sei, um defeito da raça latina, preocupando-se, por vezes, com futilidades, em vez d'encarar os grandes problemas, discuti-los com serenidade e aproveitar o que



PROJECTO GUERRA JUNQUEIRO

de util se pôde tirar d'um debate consciencioso.

Como não sou politico, — e mesmo o facto em si não interessa em nada os meus leitores, — não me pronunciarei, sentindo apenas que nem todos comprehendam o alcance d'esta pequenina lucta. . . e que sempre assim se classifique é o meu desejo.

Póde a bandeira, quando estamos no nosso

paiz, vendo-a arvorada por ahi, não nos dar a sensação nitida do que ella representa, mas vão ao estrangeiro, e ante esse *farrapo* como lhe chamou Jaurès, ou o *trapo que não tem nenhuma significação* — palavras de Pataud, o cidadão francez promotor das *grèves* — ao verem-n'a tremular, ao deparar-se-lhes n'um d'esses accos na Africa, diante do respeito do preto, do selvagem, a mão levada por uma força superior obrigalos-ha a tirarem o chapéo, os olhos sentir-se-hão inundados, e, n'um segundo, a patria, a familia, tudo quanto ha de bom, n'um frouxo de commoção, perpassará n'um galopar animatographico.

E essa visão deve-se ao *trapo*, a um *farrapo*, e branco ou azul, encarnado ou verde, o que se pede é que symbolise uma patria altiva e bem administrada!

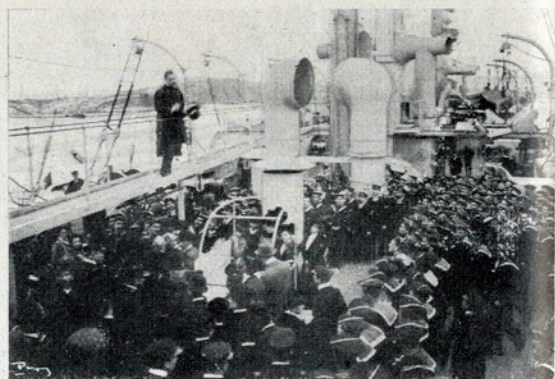
### 1.º de Dezembro

O governo provisorio do paiz marcou essa data como um dos raros feriados que concede durante o anno, denominando-o *Festa da patria*.

N'esse dia fez-se a apresentação da nova



GUERRA JUNQUEIRO



NO CRUZADOR «ALMIRANTE REIS»

O ministro do Interior discursando

bandeira e um cortejo vindo da Camara Municipal seguiu para o monumento aos Restauradores, no começo da avenida da Li-

berdade, sendo alli collocada por entre estridentes salvas de palmas.

No Tejo effectuou-se outra cerimonia, a mudança do nome do cruzador *D. Carlos* para o de *Almirante Reis*, falando os srs. ministros da Marinha e do Interior.

Nas provincias tambem se celebrou a festa da bandeira, embora perdesse muito do seu brilhantismo devido ao tempo que tem feito.

### O temporal

O lindo azul do céu de Portugal...

Sabem, porventura, onde elle paira?

Estamos ha mais de vinte dias sob o dominio do temporal, o que tem dado logar a desabamentos, inundações, fiascas electricas, cheias, a uma chuva ora violenta, outras vezes persistente, miudinha, já açoutando-nos o rosto com o seu tanto de furiosa, e que está causando enormes prejuizos, tendo acarretado mortes, e dando um tom de tristeza ás cousas, aos homens, a tudo...

Defronte da minha casa, no jardim d'um palacete onde morou uma individualidade da marinha, havia uma formosa arvore que me costumara a ver havia vinte annos.

Muito alta, elegante, era um encanto na primavera a vestir-se de folhagem com enorme rapidez, e não com menos tristeza a via despir-se lentamente das folhas, que se desprendiam anemicas, dominadas pela ictericia, espalhando-se por terra, constituindo um tapete que dia a dia mudava de côr, tornando-se por fim indefinivel.

Uma noite d'estas, quando eu lia uma peça detestavel, e talvez por essa qualidade é que está causando um grande successo em Vienna, e o vento me empurrava furiosamente as janellas como que querendo entrar por alli dentro, louco, desvairado, perdido, principiei escutando o que lá fóra se passava.

Na rua nem o menor ruido, não se ouvia o rodar d'um trem...

Só o vento como um desesperado continuava com o seu chicotear constante, não inspirando piedade, mas como que incutindo terror.

De subito um enorme estrondo, dos que não se explicam bem, mas que confrangem, fen-deu o espaço. E ante um grito pungente — porque lhe não hei-de chamar assim? — tudo em volta se acalmou, estabeleceu-se um

enorme silencio, — as treguas concedidas n'um campo de batalha.

Na manhã seguinte, ao sahir, comprehendiu o grito da vespera.

O vendaval na sua desenfreada loucura cevara-se na pobre arvore que dias antes se balouçava tranquillamente, e alli jazia agora por terra, servindo de ponte d'equilibrio aos rapazes do sitio.

Tão altiva hontem, agora tão humilhada!...

Mas se em terra o temporal causa pavor o que direi no mar!

Barcos desmantelados, a onda levando os tripulantes que ora veem á superficie para de seguida serem afundados, na margem mulheres chorando, a rezarem, a pedirem um milagre, a prometterem á Senhora da Bonança, e dias depois o vagalhão converte-se n'um lento espreguiçar que vae morrer na areia, o tom escuro passa a um verde-esmeraldino, nada denota que o gigante enorme que tanto pavor infundiu, é esse humilde rasteiro que vem d'além envolto n'uma tenue cabelleira branca.

E é assim que volvo a perguntar ante este acercar tão melancolico do inverno:

— Sabem, porventura, onde paira o lindo azul do céu de Portugal?

### As «grèves»

O governo que actualmente dirige os destinos do paiz promulgou um decreto sobre a *grève*, e, desde logo um grande numero de classes apresentaram as suas reclamações, allegando os operarios os seus direitos, expondo os patrões os motivos que os levavam a não ceder.

Evidentemente nem tudo são exigencias intempestivas, e citarei a das costureiras, candidatas da tuberculose, esfalfadas por um trabalho violento, mal alimentadas, umas pobres creaturinhas que todos nós, os que sabemos o valor do dia, encontramos por essas manhãs, transidas de frio, macillentas, d'olheiras cavas, mal enroupadas, e que aos noctivagos, cerca das nove, se lhes deparam seguindo sempre com o mesmo passo, para se albergarem em casas miseraveis no extremo da cidade, cada vez mais pallidas, o cansaço mais em evidencia, e amanhã... depois... a continuarem a mesma vida,

até ao dia em que em plena mocidade a terra lhes abre os braços n'uma convulsão... quem sabe se de dôr!

E tanto a *grisette* portugueza como a *ar-pète* não teem essa alegria louca que todos lhes veem em Paris, onde tambem se trabalha onde tambem se sabe rir... podendo-se e exigir apenas que os dentes sejam alvos!

O caso foi que os empregados dos electricos declararam-se em *grève*, e entre ou-

tras classes de não menos importancia para o movimento da capital, o pessoal do gaz e da agua tentou dar semelhante passo.

O actual ministro do Fomento, sr.

Brito Camacho, que substituiu o sr. dr. Antonio Luiz Gomes, inspirando-se na lei Briand, promulgou immediatamente um decreto sobre a regulamentação do direito ás *grèves*, estabelecendo prisão correccional e multas a todos os que tentarem formar, manter ou impedir as colligações operarias ou patronaes, para os que perturbarem a ordem publica ou desrespeitarem os regulamentos policiaes, e não podendo a cessação de trabalho estabelecer-se senão prevenindo com doze dias d'antecipação quando prive o publico de luz, d'agua ou dos generos de primeira necessidade, e com oito se se trata da suspensão do funcionamento ferro-viario ou d'outros serviços de transporte.

Escusado será dizer que a agitação fermenta, e o thermometro applicado ao doente, indica uma temperatura elevada.

### Duque de Palmella

Era uma physionomia interessantissima a d'Antonio de Sampaio Pina e Brederode que partiu d'esta vida cheio d'amargura ao cahir da tarde de 24 de novembro, contando 76 annos.

A sua linha fidalga nunca se desmentiu, nunca recorreu a artificios de caridade para pôr em foco o seu illustre nome, e tendo

usufruido grandes honrarias viu-se, pelas suas ultimas disposições, que podia pelo illustre official de marinha ter passado o sarampo da vaidade, mas que o *pulvis est* afinal readquirira o seu predominio e assim o par do reino ordenou que o seu funeral fosse modestissimo, — o commandante da guarda real dos archeiros não quiz que nem ás pessoas mais intimas se participasse a hora do funeral, — o protector de tantos pediu que não lhe pozessem corôas nem flôres, — quando todas as de Lisboa collocadas no seu feretro não seriam de mais!

Que desprendimento pelas cousas mundanas!

Que exemplo a tomar n'estas nobres des- preoccupações!

Ao ver o duque de Palmella passar por essas ruas na sua magnifica carruagem, puxada por bellos alações, com as suas lindas suissas que tão insinuantes lhe tornavam o rosto, ao apear-se á porta de qualquer estabelecimento, correctamente vestido, de chapéo alto d'aba direita, com o seu passo miudo, quantos o invejaram, como suppozeram que ia alli um homem feliz!

E' porque ignoram a lenda, que peço licença para deixar aqui.

Um monarcha sentindo-se muito desgraçado, mandou chamar o feiticeiro da sua côrte, perguntando-lhe a maneira d'acalmar os seus cuidados.

Interrogou aquelle os astros, fez-se um sacrificio, e após longa cogitação:

— Rei, se queres ser venturoso, vae por esse mundo fóra, indaga onde ha um homem feliz, e quando se te deparar pede-lhe a camisa, veste-a e verás terminados os teus males.

Obedeceu o soberano, e eil-o n'uma longa peregrinação, interrogando uns, perguntando a outros, mas o resultado era desesperador, porque uns queixavam-se-lhe de doenças, de privações, aquelles de más colheitas, de impostos...



BRITO CAMACHO



DUQUE DE PALMELLA

Já desanimado, dispunha-se a retroceder, quando ao atravessar um campo, ouviu uma voz sonora cantando alegremente.

Invadiu-o a esperança e chegando-se ao ganhão:

— A modo que estás contente?

— Pois se o trabalho não me falta, senhor...

— E's então feliz?

— A mais não poder.

— Pois bem, terás tudo quanto quizeres, dinheiro, titulos, empregos, em troca d'um nada: dares-me a camisa que trazes vestida.

Mas o camponio, deitando para traz o barrete e limpando o suor da testa com a mão, soltou uma risada dizendo:

— Oh! meu senhor! mas camisa é cousa que eu nunca tive!

Não é a riqueza, não, que constitue a ventura, essa febre do ouro, esse amachu-

car de notas, de nada vale, porque sempre vi os mais opulentos serem afinal os mais infelizes.

Que importa o dinheiro se um dia a morte veiu e tirou do lado do duque a sua companheira, a *Mãe dos Pobres*; que valor tem o vil metal se a pouco e pouco a luz se vae extinguindo dos nossos olhos, se os pontos negros dia a dia se avolumam, se por fim vem a cegueira, a treva eterna, principiada muito antes da podridão do corpo, como aconteceu áquelle que estou commemorando?

As casas d'asylo tiveram n'elle um dos seus melhores protectores, as pessoas a quem pagava a renda da casa eram centenas, e tudo feito sem alarde, na sombra, não esquecendo o preceito evangelico:

— *Que a tua mão esquerda desconheça o que faz a direita.*

Registo com enorme sentimento a morte d'um homem que póde servir d'exemplo.

PORTUGAL DA SILVA.



**FARINHA  
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e  
pessoas edosas.



## S. Carlos

A empreza d'este theatro, não tendo feito um deposito de 38 contos como se diz que o contracto exigia — embora o concessionario allegue que só era exigivel para a epocha lyrica — viu-se obrigada a requerer fallencia, e o governo pediu ao sr. visconde S. Luiz Braga para se encarregar da gerencia, que elle acceitou, levando a bom cargo o seu commettimento.

A concorrencia, porém, foi limitada.

Nas operas que se exhibiram, citarei o *Fausto*, excellentemente cantada, e que apresentou uma novidade: uma *Margarida* robustissima, quando nós estamos costumados a ver a personagem symbolisada por uma creatura ideal, muito loura e pallida, como escreveu Antonio Feijó.

Mas se essa deformidade — permittam que o escreva assim — não é attrahente, como compensação a sr.<sup>a</sup> Classens tem uma voz bonita, e sobre tudo bastante arte. O tenor Regis serve-se da *voz falsa*, o que nunca foi do agrado publico, e o barytono Ghasne pareceu-me um bom cantor e um mau artista e achei a inversa no baixo Lashin.

Seguiu-se a *Carmen*, e, como sabem, esta opera do mallogrado Bizet é uma das que o nosso publico mais estima, e mais uma vez foi applaudido um brilhante quadro, sim, mas que não dá a menor idéa do viver hespanhol.

Nutridas palmas coroaram o excellente

trabalho de Maria de l'Isle e do tenor Léon David, que estudaram com muito amor e afinco os seus papeis.

Ainda se deu a oratoria *Marie Madeleine*, sendo o successo limitado.

Registarei que na companhia vinha um artista de valor, o maestro Flon, que mostrou bem saber a maneira de dirigir uma orchestra, e a deficiencia dos côros foi bastante sensivel.

E agora... portas cerradas até quando?

## Almeida Garrett

A peça de grande espectaculo *Noventa e tres*, de Victor Hugo e Paul Maurice, traducção do dr. Augusto de Castro, é um trabalho conscienciosissimo, e onde o nosso festejado dramaturgo mostrou mais uma vez as suas altas qualidades de theatro.

O *Noventa e tres* foi agora modificado, de doze quadros passou a nove, e a scenographia pertence a Augusto Pina.

Representou-se em tempo na Rua dos Condes e nos Recreios, traduzido por Salvador Marques e Fernando Leal, ambos já fallecidos.

E' um genero novo no antigo Theatro de D. Maria II, e o caso é que se Gil Vicente lá do alto estremeceu, a curiosidade, sobre tudo, tem levado alli concorrencia.

A' encenação muito cuidada d'Augusto de Mello deve-se tambem uma parte do

exito, e no desempenho citarei Joaquim Costa, Luiz Pinto, Carlos Santos, Ignacio, Raposo, e as artistas buscaram defender-se na medida dos seus papeis.

## Republica

Um original — e agradeço o exemplar que me enviou o auctor — do sr. Vasco de Mendonça Alves, que pela quarta vez se apresenta no theatro, intitulado a *Promessa*.

Dois actos magnificos: o 2.<sup>o</sup> e o 4.<sup>o</sup>, este, em extremo humano, com um desfecho perfeitamente verdadeiro, o outro muito bem movimentado, sendo apenas para sentir que a scena final do 2.<sup>o</sup> acto, em perfeito contraste da alegria á dôr, seja adivinhada por um pequeno fio que o auctor deixou a descoberto no 1.<sup>o</sup>, evitando-se que o espectador attento soffra a impressão que d'outra fórma lhe seria transmittida.

A peça do sr. Vasco de Mendonça repousa n'uma triste desillusão: os caracteres alli definidos são todos estribados n'uma enorme bondade, não ha nenhum refalsado, e se levam a amar a humanidade, a pena é que o real esteja em perfeita contradicção.

O sr. Vasco de Mendonça tem todas as qualidades de dramaturgo: sobrio, preparando os effeitos, dialogando muito bem, escolhendo o assumpto com superior criterio.

E vê-se que cada vez mais se vae firmando, escrevendo com toda a segurança, e dos poucos que apparecem, com elle é que se pôde contar.

N'esta peça estreiou-se Brazão, que é o consummado artista de sempre, e Adelina Abranches deu-me a nota dolorida d'essa creatura toda amor e soffrimento.

N'este theatro funciona durante seis espectaculos uma companhia franceza que se estreiou com a *Vierge Folle* de Henry Bataille, uma peça de alto folego dramatico, um profundo estudo, e onde se apresenta o soffrimento pungente d'uma mulher, — já traçado nas *Paixões passageiras*, de Capus, — e sobre tudo o 3.<sup>o</sup> acto pôde ser considerado como uma verdadeira obra prima.

O publico, por mais voltas que dê não comprehendo, não se mostrou muito entusiasmado, o que me assombra, porqué elle deve convencer-se que o inverosimil a mór

parte das vezes é, no final de contas, o inverosimil.

E se mais não fosse bastava o desempenho admiravel por parte de Blanche Dufrène, que supplanta a creadora no Gymnase, Bertha Bady, e Monna Delza e Calmettes que fazem os mesmos papeis que em Paris — *Diane de Charance* e o *Duque*.

O *Aiglon*, em verso, do famoso auctor do *Cyrano de Bergerac* não agradou, embora o desempenho seja digno de registo.

## Gymnasio

Na festa de Telmo Larcher subiu á scena a *Seraphina*, de Victorien Sardou, escripta na sua primeira maneira, e se em vez de cinco actos passasse a quatro, entendo que a peça ganharia mais.

E' um magnifico estudo feito com aquelle cuidado que tanto caracterizou esse dramaturgo, de que alguns sorriem hoje, com uma inepecia que não os abona muito.

Na interpretação houve conscienciosos trabalhos e, sem favor, citarei o de Lucinda Simões, a impeccavel; o do excellente *diseur* Christiano de Sousa; o do elegante Telmo Larcher, muito bem coadjuvado pelo grande comico Cardoso, Judith, que está sendo uma excellente artista, e Albertina d'Oliveira, uma que promete muito na carreira a que se dedicou.

Agora se querem ver uma peça sem pornographia, se querem rir como uns loucos, vão ouvir o *Rato Azul*, uma comedia allemã cheia de situações, movimentada, que prende a attenção do espectador e que promete longo cartaz, o sonho — tantas vezes desfeito! — de todas as empresas.

Allie-se que o desempenho é homoganeo e assim Christiano, Judith, Machado e Cardoso deram um enorme relevo aos seus papeis.

## Apollo

O *Fado* tem conseguido chamar gente a este theatro, porque se trata da alma nacional traduzida no que ella tem de mais tristonho: um trinado de guitarra.

A peça dos srs. João Bastos e Bento Mantua, ouve-se com muito agrado e a musica de Filippe Duarte, o distinctissimo maestro,

é applaudida com todo o entusiasmo, e tanto mais que o publico não desconhece que n'esse homem se encerra tanto valor como modestia.

### Avenida

E' uma linda peça, chegando a interessar mesmo os que estão *blasés* em theatro, o *Amor de Principes*, uma operetta que tem uma musica, se não muito inspirada, o que denota, porém, é uma enorme originalidade.

E mesmo por isso não se tornará muito popular, nem será trauteada por essas ruas, nem ouvida a cada momento nos pianos.

A encenação do 2.º acto é de perfeita novidade, fazendo um magnifico effeito, e a peça foi vestida luxuosamente o que é sempre agradável á vista.

A alma do *Amor de Principes* é Cremilda d'Oliveira, que grangeou innumeras sympathias no Brasil e que se repercutiram cá, e que com a sua figura *mignonne* e a sua carinha azougada dá um grande relevo ao papel.

### Rua dos Condes

Foi sempre opinião minha que um theatro genuinamente popular é de futuro certo.

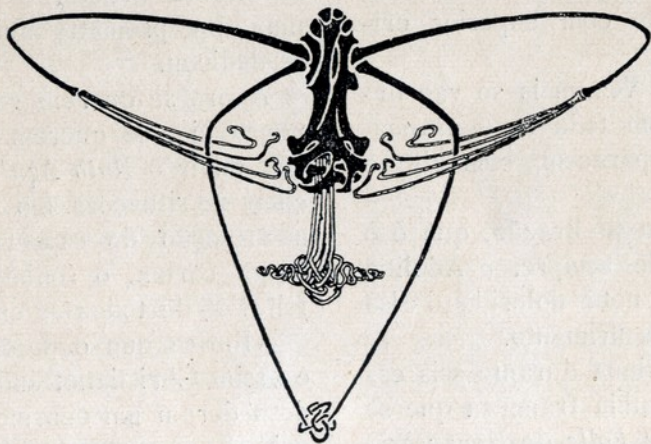
O drama, com todos os seus *matadores*, a recompensa da virtude e a punição do criminoso, tem sempre acceitação e é uma maneira d'encaminhar para o bem.

A empresa Alves da Silva vae seguindo com exito essa carreira, e além dos dramas de propaganda — o que não é do meu agrado, porque o theatro não é tribuna de *meeting* — explora proveitosamente *O Grande Industrial*, *O Conde de Monte Christo*, etc.

### Coliseo dos Recreios

E como o publico tanto gosta de lucta, alli tem o Coliseo com os seus hercules japonezes que todas as noites são ora ruidosamente acclamados, já estrepitosamente patoados, segundo a lealdade ou a má fé como procedem.

PORTUGAL DA SILVA.

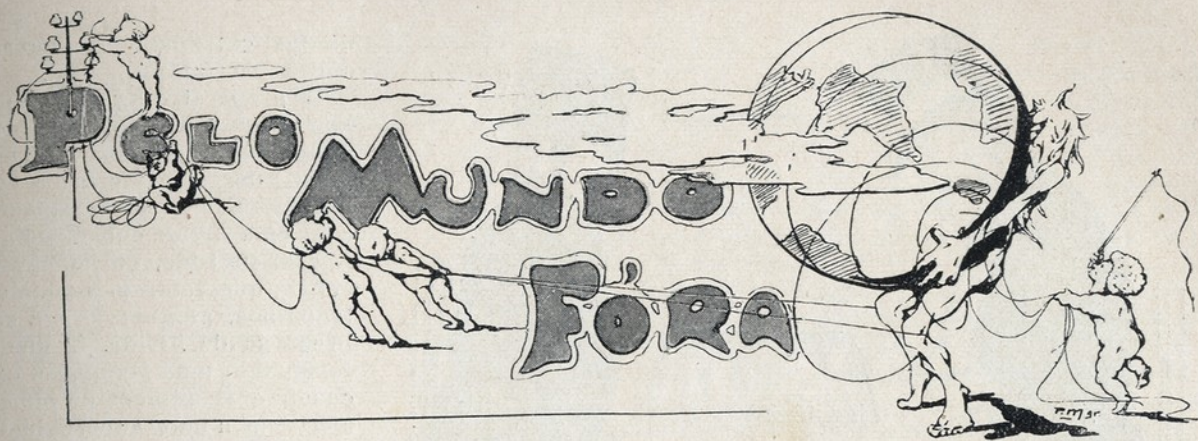


NEURASTHENICOS, fatigados  
— por excessos de trabalhos —  
mentaes — DEBILITADOS, por  
esforços phísicos e muscula-  
res, curam-se com a

# Somatose

em pó ou liquida —  
— (dôce ou secca)  
— Vende-se —  
nas pharmacias e drogarias





## Curiosidades do tempo

### O desenvolvimento da Social-Democracia

Em 18 meses, os Social Democratas allemães ganharam 8 logares no Reichstag, em eleições occasionaes para preencher vagas. Ha um anno tinham

nas legislaturas dos differentes estados allemães um total de 140 membros; hoje teem 186. Não houve eleição durante o anno em que o

augmento da sua votação não fosse consideravel.

Bebel, o chefe Social-Democrata, sempre se oppôs a alianças; continua nesta attitude, mas a tendencia do tempo afasta-se da sua politica de simples protesto e de opposição academica. O seu partido desenvolve-se de tal forma, que vê sêr-lhe possivel conseguir grande parte das suas aspirações se aceitar o auxilio de um outro partido que lhe seja parcialmente simpático. Será difficil impedil-o de aceitar esse auxilio e de entrar numa época de realização.

Bebel tem razão de temêr que o entrar na realização pratica de certas reformas signifique, por parte dos Social-Democratas, o abandono dos seus ideaes irrealizaveis. Quando os homens entram no trabalho prático são levados a perdêr de vista os sonhos impraticaveis. Poucos socialistas foram mais radicaes que Clémenceau e Briand nos seus dias de juventude irresponsavel: mas veio com a responsabilidade a moderação. Os males politicos e sociaes que na Allemanha esperam reforma são porém muitos, e os Sociaes-Democratas aproveitariam talvez mal o tempo recusando-se a cooperar com outros grupos reformistas.



O DESENVOLVIMENTO DA SOCIAL-DEMOCRACIA:—  
Approxima-se o dia em que o proletariado allemão tocará no violão imperial.

(Wahre Jacob.)

### O suffragio feminino em Inglaterra

O bill apresentado actualmente por Thakleton sobre esta grave questão propõe inscrever como eleitor no local por ella habitada toda a mulher que pague um

aluguer de 10 libras. A mulher casada nestas condições poderá sêr eleitora, comtanto que o marido o não seja pelas mesmas razões. Este bill passou em primeira leitura no parlamento com uma maioria de 110 votos. Segundo disse o ministro Churchill, comprehende-se que se seja pro ou contra o voto das mulheres, mas não que se tire, como pela lei apresentada, o voto ás mães e ás esposas, que são a melhor porção do mundo feminino.



JOHN BULL E A RUSSIA DIANTE DO BOLO PERSA:  
— Será tempo de repartir?

#### A absorpção da Coréa

A inevitável absorpção da Coréa pelo Japão definiu-se claramente: O antigo reino desaparece do mappa como estado autonomo, e o proprio nome lhe é mudado. Dez milhões de Coreanos com os seus 218 mil kilometros quadrados são agora simplesmente uma parte do Japão. Acaba assim uma civilização independente que principiou mais de 1:000 annos antes de Christo.

Ha uns 15 annos a Coréa era um protectorado da China, incapaz de tomar parte na lucta que se approximava.

Em 1894 a Russia e o Japão vigiavam-se através da Coréa, que a China conservava com pouca segurança. Veio depois a guerra chino-japonêsa, depois da qual a China renunciou aos seus direitos, admittindo a independência da Coréa. O Japão tomou o papel de seu preceptor. Era o primeiro passo, visto ciumentamente pela Russia. Em fevereiro de 904 foi assignado um tratado em Seul entre o Japão e a Coréa, permittindo áquelle o uso do territorio coreano para fins militares, em troca de uma garantia de independência. O 2.º acto da comedia foi a guerra russo-japonêsa: a Russia foi eliminada como pretendente, como o fôra a China 10 annos antes. Tratava-se agora de digerir. Em 905, fiscalização dos negocios estrangeiros; em 907, partilha do governo, e todos os actos administrativos sujeitos á approvação do residente geral japonês; em 909, posse da administração

da Justiça; finalmente, agora, annexação formal.

Os preparativos d'esta annexação levaram pois nada menos de quinze annos, custaram duas guerras e vieram a sobrecarregar o povo japonês com uma divida enormíssima. Apesar de tudo, os japonezes acham que valeram a pena os trabalhos, as guerras e a sobrecarga da divida. E' que o Japão tem uma população excedendo 48 milhões de almas, apertada n'uma superficie de 475 mil kilometros quadrados (densidade 116 por kilometro quadrado), superficie em grande parte montanhosa e improductiva, e agora, com a annexação da Coreia, apossaram-se de uma area de 218 mil kilometros quadrados, productivos na maioria.

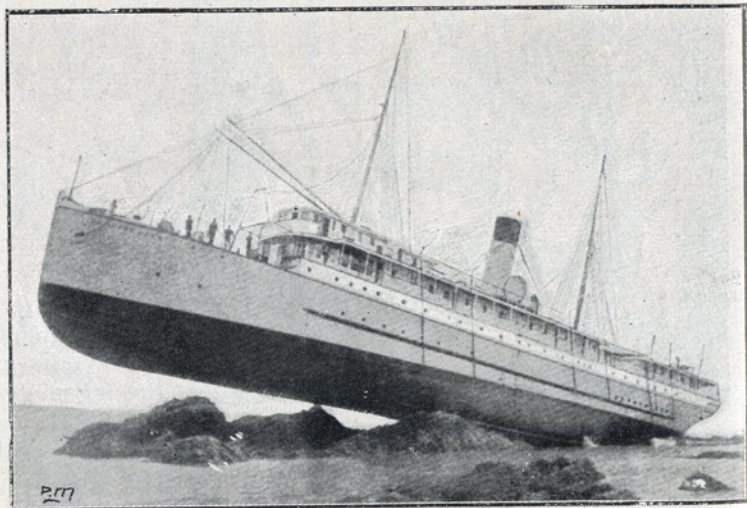
A Coréa possui, pelo que diz respeito a plantas uteis, o arroz, no sul, o trigo, o milho, a batata.

As principaes industrias são a do cobre e do bronze, muito antigas no paiz.

#### Naufragio curioso

A nossa gravura mostra uma posição curiosissima de um navio encalhado. Trata-se do vapôr inglêz *Princess Mary*, que encalhou ha pouco na ilha Sentinella, numa viagem para Alaska. O navio embicou por volta das duas horas da madrugada, em preiamar, e a gravura mostra a sua posição depois de a maré têr baixado. Não houve perdas de vidas. O encalhe deu-se com calma e noite limpa, a uns cento e tantos metros do farol.

Navio *inglês*, calma, noite clara, em cima do farol: calculamos os commentarios do leitor...



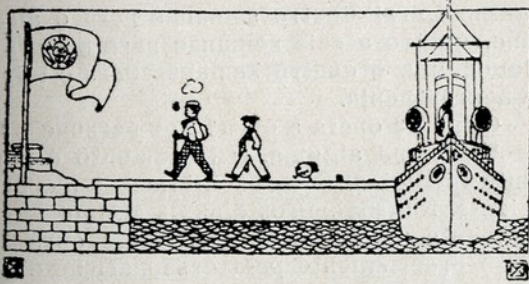
NAUFRAGIO CURIOSO: — Posição quando a maré baixou

## Emigração

A Italia continua a man-  
têr o primeiro logar entre  
os povos emigrantes,  
mesmo acima da Inglater-  
ra. Seguem-se a esta, res-  
pectivamente, a Austria, a

Hespanha, a Russia, nós e a Allemanha.

A emigração effectua-se sobretudo para a America. Em 1909 emigraram para os Estados-



EMIGRAÇÃO PARA A AMERICA DO SUL.—  
Italia, Hespanha e Portugal

Unidos 1.334.000; para os paises sul-americanos, 329.338. Para a America do Sul os principaes emigrantes são respectivamente a Italia, a Hespanha e nós.

## Jornalismo animado

A omnipresença da ma-  
china fotografica está  
criando um espelho ani-  
mado e completo da vida.  
O fotografo vae de tal  
maneira assaltando os

acontecimentos, que ameaça eliminar o repor-  
ter da lucta pela existencia. Ha mais porém:  
vae agora iniciar-se uma  
nova fase do jornalismo,  
pela imagem directa e ani-  
mada dos acontecimentos.  
Pathé frères, os fabrican-  
tes de cinematografos, es-  
tabeleceram um serviço  
diario de noticias em fo-  
tografia móvel. A empreza,  
chamada a *Gazeta animada*,  
é uma organização com-  
pleta de noticias, com um  
editôr, sr. Steer, que aban-  
donou os velhos metodos  
pelo novo jornalismo, es-  
palhando pelo mundo um  
núcleo de 5.000 «foto-cor-  
respondentes». D'esta or-  
ganização resultá uma fita que é enviada a  
uma serie de palcos cinematograficos, e está  
já sendo vista noite e dia por mais de 2 mi-  
lhões de pessoas.

Certamente a nova idea será recebida com  
a melhor accitação e em breve posta em pra-  
tica por todo esse mundo fóra. Em vêz do  
actual directôr, encommendo pelo telegrafo  
tantas palavras sobre a greve, o concurso de  
aviação, o assassinio, etc.,—teremos o director  
arte-nova, fazendo encomendas d'esta especie:  
envie-me 450 metros d'aviação; 300 de greve;  
200 de recepção; 150 de assassinio!

## L'Union familiale

M. Paul Acker, escre-  
vendo na *Revista dos Dois*  
*Mundos* sobre as obras so-  
ciaes das mulheres francê-  
sas, fala na *Union familiale*,  
de Mademoiselle Gahéry,

cujos metodos parecem sêr especialmente pra-  
ticos e applicáveis. Mademoiselle Gahéry veio  
da Normandia para Paris em 1887, e, horrorizada  
pelas acções dos anarchistas, aneciava fazêr al-  
guma cousa para evitar o progresso d'esses ma-  
les,—convencida porém de que nada se poderia  
obtêr a não sêr trabalhando entre o povo e vi-  
vendo a vida do povo—o qual a principio se  
mostrou desconfiado, imaginando-a trabalhar  
com qualquer fim politico ou religioso.

Parece a Mad. Gahéry que o primeiro obje-  
ctivo deveria sêr a educação das raparigas,  
fazendo d'ellas boas esposas, boas mães,—pois  
considerava a vida de familia como a base de  
toda a sociedade bem ordenada.

Em 1894 começou por enviar uma circular ás  
familias convidando-as a mandarem-lhe as ra-  
parigas de 6 para 10 annos para as ensinar a  
cosêr. Em poucos dias appareceram 22; em 1896  
já tinha 150; e, finalmente, passou a 300.

Mad. Gahéry toma as crianças de 2 e meio  
a 6 e meio annos, cujos paes estão em traba-  
lho. Ha primeiro uma escola de pequeninas  
onde ellas se preparam a recebêr mais tarde  
o ensino da escôla primária. São ensinadas  
pelo método Froebel a lêr no que veem em re-  
dôr de si, antes de aprenderem pelos livros, e  
a desenhar antes de escrevêr. Quando atin-  
gem 10 annos dão-se-lhes quatro ou cinco das  
bébézinhas para tratarem d'ellas e ensinarem-  
lhes os exercicios Froebel, começando tam-



EMIGRAÇÃO.— Principaes correntes emigradôras europeias:  
Italia, Inglaterra, Austria, Hespanha, Russia, Portugal e Allemanha

(*Revista del Touring.*)

bem nessa idade a aprenderem alguma cousa  
do governo da casa: assim, de muito novas são  
dirigidas no sentido de se tornarem boas es-  
posas, boas mães e boas mestras, proseguindo  
o ensino com essa orientação. Ha tambem uma  
classe de cosinha popular para mães de fami-  
lia. Um outro ramo da instituição é a *Oeuvre*  
*des Trousseaux*, a que as crianças podem sêr  
admittidas directamente se souberem coser.

O ensino não é gratuito. Por cada criança os  
paes pagam 10 centesimos por dia. As lições de  
gimnástica custam 25, e outras differentes clas-  
ses especiaes teem preços variáveis.

## Vida na Sciencia e na Industria

### As causas da Appendicite

O Dr. inglês W. Coats escreveu recentemente sobre as causas da appendicite. São ellas: 1.º a carne guardada até estar tenra; 2.º a caça demasiado demorada (a célebre «*perdiz de mão no nariz*»); 3.º carne e peixe de conserva; 4.º quasi todo o alimento animal em que tenha sido usado o acido bórico; 5.º muitos dos alimentos conservados pelo frio.

A carne e o peixe conservados em latas foram introduzidos cerca de 1850, generalizando-se o seu uso por 1860 a 70. Alguns annos mais tarde foi notado o incremento da appendicite; é muito possível que tivesse começado alguns annos antes, porque o seu progresso foi muito vagaroso a principio. Mais tarde o acido bórico e o resfriamento foram empregados para conservar os alimentos, notando-se desenvolvimento do numero de casos de appendicite. Com o uso das conservas vae augmentando a sua frequencia, até que hoje tomou as proporções de uma verdadeira praga, de que ninguém está livre.

### O instituto do dr. Keeley — A cura do vicio da embriaguêz.

ram do vicio da embriaguêz.

E' situado no Estado de New-York, em White-Plains, (pequena cidade de dez mil habitantes) e construido dentro de um parque bem verde, entre arvores: pequenas casas dispersas pelas ruas estreitas, traçadas na relva.

Jules Huret conta, na sua *America moderna*, em via da publicação, uma visita ao interessante estabelecimento. «A embriaguêz é uma doença, disse-lhe o dr. Boals. Um homem atacado d'essa doença pode tão pouco libertar-se d'ella como um atacado de febre tifoide. E' preciso curar d'elle, seguir um tratamento. Foi o dr. Keeley o primeiro a descobrir a doença, e elle tambem quem lhe descobriu o remedio. Toda a pessoa que por uma razão qualquer começa a beber acaba inevitavelmente no alcoolismo. E' um estado morbido do sistema nervoso. As cellulas nervosas passam a só exercêr as suas funcções sob a influencia do alcool. D'ahi a necessidade imperiosa e absoluta de espirituosos, que nunca tinha sido bem comprehendida».

Os remedios do dr. Keeley são secretos, fabricados no Illinois sob a direcção do proprio doutor, e d'ali enviados aos differentes *Keeley Instituts* estabelecidos nos Estados-Unidos.

O *Instituto Keeley* é a mais popular das instituições americanas. Durante os vinte cinco annos da sua existencia, mais de tresentas mil pessoas ali se cura-

ram do vicio da embriaguêz.

— «Qual é o preço do tratamento?  
— Cem dollars, fóra a hospedagem.  
— E quanto tempo dura?  
— Em geral quatro semanas para o alcoolismo, quatro a seis semanas para a morfina, o laudanum, e quatro semanas para o tabaco e a neurasthenia.

— Como se opera a cura? Por persuasão?  
— De forma alguma. O tratamento é puramente medicinal. Não prohibimos o alcool ao paciente. Nos primeiros dias dá-se-lhes moderadamente quando o pedem. Mas a cura realiza-se precisamente pela desappareição d'esse appetite.

— Mas em que consiste o tratamento?  
— Em medicamentos que damos a bebêr e em injeccões.  
— Que especies de gente veem curar-se?  
— De todas as classes. Curámos senadores, *congressmen*, advogados, *clergymen*, ministros, soldados, homens de negocio, operarios...»

### Se os remedios fazem mal aos dentes?

E' crença vulgar que o tomar drogas é causa comum do estrago dos dentes; e muitas vezes os maus dentes em gente nova e em crianças se attribuem ao facto de terem tomado grande quantidade de remedios. Dão apparencias de verdade a esta opinião o facto de certas drogas, como as ferruginosas, enegrecerem superficialmente os dentes, e ainda o de advir a carie vulgarmente depois de molestias tratadas com ministração de medicamentos. Entretanto a opinião de que os remedios estragam os dentes baseia-se, ao que parece, sobre muito fracos fundamentos. A experiencia mostrou, sim, que acidos muito fracos são capazes de destruir o esmalte; mas para produzir este effeito é necessaria uma applicação *continuada*. Os acidos nocivos produzem-se realmente na propria boca pela fermentação dos restos de alimentos feculentos que ficam nos intersticios dos dentes sem poderem sêr facilmente removidos. Os remedios ácidos são applicados com intermittencia e vão ao contacto com as superficies expostas dos dentes, constantemente lavadas pela saliva, na qual são dissolvidos.

### Imprevisto tratamento do rheumatismo

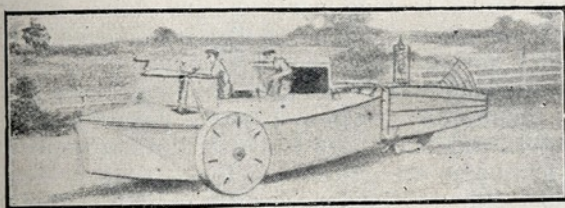
O Dr. Maderly relata as suas experiencias com casos agudos de rheumatismo que resistiam a todos os métodos usuas de tratamento, e foram alliviados com... a ferroada das abelhas. Em doentes já idosos principia com umas 6 ferroadas para as três primeiras applicações, e vai gradualmente augmentando até umas poucas de du-

zias. Devem deixar-se ficar os ferrões por alguns minutos.

Conclue das suas experienciars que este tratamento, se não dá uma cura completa, allivia porém em casos quasi desesperados.

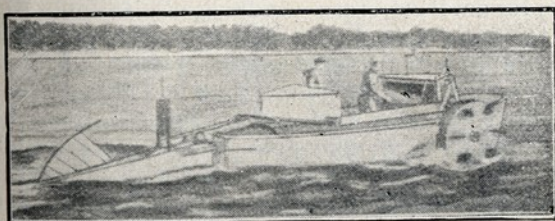
#### Automovel anfibio do almirante Howel

Fizeram-se recentemente umas poucas de experienciars com um automovel anfibio, desenhado pelo almirante norte-americano Howel. E' idea do inventôr usa-lo como vehiculo de recreio, nas praias, onde pôde sêr muito prestadia uma combinação de carro automovel e escaler automovel.



AUTOMOVEL ANFIBIO DO ALMIRANTE HOWELL

O ultimo modelo, chamado «Anfi 2.<sup>o</sup>», pode sêr empregado com mar grosso sem o menor perigo para os passageiros, cujo numero pôde ir



AUTOMOVEL ANFIBIO. — O anfibio na agua

até seis. Tem 6 metros de comprimento, e 1<sup>m</sup>,80 de boca. A machina dá a velocidade de 12 milhas por hora em terra, e de 4 milhas n'agua.

#### Novo método cinematografico

O processo cinematografico conhecido consiste principalmente na decomposição do movimento por meio de vistas fotograficas successivas. Um allemão, professôr da Escola Militar de Berlim, descobriu um novo método cinematografico pela faisca electrica, com a vantagem de dar 5.000 vistas por segundo. O novo processo prestará grandes serviços nos estudos balísticos.

#### A mulher e a distincção das côres

Admitte-se geralmente que a mulher é melhor dotada que o homem para a distincção das côres. As leitoras mantem talvez essa opinião, e fazem aca-so muito bem. As experienciars a que procedeu um sabio na America (o dr. Nichols) tendem comtudo a abalar essa crença geral: os ho-

mens seriam mais aptos a distinguir o vermelho, o amarelo e o verde, e as mulheres a distinguir o azul. Mas eis que entra em campo uma dama, Miss Thompson: achou ella que os homens são mais sensiveis ao azul e amarello sobre fundo branco, e as mulheres ao vermelho e ao verde. Mas Miss Thompson conclue tambem a favôr dos homens pelo que respeita á aptidão para distinguir as côres.

#### Vinho velho de dois mil annos

No decorrêr das escavações no cemiterio gallo-romano de Saint-Seurin, em Bordeus, descobriu-se um enorme sarcófago do primeiro século da nossa era. Ao lado de um esqueleto estava um grande frasco de vidro de forma até hoje desconhecida nas Gallias. Continha residuos que foram analisados. Os vestigios certos de tanino que se encontraram convenceram o analista, directôr do laboratorio da Faculdade de Medicina de Bordeus, de que esse frasco contivera vinho, certamente de primeira ordem. A forma do frasco, segundo autoridades competentes, é a característica da industria syria. De resto, houve outr'ora relações commerciaes aturadas entre a Syria, cujos vinhos eram afamados, e toda a região de Bordeus.

#### Movimento diurno da torre Eiffel

Foi mandado examinar se a torre Eiffel soffreu qualquer deslocação com as cheias do Sena. Verificou-se que a posição media da ponta do pararaio não soffreu variação desde as observações de 1869 e 1908; mas que essa ponta tem um movimento diurno, de 4 a 18 centimetros, cuja direcção varia com as estações, e produzido pelo calôr do sol. Era de E para O em maio e Agosto de 1869, de N para S em dezembro de 1908, e E para O em junho de 1910. Durante o inverno, o sol bate sómente na parte S da torre, emquanto no verão bate em todas as faces, produzindo um deslocamento numa direcção geral perpendicular ao meridiano e mais complicado que na primavera e no outomno.

#### Asimetrias da figura humana — A orelha

E' vulgar a observação das asimetrias e irregularidades das feições: a curvatura do nariz, a desigualdade na grandêza dos olhos, etc. O corpo humano não é perfeitamente simetrico. Não ha simetria num certo numero de órgãos internos que são unicos e collocados de um só lado do corpo. E' melhor seguida a simetria externa, mas só aproximadamente. Não ha cabeças nem caras simetricas. As grandes obras d'arte mostram-nos d'essas diferenças para um e outro lado do corpo. Assim, a Venus de Milo tem mais desenvolvida a face esquêrda: o ponto mais exterior da esquerda é 7 milimetros mais afastado do plano ideal de simetria que o ponto correspondente da direita; o nariz desvia-se tambem 7 milimetros para a es-

querda. O olho direito está mais baixo do que o esquerdo.

Uma estatística curiosa mostra as diferenças observadas nas dimensões das orelhas: são frequentes e as diferenças, indo ás vezes até 5 milímetros. Nas medições sobre cem crianças de treze annos encontraram-se

oitenta e nove com a orelha esquerda maior; uma só tinha maior a direita.

Em cem adultos de vinte e tres annos achou-se a diferença ao invés: setenta e nove tinham maior a orelha direita, e seis sómente maior a esquerda. Com a idade parece diminuir a grandêza da assimetria.

## Vida na arte e nas letras

### A America importadora de obras d'arte — Rembrandt na America

As importações de obras d'arte pela America continuam augmentando consideravelmente. Durante os ultimos cincoenta annos parece que Rembrandt foi especialmente escolhido. Ha no Novo-Mundo nada menos que oitenta e oito pinturas de Rembrandt, afóra os desenhos, — isto é, o dobro do que resta á Hollanda e uma vintena mais do que as existentes na Austria, Belgica, Hespanha, Dinamarca e Italia. Só dois países possuem numero superior: a Inglaterra (165) e a Allemanha (120).

Os maiores mercados são Londres e Paris.

Os primeiros Rembrandts que appareceram na America foram *Danae e a chuva d'ouro* e o *Retrato d'homem*, o primeiro em 1854 e o segundo em 1866.

O esforço dos ricos americanos é tanto mais apreciavel quanto a maioria das obras são por elles dadas aos museus.

### Os escritores francezes e o teatro

Pode dizêr-se que em grande maioria os homens de letras da França condemnam o teatro actual d'aquelle pais na sua generalidade. E' o que mostrou uma inquirição recente. Além dos que lhe negam toda a influencia social, ha os que lh'a reconhecem, mas nefasta. Tambem a importancia e a influencia do actôr no meio moderno é condemnada por alguns (Verhaeren, Lemonnier).

### Ibsen e os actores

E' curioso que Ibsen tivesse tido pelos actores e pela gente de teatro em geral, a maior antipatia. Assim o fez saber ultimamente um amigo do grande dramaturgo (J. Paulsen). Datava ao que parece essa antipatia do tempo em que Ibsen dirigiu o teatro de Christiania, a época mais triste e difficil da sua vida. O grande prégado e exaltador da personalidade declarava que o actôr lhe era odioso quasi, por o officio consistir em envergar constantemente a pelle de uma personagem diferente. Esse motivo

um tanto teorico seria o verdadeiro, ou antes as más recordações d'aquella época? Seja como fôr, quando encontrava um bom artista Ibsen esquecia as suas doutrinas, ou os seus preconceitos. Conta-se mesmo que certa vez a actriz dinamarqueza Betty Hennings o entusiasmou a tal ponto que Ibsen se precipitou para ella dos bastidores e a cobriu de beijos d'admiração.

### A arte japonesa apreciada por um inglês

Um escritôr inglês, tratando ha pouco da arte japonesa, diz sêr difficil achar nella qualquer profundêza de pensamento. Não sómente tem pouco fundo emotivo, mas ainda pouquissimo interesse intellectual. E' essencialmente uma arte da linha; a côr é chata, sem relêvo. Concorda porém o autôr em questão que a menos condemnatoria de todas as accusações que se possam fazer a uma arte, é esta de sêr uma arte da linha. Contenta-se com a linha, diz elle, porque é incapaz de exprimir quer a forma quer a côr fóra do campo decorativo; porque, em resumo, é tão falha de interesse intellectual como de fundo emocional. Atrofiada, prematuramente resequida, a arte japonesa é-nos apresentada pelo critico como destituída quer das grandes qualidades da alma, quer das grandes qualidades do espirito.

### Fogazzaro e o seu novo romance

O novo romance, de Fogazzaro, *Leila*, é um mixto de comedia e drama. Quando escreve um novo romance, Fogazzaro enceta a sua faina ás 5 da manhan e diz-se que continua até ás 10 da noite. Uma vez começado o trabalho, não des cansa, anciôso pelo fim. O seu método é reunir breves notas de detalhe; depois determina o plano geral, que vae modificando com o adeantar da narrativa, principalmente no que respeita aos protagonistas. Raramente faz alterações nos caracteres secundários, porque esses são quasi sempre tirados da observação real, emquanto os caracteres principaes são sempre inventados. Fogazzaro revê, refunde, recopia largamente.

## Vida nos campos

### Uma nova machina valladôra

Foi inventada recentemente uma combinação da tracção pela gazolina e da machinavalladôra, de construcção americana, provida de uma roda de

cavar vallas de grande capacidade.

As gravuras mostram este engenho de tracção e excavação cavando um fôssô de 1<sup>m</sup>,85 de profundidade e 0<sup>m</sup>,60 de largura, em terra argilosa, á razão de 0<sup>m</sup>,90 por minuto.

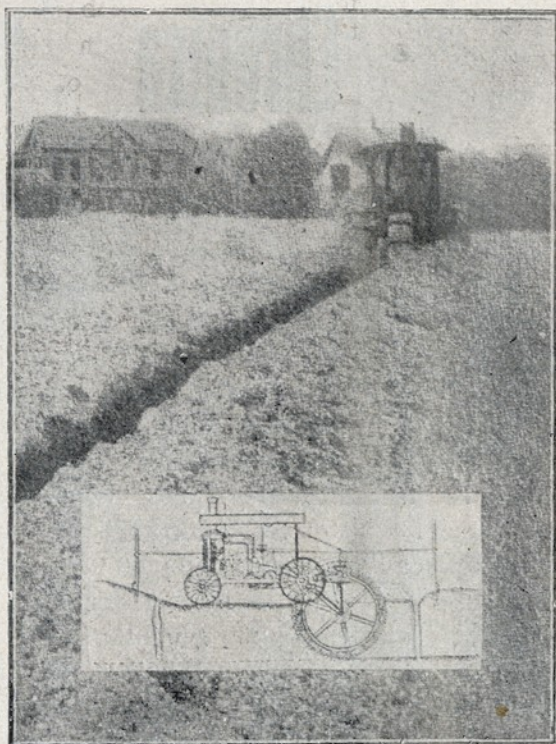
A altura da roda cavadôra é de 2<sup>m</sup>,80, e a largura da machina 3<sup>m</sup>, com um comprimento total de 7<sup>m</sup>,30.

Como machina de tracção, o motôr dá-lhe uma velocidade, em estrada, de 5 kilometros e meio por hora, podendo desenvolvêr 40 cavallos, sendo preciso. Tirada a roda de cavar, fica uma perfeita machina de tracção, manobrada como as communs, e differente das melhores usuaes simplesmente em têr maior potencia, afim de podêr fazêr o trabalho da excavação.

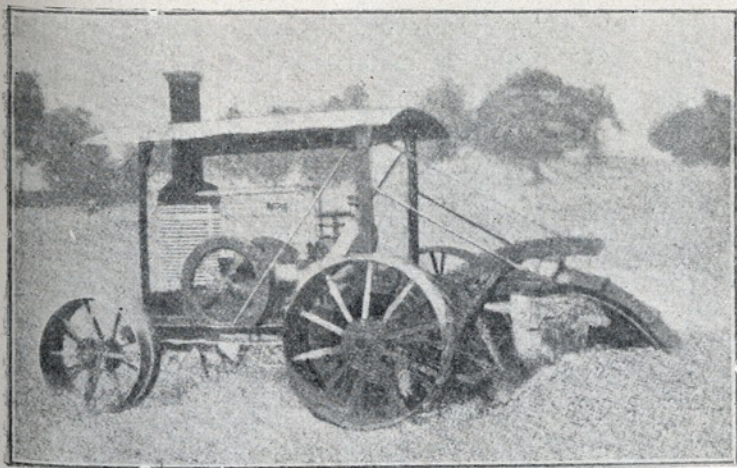
Ha muitas vantagens em usar o motôr de gazolina especialmente adaptado á machina de tracção valladôra. Com effeito, a machina a vapôr pesa 270 a 360 kilos por cavallo-vapôr que fornece, enquanto o motôr de gazolina pesa 50 kilos por cavallo-vapôr. A gazolina é mais barata, occupa menos espaço, não gasta quando a machina está parada, e não exige o dispendio de conducção para o carvão e para a agua.

O aparelho cavará um fôssô de 1<sup>m</sup>,80 de pro-

fundidade e 0<sup>m</sup>,60 de largura, á razão de 54 metros de comprimento por hora, ou sejam 58 metros cúbicos. Em 10 horas fará o trabalho



NOVA MACHINA VALLADORA



NOVA MACHINA VALLADORA

de quasi sessenta homens, produzindo uma valla perfeitamente regular.

A roda cavadôra é munida de desaseis navalhas de aço extremamente duro; quando ella gira, a machina move-se para diante, enquanto a roda de cavar, na parte do seu curso em que se eleva, corta de 12 a cerca de 25 millimetros de terreno.

Quando cada uma das desaseis navalhas talha o terreno, este sae para outras tantas aberturas correspondentes ás navalhas, e a terra que a roda cavadôra d'esta maneira vae extrahindo vem finalmente a sêr disposta em porções iguaes a cada lado da excavação.



## Chronica da Moda



**P**ODIA-SE escrevêr, caras leitoras, uma Philosophia historica da moda. A moda é um facto social como qualquer outro: d'ahi a possibilidade de a fazêr entrar nos caixilhos das doutrinas, estudar a influencia das raças, dos meios, dos momentos historicos. A' arabe não conveem os fatos da japonêsa; no quente Egypto não se usa o mesmo que na fria Noruega; e nos paizes europeus que a civilização vae uniformizando, o momento historico tem em si, muitas vézes, a chave da enigmatica moda, á primeira vista a cousa mais caprichosa, desregrada, inexplicavel d'este mundo. A guerra russo-japonêsa influenciou inquestionavelmente a moda feminina, trazendo para o occidente, com o echo das suas batalhas, as *mangas japonêsas*, os kimonos confortaveis, a faixa de grande laço que nos mostram as ultimas criações das grandes costureiras de Paris...

Pois bem. O arbitro da moda masculina, o maior admiradôr da mulher francêsa e de tudo que fôsse elegante, bello e magnifico, o fallecido Rei Eduardo VII, terá de alguma forma influido com o seu passamento saudoso na moda feminina, assim como em vida determinou a moda masculina? Cremos que sim. A admiração, a ternura, o sentimento britannico determinaram o preto e branco para demonstrar a mágoa pelo fallecimento do Peacemaker.

A francêsa, para realce da sua belleza, viu n'essas côres contrastes imprevistos, e, quem sabe?... — talvez uma homenagem

á memoria do grande rei, amigo da França e seu *rafiné* admiradôr. Actualmente juntam-se montanhas de velludo negro a preciosas rendas de Veneza, de Bruges, de Milão, etc.; adherem, maravilhosamente sobrepostas, gazes pretas e brancas, e arminhos com raposas pretas, regalos, *écharpes*, casacos, vestidos, tudo emfim é preto e branco. Eis, minhas senhôras, o supremo chic — o *dernier cri!*

### Toilettes

Juntamente com o *tailleur* fantasia que vae estendendo cada vez mais o seu ambito, o vestido de uma só peça, acompanhado de um grande *manteau* de pelle, velludo ou panno, está sendo muito usado para as reuniões da tarde e visitas. Confeccionam-se de tecidos leves, de lan, seda, ou veludo. O custo da materia prima é insignificante comparado com a despeza dos accessorios. Tres metros, de resto, bastam para completar o amalgama de rendas, *broderies*, pelles e *écharpes* que compoem uma *toilette* moderna. São tecidos preferidos a sarja fina e lisa, o cheviote, e a cachemira de lan sobretudo, a grande novidade da estação. Combinam-se com ella tanto o liso como o xadresinho, e os escossezes escuros. O azul marinho, já muito visto, começa a ceder o lugar ao verde, tom este mais quente, mais proprio para destacar na côr baça de um ceu de inverno. Continua a usar-se, sem de resto se apresentarem grandes transformações sensacionaes neste ponto, a combinação de tunicas e *panneaux* debruados. As tunicas apresentam-se mais simples e lisas,



afastando-se do pannejamento grego de muitas pregas fluctuantes.

Os vestidos *tailleur*, de velludo, são este anno grande moda, sendo de muita distincção os de veludo preto, de feitio muito simples, e apenas guarnecidos na gola e nos canhões por boas rendas ou um pouco de pelle. Nos vestidos de *toilette*, a forma japonesa é cada vez mais predominante; de resto, os vestidos são de tal forma lisos e justos, que a belleza e o bom gosto de uma *toilette* consistem apenas no primór do corte, no tecido e na cor.

Os grandes casacos

de velludo preto, abotoados abaixo da cintura por dois botões de passementerie, vêem-se tanto para de dia como para sahida de theatro. Para vestidos *troteurs* estão sempre em moda os tecidos de sarja e de cheviote, e para esses vestidos a exigencia está apenas no impeccavel do corte, pois devem ser sempre sobrios de enfeites, e apenas levando um rebuço de seda de cordão no tom da fazenda, e grandes botões do mesmo tecido.

Para taes vestidos usam-se os casacos curtos, que são mais praticos e elegantes. As saias, sempre bastante curtas, o que é de uma



N.º 1



N.º 2



N.º 3

grande commodidade e faz convergir a atração e o valôr da *toilette* para o primôr do calçado.

Os recentes figurinos trazem-nos lindas bluzas de velludo que se poderão usar com saias de panno da mesma côr, — e tendo esta uma grande barra do mesmo velludo, far-se-ha uma *toilette* simples e elegante.

As nossas gravuras representam:

N.º 1 — Vestido de panno azul pavão. O corpo, de fôrma japonêsa, guarnecido de galão fantasia, forma um plastron de veludo á frente. Do mesmo veludo é todo o panno da frente na saia, tendo esta uma barra de panno a atravessar. As mangas acabam por uns canhões de veludo, e umas applicações de passementerie da qual é guarnecido tambem o corpo. O peitilho desta *toilette* poderá fazer-se de tulle creme em preguinhas, acabando por uns entremeios de guipure,

N.º 2 — Elegantissima *toilette* de recepção de côr *taupe*; bluse de gaze *mousseline* do mesmo tom, toda pregueada, sobre uma *guimpe* de renda avivada de setim *cerise*. Na manga um canhão de renda, rematado por uma guarnição de pelle. A saia, de panno do mesmo tom, com *double-jupe* em bico, apparecendo á frente um motivo de *broderie*.

Uma bonita guarnição da mesma *broderie* liga a saia ao corpo.

N.º 3 — Esta *toilette* dá um bello resultado quando copiada como indica o figurino. De tecido *molleton* castanho dourado, é guarnecida no corpo e nas mangas por *soutache* da mesma côr e largo galão multicolor. O peitilho feito de tulle e entremeios cremes, tendo em volta um viez de veludo castanho. Na saia grande barra de veludo, aos lados, acabando nos pannos da frente e detrás por grandes botões do mesmo veludo.

### Vestidos de soirée

Com os primeiros dias nebulosos e frios, nos jantares, bailes e theatros se reune a sociedade elegante que nas praias e thermas veraneava. O vestido de noute, necessario a estas circumstancias, é tanto mais significativo quanto marca uma epoca nova, e annuncia o gôsto e a tendencia da estação.

Convem notar, no entanto, que as trans-

formações se operam lentamente, e os primeiros modelos pouca novidade offerecem, pois que a ultima criação da moda não apparece senão com os primeiros dias do anno. Os tecidos muito leves, as gazes, as musselinas vaporosas, de tons pallidos, produzem um dôce effeito quando misturados de finas rendas, podendo ter, quer no corpo quer na saia, um laço de veludo mais carregado que venha pronunciar a côr da *toilette*.

Os tecidos metalicos, de ouro, de prata, os tulles bordados a contas, a lantejoilas são de um effeito deslumbrante.

Para attenuar o seu brilho e a sua demasiada riquêza cobrem-se de grandes túnicas de gaze. O mesmo se pode fazer a vestidos de seda já usados, dando-lhes assim uma renovação que os põe na ultima fase da moda actual.

Para complemento de uma *toilette de soirée* mencionaremos, em volta da cabeça, as largas fitas de setim *liberty* de côr condicente com a do vestido, ou ainda os galões *vieil or* ou *vieil argent*.

### Regalos e «écharpes»

Os grandes regalos, de pelle de zibelina e de raposa, estão sendo o complemento de uma *toilette* elegante de inverno. Nunca a moda nos foi tão favoravel nem tão economica n'este ponto, pelo possivel aproveitamento de antigas estolas, que, guarnecidas de entremeios de *guipure*, de tiras de veludo, se prestam á confecção de um bonito regalo. Alguns são feitos da propria fazenda do vestido, constituindo esta a parte do centro e applicando-se-lhe dos lados duas tiras de pelle. De grandes dimensões todos elles, variam na fôrma, sendo uns chatos, outros sobre o comprido, e alguns completamente quadrados.

As *écharpes* continuam a estar na moda; as de tulle, de gaze, bordadas a prata, a ouro, lantejoilas e missangas, são de um lindo effeito para uma *toilette* de noute, devendo a côr condizer com a do vestido. Como ultima novidade, vêem-se as largas *écharpes* de musselina, de uma só côr, sempre em tons muito palidos, orladas de grandes franjas, um primôr de bom gosto; outras, de setim preto, forradas de branco,

são as mais usadas para *toilette* de passeio ou visitas. A nossa gravura n.º 4 representa um d'esses modelos, feito de velludo musselina, preto, acabando as pontas por grandes borlas de *passementerie*.



N.º 4



**Chapeus**

Os chapeus são quasi todos de forma *cloche*, começando a sêr abandonado o feitiço Luis XV. A maior parte tem uma pequena queda na frente, sendo a aba maior atrás. Quanto ao tamanho, continuam a usar-se bastante grandes para maior *toilette*, e para mais ligeira os toques de aba pequena e copa bastante alta, sendo esta formada com o velludo franizado ás pregas, e em volta um simples galão.

As plumas, como sempre, formam a maior belleza de um chapeu. Uma grande pluma *pleureuse* atravessando a co-

pa é o sufficiente para guarnecer um chapeu, dando-lhe, com a simplicidade, verdadeira riqueza e elegancia. Os chapeus pretos, de flamão ou de velludo, com as

plumas da côr do vestido, são a ultima novidade.

Apresentamos ás nossas leitoras tres modelos, em gravura :

1.º — Lindo chapeu de velludo preto,



N.º 1

tendo como unico enfeite uma rica pluma *pleureuse* verde ervilha.

2.º — Elegantissimo chapeu de flamão



N.º 2

*gris-fer*, guarnecido com duas grandes rosas de velludo *mauve* em dois tons, e folhagem verde.

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, augmentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE**.

3.º — Chapeu para ligeiro, muito bonito e pratico, confeccionado de velludo preto,



N.º 3

tendo a copa alta, formada de velludo franzido, e á frente grande fivella de aço.

### De palestra

Opiniões  
sobre a «toilette»  
das mulheres

Qual deveria ser a *toilette* feminina que mais acceitação tivesse na opinião dos homens? Eis um problema certamente interessante, e para que já foram dadas, por personalidades conspicuas do mundo actual, algumas indicações curiosas. E ahi temos, em primeiro lugar, o proprio chefe do catholicismo, o papa Pio X, a entrar na discussão, recommendando a todos os bispos da Igreja Catholica que publicassem cartas pastoraes reprovando certas tendencias da moda actual. A estas cartas accresceram em alguns paises as condemnações sacerdotaes nos pulpitos, anathematizando a maneira escandalosa como as mulheres se apresentavam em publico.

Ao lado d'estas condemnações seria mais prestavel que os juizes das modas actuaes apresentassem os modelos que deveriam substituir os que os figurinos nos apresentam. Roosevelt, o ex-presidente dos Estados Unidos que tanto tem prendido a attenção mundial, dizia recentemente:

«Eu opino por uma saia curta para toda a mulher que tem uma vida activa de tra-

balho. Não me agradaria ver cousa que se aproximasse do trajo masculino. A mulher deve vestir saia, mas mais curta do que até aqui se tem usado.»

Outros homens de notabilidade se têm manifestado no assumpto, apresentando opiniões de diversas especies. Marcel Prevost, por exemplo, indica d'esta forma a opinião de varios homens sobre o assumpto:

«Um homem admira uma mulher na sua *toilette* de baile, póde acha-la encantadora num trajo de visita, mas, creiam, quando tenta evocar a sua imagem ao espirito, em nove casos sôbre dez, vê-a com o seu vestido *tailleur*. Porquê? Não o sei precisamente. Ha qualquer cousa de franco e aberto, arranjado e pratico no vestido *tailleur*, que agrada a um homem.

Portanto, jovens senhóras, se quereis que os homens pensem bem de vós, escolhei com cuidado o vosso vestido *tailleur*.»

Deve notar-se que Prevost é um francês falando do *tailleur* de uma verdadeira parisiense, e que esta evita tudo quanto lembre a figura masculina no seu *tailleur*. Ha mil detalhes que tornam a sua concepção desse trajo distinctamente feminina. E é essa a justa concepção: o vestido de uma mulher deve-lhe sêr tão proprio como os seus olhos o são da sua constituição fisica, emanar da pessoa e sêr d'ella uma parte. A côr deve harmonisar-se com a coloração da pelle, e as linhas devem seguir as do corpo.

O homem aprecia unicamente a harmonia do conjuncto. O custo, a confecção, as guarnições passam-lhe despercebidos, e nada são para elle. Por isso a mulher que procura a linha e a simplicidade, suscita a admiração do homem, que detesta o trajo presumido como detesta a mulher presumida.

A mulher examina no vestido d'uma outra, o tecido, a côr; o feitio, a novidade da sua *toilette*. O homem é menos minucioso e apenas admira o conjuncto.

E os artistas? Esses, que mais competencia têm, pois passam horas da sua existencia pensando na maneira de tornar a mulher mais bella, recusam tomar a questão da *toilette* feminina a serio. Um pintôr celebre disse: Recuso criticar qualquer moda pois a minha opinião é esta: vista-se de qualquer forma, seja qualquer o estilo e feitio da sua *toilette*, a mulher é sempre encantadôra!

escolhiam os noivos de suas filhas, eram estas que consultavam os paes sobre o valor da escolha do seu coração, feita nas pequenas reuniões da vizinhança, nos bailes, ou nos passeios do bairro.

Mas ao terminar o seculo XVIII, a vaidade, a ostentação, a dissipação e a loucura do tempo, affectaram tambem a burguezia. A burguezia tambem fazia tres *toilettes* ao dia, trazia diamantes, arruinava e deshonorava o marido. Como as nobres, dava jantares e recepções; tinha leito separado, e, para ser livre, mandava as filhas para o convento. No fim do seculo não era facil distinguir a burguezia da nobre. Duas monstruosidades moraes.

Havia burguezas que iam á missa seguidas de um laçao portador do devocionario em marroquim. Eram as mulheres dos negociantes do bairro.

### XXXVI

Vae decorrido um seculo, e muitos não de vêr na descripção que fizemos dos costumes francezes do seculo passado a imagem flagrante dos costumes portuguezes do nosso tempo.

Deixemos á critica intima de cada um a visão triste da nossa decadencia. Porque a sociedade portugueza vae atrasada de um seculo. Repete-se hoje o que já nenhum povo faz.

Mas critiquemos.

A mulher franceza, antes do reconhecimento da egualdade civil, já enfermava da devassidão de costumes que hoje tanto abalam a familia. Não foi, pois, a emancipação civil da mulher, o seu poder igual ao do pae para com os filhos, não foi essa liberdade domestica que a tornou menos moralizada. Não, e até se se attender aos factores novos da influencia dos plutocratas ou ricos industriaes na viciação das mulheres pobres, se terá como verdade que a emancipação civil da mulher a fez mais honesta, porque a tornou mais responsavel pela liberdade.

Tambem se não dirá que, dá permissão para a mulher de poder usar da liberdade industrial, d'essa permissão veiu a decadencia dos costumes femininos, do pudor e do brio. Não, que até, se não foram os brutalissimos defeitos do industrialismo contemporaneo,

defeitos que se não de ir attenuando, se elles não foram, a mulher poderia ganhar facilmente a vida pelo trabalho, depois de devidamente illustrada, e não haveria tanta miseria pelas viellas, accusada pela existencia de mulheres ignorantes e indolentes, e de argentarios privilegiados e devassos.

Os arabes, negando a liberdade civil e industrial á mulher, sob o pretexto de que as suas funcções só podem ser caseiras, tornaram-na immoral e inconsciente, sem pun-donor e escrava.

Está provado pela Historia que a auctoridade material tende a desaparecer na proporção que a illustração de cada um vae erigindo no fóro intimo, pela liberdade e pelos impulsos moraes, o poder tão effcaz e tão humano da consciencia moral.

### XXXVII

Emquanto a humanidade não foi illustrada obedeceu aos estímulos sensiveis ou á força bruta, o que é o mesmo. Foi a phase do patriarchado e do cesarismo. Depois, pela menor ignorancia, crearam-se os governos chamados constitucionaes, d'um poder mais formalista que deu logar ao poder da consciencia moral, e hoje cada vez mais se tende a restringir o poder material e repressivo do Estado, ao passo que o individuo, pela illustração, pelo conhecimento dos seus interesses, dos seus deveres e das suas obrigações vae cumprindo livremente, sem coacção physica, as suas funcções sociaes. E' que ha um só caminho para a felicidade — é o do cumprimento dos nossos deveres. E, para sermos felizes, não deve ser necessario que a isso outrem nos obrigue.

O interesse do individuo é o interesse da collectividade, de que o individuo é como que átomo e de que a familia é molécula.

A melhor, a unica solução dos problemas sociaes, como — organização da familia, funcções sociaes da mulher, divorcio, polygamia e outros, — não é a que os philosophos encontram por um processo idealista. Não ha situações absolutamente boas; o que hoje é bom, será máu amanhã. O que se deve fazer, dentro da esphera reflectida da acção humana, é promover a educação integral de todos os individuos, qualquer que